



I.A.D
INSTITUTO DE ARTES E DESIGN
UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

**Projeto Pedagógico de Curso
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS**

MAIO/2019

Sumário

INTRODUÇÃO	3
PERFIL DO CURSO	3
2.1. Coordenação da Licenciatura em Artes Visuais	6
2.2. Perfil do egresso	6
2.3. Metodologias de Ensino/Princípios Didático-Educativos	8
ESTRUTURA CURRICULAR	10
3.1. Núcleo de Formação Geral (FG)	14
3.2. Núcleo de aprofundamento e diversificação de estudos das áreas de atuação profissional da formação específica (NA)	15
3.3. Núcleo Profissionalizante (NP)	16
3.4 IV – Núcleo Eixos Transversais: Flexibilização Curricular, Prática Como Componente Curricular e Educação e Cultura em Direitos Humanos, Diversidade e Inclusão (NET)	17
PADRÃO DE OFERTA DE DISCIPLINAS	17
4.1 Integralização Curricular	20
ESTRUTURA CURRICULAR EM VIGOR	20
5.1. Tabela de equivalências	21
TRABALHO DE FORMAÇÃO DOCENTE (TFD)	23
ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO	25
7.1. Estágio não-obrigatório	26
FORMAÇÃO COMPLEMENTAR	26
EXTENSÃO	28
FORMA DE ACESSO AO CURSO	28
SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO PROJETO DO CURSO	28
11.1 Avaliação do Curso	28
11.2. Avaliação de docentes, funcionários e técnicos-administrativos	29
11.3. Sistema de Avaliação de Ensino e Aprendizagem	30
11.4. Núcleo Docente Estruturante (NDE)	31
DISPOSIÇÕES FINAIS	31
12.1. LIBRAS:	31
12.2 Informações sobre o curso	32
12.3 Adaptação ao novo currículo	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	32
ANEXOS: CADERNO DE EMENTAS	34

1. INTRODUÇÃO

O Projeto Político Pedagógico aqui apresentado constitui-se numa reformulação da estrutura de curso vigente (currículo de 2016), criada para formação de licenciados em Artes Visuais¹. Tal estrutura tem como base o Bacharelado Interdisciplinar em Artes e Design, implementado em 2009, o qual oferece opção de formação específica em segundo ciclo, sendo uma delas a Licenciatura em Artes Visuais. Desse modo, apresentamos neste documento a reformulação de curso que altera o modelo atual de entrada única via Bacharelado Interdisciplinar com opção de formação específica em segundo Ciclo, para entrada única em curso de Licenciatura em Artes Visuais. O projeto, com previsão de implementação para 2020, é também uma reformulação de componentes curriculares vigentes, dada a constante necessidade de atualização diante dos cenários artísticos e educacionais da atualidade. Considerou-se como referencial na construção dessa proposta as normativas determinadas pelo PPI (Projeto Pedagógico Institucional) para as Licenciaturas da UFJF (Resolução N°111/2018).

2. PERFIL DO CURSO

Seguindo as orientações e determinações decorrentes do Plano Nacional de Educação (2014-2024) e das Diretrizes Curriculares para Formação Inicial e Continuada de Professores/as², buscou-se construir um modelo de formação para a Licenciatura em Artes Visuais capaz de permitir aos discentes alcançar uma formação inicial sólida dentro dos campos da educação e da arte, como também desenvolver autonomia para seguir caminhos diversos a partir dessa formação e ao longo de seu percurso dentro e fora da universidade.

O último modelo de formação de licenciados em Artes Visuais da UFJF, na perspectiva do Bacharelado Interdisciplinar em Artes e Design, trouxe como experiência a percepção da necessidade de se enfatizar os estudos da arte contemporânea e suas tecnologias na arte-educação, aliados ao conceito de transdisciplinaridade. Muitos dos códigos e linguagens presentes nas novas mídias são os elementos com os quais estudantes da educação básica mais se identificam, o que torna urgente a atualização dos currículos e modelos de ensino e formação de professores. Contudo, é sabido que o lidar com o universo da arte contemporânea no ensino básico possui muitas restrições, sendo uma das principais delas a natureza formativa dos próprios professores, por vezes

¹ Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Juiz de Fora

²Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=17719-res-cne-cp-002-03072015&category_slug=julho-2015-pdf&Itemid=30192

pouco preparados ou mesmo sem formação alguma na área de novas tecnologias educacionais e da arte.

Há que se considerar que a arte contemporânea possui uma diversidade de caminhos que envolvem extensa gama de linguagens, mídias, procedimentos, poéticas e leituras relacionadas ao fazer artístico e à experiência estética. Ela também nos permite acessar expressões e linguagens artísticas do passado, ligadas a diferentes tradições na arte e na cultura em geral. Esses percursos só são possíveis de serem amplamente construídos quando existem meios favoráveis, pautados no acesso e contato a diferentes expressões em arte, não somente àquelas ligadas à chamada arte universal e a estratos sociais dominantes.

O papel do futuro educador enquanto mediador será amplamente investigado ao longo do percurso formativo na Licenciatura, compreendendo-se a mediação, na fala da artista e educadora Mirian Martins Celeste, como um "estar entre", que não é passivo ou fixo, mas propositivo, ativo e flexivo. Propomos pensar a arte na sua pluralidade, o que envolve, inclusive, pensar a arte-educação numa perspectiva do patrimônio cultural e da cultura visual.

É notório que a arte-educação no Brasil e em diversos países reproduziu discursos hegemônicos que foram amplamente difundidos no campo da história da arte e crítica e na cultura de modo geral. O impacto desse modelo restrito (comum ainda hoje), impossibilita ao estudante em formação de acessar plenamente sua potência crítica e criativa, já que interfere e limita sua visão de mundo. Desse modo, a discussão das temáticas relacionadas à diversidade foram uma preocupação na construção das grades curriculares indicadas neste PPC.

Reforçamos nesse novo modelo de formação, o conceito de arte como conhecimento, e, como tal, deve ser acessado e produzido a partir de diferentes linguagens, perspectivas e contextos históricos/culturais. Considera-se o fato de que o ensino escolar frequentemente destaca e hipervaloriza a linguagem verbal, em detrimento da linguagem visual ou musical (ou as demais linguagens ligadas ao ensino da arte). Pretende-se contribuir na formação dos futuros docentes através da investigação apurada desses processos e da criação e proposição de caminhos possíveis para sua atuação na escola. Assim, esperamos ampliar o repertório cultural dos graduandos e oferecer pontes para a educação estética, sempre em diálogo com a arte contemporânea, a cultura visual, e a pluriculturalidade. Igualmente, imaginamos para esta formação um perfil de licenciado mais flexível e contemporâneo, o do artista/professor/pesquisador.

A Proposta Triangular, de Ana Mae Barbosa, é também basilar neste projeto, já que a perspectiva dessa autora, que valoriza a interpretação, considera a arte não só como expressão, mas também como cognição, sendo assim parte inseparável da cultura. Como poderia um jovem estudante em formação poetizar e fruir arte quando lhes são impostos modelos que muitas vezes pouco ou nada se relacionam às suas experiências culturais e ao seu meio? Ao investigarmos diferentes modelos

de mediação em arte, leitura de obra, poéticas e processos, ampliamos nossos modos de ver arte, recriamos e ressignificamos diversos elementos ligados a ela.

Com isso, a educação numa perspectiva pluricultural, ou ainda transcultural, constitui-se num eixo importante, pois potencializa o poetizar e fruir a arte. Considera-se aqui as limitações do conceito de arte ocidental e o discurso hegemônico da chamada arte universal. Como afirma o pesquisador Hans Belting, em seu livro *O fim da história da arte* (2012), há a necessidade de um revisionismo histórico que destaque produções além das artes europeias e norte-americanas, tais como as chinesas, as diversas culturas negras, as árabes, persas, indianas, ou ainda, recortes de gênero que tragam à tona produções femininas, sistematicamente excluídas, até a atualidade, no contexto das artes consideradas eruditas. Trata-se de criar mecanismos que permitam a ampliação de olhar dos licenciandos, considerando diferentes valores culturais e sem ignorar as referências dos discentes com os quais eles atuarão. Desse modo, poderemos construir processos educativos que se constituam em aprendizagem significativa, teoria cunhada por David Paul Ausubel, o qual dizia que “O fato mais importante que influencia o aprendizado é aquilo que o aprendiz já conhece”.

O que melhor define e que, talvez, singularize o Projeto Político, Pedagógico e Artístico do Instituto de Artes e Design da UFJF é o fato do amplo repertório da cultura criativa contemporânea constituir a coluna vertebral dos *currícula* de todos os cursos que o IAD oferece, estrutura a partir da qual são instituídas as redes de relações entre as diversas linguagens e alimentados os focos irradiadores de seus estudos multidisciplinares.

Isto significa que a pesquisa de base *poiética*, intersemiótica e intermediática - profundamente dependente da *práxis* reflexivo-criativa - constitui o eixo fundamental a partir do qual estão sendo desenhadas as linhas de organização das atividades de ensino, pesquisa e extensão do Instituto.

O IAD coloca a CRIAÇÃO no centro de seu projeto pedagógico, quer se aplique à aprendizagem de saberes, ao desenvolvimento de competências, à aquisição de habilidades ou à potencialização da formação artística. O Instituto propõe-se, então, como um lugar de reflexão e de intercâmbio que trabalha para o desenvolvimento de competências criativas.

Um grande tema no mundo, hoje, é o conceito de criatividade e como esta pode ser estimulada. Entendemos que a criatividade pode ser estimulada no processo de formação do estudante, se focada por um projeto articulado, crítico, tecido entre os pilares da arte, da sociedade e da cultura. Este projeto é orientado pelo propósito de preparar os alunos para um conhecimento e uma reflexão de natureza empírica sobre as Artes e sua criação, sendo esses campos entendidos nos eixos que os desdobram enquanto áreas de conhecimento de fronteiras fluidas, que por sua vez se alimentam de distintas culturas e produtos.

Um ensino organizado em metodologia problematizadora, inovadora, transformadora, integrada, crítica e com vínculos com os movimentos da sociedade tem sido a orientação para a formulação dos projetos pedagógicos dos distintos cursos do IAD, que pretende promover um conjunto de valores comuns: a capacidade de iniciativa e de invenção, a autonomia, a competência, o conhecimento, o espírito crítico, a autenticidade pessoal e a consciência social; valores estes entendidos como fundamentais ao profissional que pretende responder às demandas da sociedade nas distintas áreas.

É precisamente nesse contexto que o presente documento estabelece as diretrizes do Curso de Licenciatura em Artes Visuais do Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Juiz de Fora.

2.1. Coordenação da Licenciatura em Artes Visuais

A coordenação será exercida em carga horária de 20 horas semanais por docente doutor com regime de dedicação exclusiva. A eleição será realizada pelo departamento e por consulta aos alunos matriculados no curso. Os mandatos de coordenação serão de 3 anos podendo haver reeleição do mandato.

2.2. Perfil do egresso

As competências que definem o perfil do egresso da Licenciatura em Artes Visuais dependem do projeto de formação do aluno, cujo caráter pessoal indicará o campo ou campos de pesquisa técnica e teórica sobre os quais se deteve; os aspectos da cultura geral que foram priorizados; as relações entre prática e teoria que conseguiu articular e as atividades complementares (estágios, treinamento profissional, iniciação artística, monitorias etc) que empenhou-se em experimentar.

O perfil do egresso da Licenciatura em Artes Visuais tende a ser aquele que o situa como artista/professor/pesquisador, tendo livre trânsito para atuar na educação formal (formação convencional) ou não-formal (museus, centros culturais, ONGs etc), como artista visual, em organizações não governamentais, objetivando a pesquisa, crítica e desenvolvimento poético/estético.

Espera-se também que o egresso deve atuar como agente efetivo da pluralidade cultural, refletindo e promovendo reflexões sobre questões inclusivas étnicas, de gênero, e/ou voltadas para portadores de necessidades especiais, articulando os fazeres artístico, científico e pedagógico, percebendo-se como mediador na construção do conhecimento, consciente de sua condição social como professor, tendo como meta o domínio estético, crítico e pedagógico no campo das Artes Visuais.

Deve ainda prever a atuação na coordenação e assessoria em estabelecimentos de ensino e/ou difusão cultural públicos ou privados, de planejamento pedagógico-didático no ensino da arte, em disciplinas que

tenham como transversalidade temas afeitos à arte, ou mesmo em disciplinas ou projetos educacionais que, não sendo especificamente referenciados pela arte, necessitem, em sua criação no estabelecimento, de um profissional que, por suas capacidades operativas a partir de sua formação científica e pedagógica quanto ao objeto arte, possa contribuir para o planejamento de disciplinas e projetos específicos de uma área, ou para oferecer conhecimentos específicos aos participantes.

Sua formação acadêmica teórica e analítica deve estar voltada para o desdobramento do fenômeno artístico em suas diversas discussões teóricas e questões contemporâneas, e o aprofundamento de conceitos relacionados à formação de valores como a ética, a solidariedade e a educação para a transformação social, tornando possível o ingresso em programas de Pós-Graduação em diversas áreas.

Deste modo, as competências relevantes a serem desenvolvidas neste curso são a capacidade de:

- Compreender os processos de produção artísticas como um conjunto de métodos que pode ser aplicados a outros campos do saber;
- Desenvolver, em seus futuros alunos, a capacidade de utilizarem esse conjunto de métodos não apenas para a produção de objetos e processos estéticos, mas também para solução de problemas e criação de processos e objetos em outros campos do saber;
- Desenvolver, em seus futuros alunos, a capacidade de perceber, compreender e interpretar diferentes representações visuais reconhecendo os contextos culturais em que tais representações foram produzidas.
- Desenvolver nos/as licenciandos/as, bem como a capacidade destes/as licenciandos/as de desenvolverem, em seus futuros alunos, a autonomia, entendendo este termo segundo a definição dos Parâmetros Curriculares Nacionais:

[...] capacidade de saber fazer escolhas e de posicionar-se, elaborar projetos pessoais e participar enunciativa e cooperativamente de projetos coletivos, ter discernimento, organizar-se em função de metas eleitas, governar-se, participar de gestão de ações coletivas, estabelecer critérios e eleger princípios éticos etc." (PCN - 5ª a 8ª séries - introdução, p. 89-90).³

2.3. Metodologias de Ensino/Princípios Didático-Educativos

Tomando como base as competências pretendidas, pensamos a arte e o fazer artístico como denominador comum entre conteúdos interdisciplinares, multidisciplinares e/ou transdisciplinares, ou seja: arte

³ Em: NOGUEIRA, Nilbo Ribeiro. **Pedagogia dos Projetos: etapas, papéis e atores**. São Paulo: Editora Érica Ltda, 2011, 4ª. Ed, p. 47.

como método dentro de diferentes disciplinas, arte como meta comum de múltiplas disciplinas e arte como tema atravessando diferentes disciplinas.

Deste modo, pensamos como princípio norteador das diferentes metodologias a noção de atitude globalizadora como forma de sabedoria, situando esta globalização em torno de três eixos básicos:⁴

- a articulação entre conhecimentos para construção de uma compreensão do e atuação no mundo, em lugar da aquisição de conhecimentos isolados e fragmentados;
- a possibilidade de intercâmbio epistemológico, permitindo a pluralidade de construção e articulação de conhecimentos por diferentes vias de "fazer";
- a abordagem complexa e multifocal de temas.

Para que isso seja possível, é fundamental estabelecer uma relação professor-aluno pautada pela dialética da troca de conhecimentos teóricos e práticos sobre os temas do curso. Assim, o professor não é um mero reproduzidor de saberes, mas um coordenador que procura, em sala de aula, articular os saberes e experiências plurais dos alunos, tecendo os mesmos nas questões teóricas do curso e visibilizando-os em cruzamentos e aplicações às abordagens temáticas dos conteúdos programáticos. A relação professor-aluno, portanto, visa a uma contribuição dialógica entre ambos, em que a construção do saber esteja alicerçada não somente em conteúdos transmitidos pelo professor, mas na valorização do aluno como agente produtor do saber.

Assim, não somente é valorizada a aula expositivo-teórica, mas também a constituição de seminários e oficinas, que assim se tornam um fator privilegiado de construção de aprendizado. Neste seminários e oficinas, o aluno, individualmente ou em grupo, apresenta os resultados de leituras previamente indicadas pelo docente, articulando essas leituras em projetos de pesquisa, de concepção de objetos didáticos e estéticos e de prática docente, os quais serão expostos à crítica e ao debate por seus pares, em uma ação pedagógica dinâmica, interventiva e socializante, em que o conhecimento se construirá pelo coletivo, mediado pelo docente enquanto interlocutor privilegiado desta produção.

O trabalho em grupo entre os discentes, tanto para a produção de seminários quanto nas oficinas, também é forma de socialização em que as diferenças de interpretação são colocadas em diálogo, visando a interação na produção do conhecimento que requer dos alunos, em suas visões e interpretações diferentes de um determinado tema, a colocação com clareza da explicação e articulação das ideias, o ceder, ouvir o outro, repensar ideias, buscar sínteses, enfim, uma socialização que se faz

⁴ HERNÁNDEZ, Fernando. **Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho**. Trad. Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artmed, 1998; NOGUEIRA, Nilbo Ribeiro. **Pedagogia dos Projetos: etapas, papéis e atores**. São Paulo: Editora Érica Ltda, 2011, 4^a. Ed.

através da busca em comum de objetivos e de clarificação de ideias, articulados através do diálogo e das relações de alteridade, dado que a construção do conhecimento passa sempre pelo diferente e pelo diálogo com ele.

Além dos conteúdos disponibilizados em textos seletos das disciplinas, tal produção de conhecimento também será mediada através de recursos tecnológicos e multimidiáticos, como documentários e filmes, utilização da Internet e seus diferentes recursos e linguagens, recursos poéticos diversos, como a visita a exposições e eventos de natureza artística, visitas a ateliês de artistas e a escritórios de Design. Isso acontecerá sempre no sentido de congregar tais recursos na prática docente, não só em escolas, mas também em outros espaços de aprendizagem, como museus e centros culturais.

O curso contará, essencialmente, com exposições teóricas de conteúdo sobre os temas dos ementários, por meio dos recursos acima listados, com trabalhos práticos nos ateliês do Instituto de Artes e Design, com pesquisas e proposição de trabalhos em outros espaços da UFJF, promovendo a integração entre os diversos campos do saber universitário, e em outras instituições.

Os conceitos referidos acima visam zelar, a um tempo, pela conjugação entre individualidade e integração, interpretando o educando como ser que, em sua individualidade, personalidade e história, possui potenciais e originalidades que são autônomas, mas que se realizam e aperfeiçoam na integração de saberes com outras individualidades e potenciais advindos delas. Assim, a mutualidade, a pluralidade e a complexidade na construção e difusão do saber são os princípios que regem o planejamento didático deste Projeto.

Esperamos, deste modo, atender às demandas e expectativas do PARECER CNE/CES No: 280/2007, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Artes Visuais, bacharelado e licenciatura, publicado no Diário Oficial da União de 24/07/2008. As diretrizes que nos norteiam são:

- I - O ensino visando a aprendizagem do aluno.
- II - O acolhimento e o trato da diversidade.
- III - O exercício de atividades de enriquecimento cultural.
- IV - O aprimoramento em práticas investigativas.
- V - A elaboração e a execução de projetos de desenvolvimento dos conteúdos curriculares.
- VI - O uso de tecnologias da informação e da comunicação e de metodologias, estratégias e materiais de apoio inovadores.
- VII - O desenvolvimento de hábitos de colaboração e de trabalho em equipe.

3. ESTRUTURA CURRICULAR

A vida universitária deve ser de interação com os múltiplos saberes do ambiente da UFJF. A adaptação dos estudantes à vida universitária será promovida por um programa de tutoria ligado à coordenação acadêmica da Licenciatura, com a finalidade de acompanhar os graduandos ouvindo suas demandas e facilitando sua integração com a nova dinâmica de mobilidade e as atividades dos cursos.

As atividades que compõem o percurso formativo da Licenciatura em Artes Visuais não devem se restringir às atividades em sala de aula, mas devem ser espaços de promoção de eventos ligados à cultura artística, humanística e científica, sobretudo trocando com as outras Instituições de formação superior do país, com vistas a promover a diversidade e o aprofundamento na formação dos estudantes.

Os currículos devem conter espaços de experimentação, com ênfase nas disciplinas de práticas, que permitam aos estudantes, por exemplo, aproveitar atividades complementares de formação como créditos de carga horária.

No que se refere à aplicabilidade prática desta perspectiva, a estrutura curricular foi articulada de modo a tecer uma rede que relaciona matérias, disciplinas e atividades propostas, a partir de distintos territórios cognitivos, apoiados por um programa de estudos - comum a todos - que colocam lado a lado as especificidades e interfaces das culturas artística, humanística e científica.

Ao eleger disciplinas redesenhadas a partir de problemas contemporâneos, organizadas sob grandes unidades temáticas, os alunos aprimoram seus conhecimentos, ampliando seu arquivo cultural, desenvolvendo suas habilidades, redefinindo vocações e diversificando competências.

O núcleo de disciplinas eletivas de formação, em especial, não será circunscrito a um conjunto de habilidades exclusivas, e isso tem consequências pedagógicas consideráveis, na medida em que a ênfase na formação de um especialista não é a perspectiva dominante do curso, mas, antes, a integração do especialista a um conjunto de práticas e saberes compartilhados, necessários ao desenvolvimento de sua excelência. Essa forma pedagógica torna-se ainda mais consistente quando associada à inovadora decisão de estabelecer a formação interdisciplinar desde o início dos cursos.

Os componentes curriculares da Licenciatura em Artes Visuais estão organizados em quatro (04) grupos, conforme o papel que desempenham na formação. De acordo com a resolução nº 111/2018 do Conselho Geral de Graduação da UFJF, foi aprovado o Projeto Pedagógico Institucional (PPI) das Licenciaturas, no qual determinou-se que:

Os currículos das Licenciaturas na UFJF organizam-se a partir de três núcleos formativos e eixos integradores, quais sejam: I- Núcleo de

Formação Geral, II - Núcleo de Aprofundamento e Diversificação de Estudos das Áreas de Atuação Profissional, III - Núcleo Profissionalizante; IV - Núcleo de Eixos transversais: Flexibilização Curricular, Prática Como Componente Curricular e Educação e Cultura em Direitos Humanos, Diversidade e Inclusão. Este PPI admite como carga horária aos núcleos: mínimo de 720 horas ao Núcleo I, mínimo de 1020 horas ao Núcleo II e mínimo de 400 horas (obrigatórias equivalentes aos estágios curriculares) ao Núcleo III. O Núcleo IV atravessa todo o currículo e assume 400 horas de prática como componente curricular e 200 horas de flexibilização, sendo estas obrigatórias aos cursos de licenciatura. Cada PPC deve observar o somatório dos 4 núcleos, considerando o cumprimento de, no mínimo, 3.200 horas (três mil e duzentas horas) de acordo com o Artigo 13 da resolução CNE/CP 02/2015, § 1º.

(FONTE:

<http://www.ufjf.br/congrad/files/2018/02/Resolu%C3%A7%C3%A3o-111.2018-Projeto-Pedag%C3%B3gico-Institucional-das-Licenciaturas.pdf>)

As disciplinas eletivas cursadas devem totalizar o mínimo de 540h (incluindo as horas práticas das mesmas) e podem ser integralizadas em quaisquer uma das disciplinas eletivas do Núcleo II-C, tanto no IAD quanto na FACED, conforme listagem apresentada na tabela a seguir. Ainda que organizadas no contexto de quatro categorias funcionais (descritas acima), as disciplinas de formação da Licenciatura em Artes Visuais devem também atender às necessidades de formação que envolvem Arte e cultura geral, Linguagens, Arte-educação e suas poéticas, Formação pedagógica específica (FACED) e disciplinas específicas voltadas para imersão e Prática docente. Há também um oferecimento de algumas disciplinas na área de música (optativas) no IAD, cuja disponibilidade deve ser consultada junto à coordenação de curso conforme interesse. As optativas podem ser cursadas em qualquer departamento da UFJF, desde que existam vagas, tendo suas horas computadas como atividades complementares.

TOTAL DO CURSO: 3260H
I – NÚCLEO DE FORMAÇÃO GERAL: 720h
A - Arte e cultura geral (obrigatórias): 420h - IAD
(ART376) - Arte e História I: 60h (obrigatória)
(ART377) - Arte e História II: 60h (obrigatória)
(ART378) - Arte e História III: 60h (obrigatória)
(ART186) - Linguagem Visual: 60h (obrigatória)
(ART084) - Desenho Geométrico Aplicado às Artes: 60h (obrigatória)
(ART186) - Imagem Digital 2D: 60h (obrigatória)
(ARTXXX) - Seminários de Temas Transversais: 60h (obrigatória)
B – Formação básica Linguagens da arte (obrigatórias): 300h - IAD
(ART049) - Cerâmica I: 60h (obrigatória)
(ART024) - Pintura I: 60h (obrigatória)
(ART021) - Gravura I: 60h (obrigatória)
(ART006) - Desenho Artístico I: 60h (obrigatória)

(ART081) - Escultura I: 60h (obrigatória)

II - NÚCLEO DE APROFUNDAMENTO E DIVERSIFICAÇÃO DE ESTUDOS DAS ÁREAS DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL DA FORMAÇÃO ESPECÍFICA: 1170h

A - Arte-educação e suas poéticas (obrigatórias): 150h - IAD

(ARTXXX) - Mediação em Artes: 60h (possui disciplina prática)

(ART368) - Leitura e Produção de Imagens: 30h (possui disciplina prática)

(ARTXXX) - Arte Educação e Novas Tecnologias: 30h (possui disciplina prática)

(ARTXXX) - Poéticas Visuais na Arte-educação: 30h (possui disciplina prática)

B- Formação pedagógica específica para a Licenciatura em Artes Visuais (obrigatórias): 480h - FACED

(EDU140) - Saberes artísticos escolares: 60h (possui disciplina prática)

(EDU034) - Estado, Sociedade e Educação: 60h

(EDU139) - Metodologia do ensino das Artes: 60h

(ADE103) - Políticas Públicas e Gestão do Espaço escolar: 60h (possui disciplina prática)

(EDUXXX) – Ensino de artes visuais na escola básica I: 30h (possui disciplina prática)

(PEO039) - Processos de Ensino/aprendizagem: 60h

(EDUXXX) – Ensino de artes visuais na escola básica II: 30h (possui disciplina prática)

(LEM184) - Libras: 60h

(EDU054) - Questões filosóficas aplicadas à educação: 60h

C - Eletivas*: 540h

*Podem ser cursadas no próprio IAD ou na FACED, conforme listagem abaixo.

Eletivas Licenciatura em Artes Visuais - IAD

(ARTXXX) - Oficina de Jogos Analógicos: 30h

(ARTXXX) - Aplicação orientada de Oficina de Jogos Analógicos: 60h

(ARTXXX) - Oficina de Jogos Analógicos Fase Beta: 30h

(ARTXXX) - Aplicação orientada de Oficina de Jogos Analógicos Fase Beta: 60h

(ART362) - Oficina de Material Didático: 30h

(ART374) - Aplicação orientada de Material Didático: 60h

(ART363) - Oficina de Material Didático Fase Beta: 30h

(ART375) - Aplicação orientada de Oficina de Material Didático Fase Beta: 60h

(ARTXXX) - Laboratório de Arte: Linguagens Artísticas e Metodologias de ensino: 30h

(ARTXXX) - Aplicação orientada de Laboratório de Arte: Linguagens Artísticas Metodologias de ensino: 60h

(ARTXXX) - O Lúdico na Arte-Educação: 30h

(ARTXXX) - Aplicação orientada de O Lúdico na Arte-Educação: 60h

(ARTXXX) - Narrativas Visuais e Concept Art: 30h

(ARTXXX) - Aplicação orientada de Narrativas Visuais e Concept Art: 60h

(ARTXXX) - Ensino de História da Arte e crítica: 30h

(ARTXXX) - Aplicação orientada de Ensino de História da Arte e crítica: 60h

(ARTXXX) - Museologia: 30h

(ARTXXX) - Aplicação orientada de Museologia: 60h

(ARTXXX) - Editoração para Artes: 30h
(ARTXXX) - Aplicação orientada de Editoração para Artes: 60h
Eletivas Bacharelado em Artes Visuais - IAD
(ART016) - Cerâmica II: 60h
(ART025) - Pintura II: 60h
(ART022) - Gravura II: 60h
(ART007) - Desenho Artístico II: 60h
(ART082) - Escultura II: 60h
(ART204) - Estética e Crítica: 60h
Eletivas FACED
(EDU319) – Arte e cultura Afro-brasileira: 60h
(EDU317) - Teatro e Educação: 60h
III – NÚCLEO PROFISSIONALIZANTE
ESTÁGIO (obrigatório): 400h
(EDU130) - Reflexões sobre a atuação em espaços educacionais I: 60h
(MTE188) - Estágio supervisionado I: 140h
(EDU131) - Reflexões sobre a atuação em espaços educacionais II: 60h
(MTE 191) - Estágio supervisionado II: 140h
TRABALHO DE FORMAÇÃO DOCENTE (TFD): 120h
(ART364) - Trabalho de Formação Docente em Artes Visuais (TFD) I: 60h
(ART366) - Trabalho de Formação Docente em Artes Visuais (TFD) II: 60h
IV – NÚCLEO EIXOS TRANSVERSAIS
Flexibilização Curricular, Prática Como Componente Curricular e Educação e Cultura em Direitos Humanos, Diversidade e Inclusão* – 850h
*Essas temáticas são efetivamente trabalhadas ao longo de todas as disciplinas do Núcleo II e IV deste PPC.
Flexibilização: 400h
Atividades complementares: 80h
Extensão: 320h
Práticas: 450h
(ARTXXX) - Aplicação orientada de Mediação em Artes: 30h
(ART373) - Aplicação orientada de Leitura e Produção de Imagens: 60h
(ARTXXX) - Aplicação orientada de Arte-Educação e Novas Tecnologias: 60h
(ARTXXX) - Aplicação orientada de Poéticas Visuais na Arte-educação: 60h
(ARTXXX) - Aplicação orientada de TDF I: 30h
(ARTXXX) - Aplicação orientada de TDF II: 30h
(EDUXXX) - Aplicação orientada de Saberes artísticos escolares: 30h
(EDU147) - Prática escolar em Políticas Públicas e Gestão do Espaço escolar: 30h
(EDUXXX) - Prática em ensino de arte na escola básica I: 60h
(EDUXXX) - Prática em ensino de arte na escola básica II: 60h

3.1. Núcleo de Formação Geral (FG)

Constituem disciplinas obrigatórias que servem de base para abertura de diversos campos do saber artístico e da cultura de modo geral, abarcando, ainda, as análises do mundo contemporâneo e aqueles conteúdos que operam na constituição de um arcabouço intelectual que possa auxiliar o estudante no processo de estruturação do conhecimento e na organização da reflexão.

Têm caráter teórico-prático e estão propostas sobre os campos compreendidos pelos pensamentos filosófico, literário, semiológico, histórico, atualidade cultural, ciências e ciências aplicadas, devendo ser cursadas por todos os alunos que ingressam na Licenciatura em Artes Visuais, qualquer que seja o campo de formação profissional em que se especializem ao longo do curso.

Estas disciplinas são instituídas no intuito de contribuir com a formação geral do aluno, ampliando seu arquivo cultural e expandindo seu campo particular de referências, auxiliando-o, ainda, a desenvolver e articular seus conhecimentos teórico-práticos de maneira coerente, crítica e autônoma, no interior de sua práxis artístico-criativa. Elas também objetivam:

- Construir conhecimentos multidisciplinares;
- Auxiliar o aprimoramento do trabalho de construção desses conhecimentos, sua contextualização e seus encadeamentos interdisciplinares;
- Aprimorar a utilização das referências oriundas das diversas áreas do conhecimento nas propostas artístico-criativas;
- Auxiliar a formulação verbal e escrita do trabalho criativo, auxiliando a conexão entre fatos concretos e abstrações; análises e sínteses, revelando as articulações lógicas do raciocínio;
- Auxiliar no desenvolvimento da capacidade de extrapolar o jogo com a referência a outros objetos de conhecimento, originários de contextos diversos ou de práticas coletivas;
- Aprimorar a faculdade de questionamento crítico-poético, o enunciado de hipóteses de trabalho que logrem relacionar os dados objetivos da reflexão às questões de natureza mais biográfica;
- Potencializar o papel dessas aquisições no campo concreto da criação.

Tais componentes curriculares são igualmente organizados a partir do conceito operativo de matéria, sendo essas grandes unidades temáticas oferecidas no âmbito do IAD e correspondentes, no caso, a disciplinas teóricas e instrumentais entendidas como suporte para diferentes desdobramentos na formação em arte-educação. Visam proporcionar aos estudantes condições para a aquisição de dupla competência: prática e teórica.

Competência Prática: Considerando que a criatividade se manifesta através das realizações e das experimentações concretas, as matérias de competência prática são propostas aos alunos como situações-problema-padrão de pesquisa e de realização, aos quais o estudante responderá elaborando projetos criativos pessoais e, ao realizá-los, adquirirá competência técnica.

Os conteúdos dos projetos abarcarão as mais distintas práticas artísticas: pintura, escultura, animação, desenho, gravura, fotografia, vídeo, práticas editoriais, práticas corporais, práticas de ensino, cenografia, cenotécnica, à critério do estudante, o que permitirá a diversificação das habilidades e o aprofundamento no jogo das competências das áreas com as quais se identifica.

O trabalho de pesquisa experimental, abordado no contexto de aproximações diversificadas, constitui, por princípio, o fundamento do trabalho reflexivo.

Competência Teórica: Considerando que a produção artístico-criativa demanda sentido, as disciplinas teóricas, de caráter transversal e integrador, operam no circuito histórico-teórico-poético da arte e da cultura em geral, articulando e desenvolvendo as reflexões que emergem dos campos de práticas.

Este conjunto auxilia os estudantes no processo de compreensão das obras, das proposições, dos fenômenos artísticos e culturais e no desenvolvimento da competência de organização de discursos interpretativos, elaborados sob as metodologias e conhecimentos que lhes são fornecidos.

De uma maneira geral, essas disciplinas se voltam para a aprendizagem dos meios de expressão e privilegiam a relação entre cognição, visão e invenção.

3.2. Núcleo de aprofundamento e diversificação de estudos das áreas de atuação profissional da formação específica (NA)

Para o estudante completar sua formação no curso de Licenciatura em Artes Visuais são obrigatórias 1170 horas de formação específica. Vale destacar, conforme demonstrado na tabela que apresenta este núcleo, que parte desta carga horária é obrigatória, e outra é eletiva, permitindo o aluno construir um percurso mais flexível dentro de sua área de atuação. Os componentes curriculares desse núcleo possuem, em sua maioria, uma parte prática, a ser realizada a partir de disciplina cursada concomitantemente às disciplinas teóricas. O objetivo geral deste conjunto é integrar os diversos conteúdos teóricos formativos por meio da mobilização destes repertórios para diferentes processos de mediação em arte, de modo a contribuir para a materialização das reflexões críticas do licenciando e suas aplicações na sua prática docente no decorrer do curso. Tais aplicações se darão em acordo com as práticas docentes em instituições de interesse do/a licenciando/a, a saber: redes públicas de

ensino; instituições privadas de ensino; museus, centros culturais, galerias, ateliês, organizações não governamentais etc.

Houve uma grande preocupação em organizar e oferecer tais disciplinas de modo a permitir ao aluno uma formação atenta aos diferentes circuitos das artes, às poéticas visuais da contemporaneidade, à diversidade cultural e aos novos modos de poetizar e fruir arte. Desse modo, o licenciando problematiza e trabalha as práticas e poéticas visuais na perspectiva da arte-educação e suas potencialidades.

3.3. Núcleo Profissionalizante (NP)

Envolve o conjunto de disciplinas teóricas e práticas que norteiam os estágios curriculares, além do Trabalho de Formação Docente em Artes Visuais (TFD). As disciplinas são oferecidas pela Faculdade de Educação da UFJF, e o TFD é primordialmente orientado por professores do Núcleo de Artes Visuais (Bacharelado e Licenciatura) do IAD. As disciplinas oferecidas incluem os conhecimentos humanísticos e pedagógicos pertinentes ao campo da Educação, desenhados e geridos por profissionais da Faculdade de Educação da UFJF, trazendo, em suas disciplinas teóricas e práticas, a formação necessária à constituição de um profissional de educação que tenha por objetivo a arte/educação. As disciplinas teóricas oferecem a possibilidade do educando conhecer questões referentes aos processos de educação, desde os pedagógicos e didáticos que têm como tema direto a religião e seu ensino, como os que se referem às relações entre educação, legislação e políticas públicas. Estas disciplinas também formam para uma correta compreensão, por parte do educando, das relações ensino-aprendizagem em seus diversos níveis; organizam disciplinas sob o recorte prático e processual da Educação; articulam os conhecimentos teóricos e metodológicos das Artes Visuais e da Educação na prática docente, permitindo a familiaridade e domínio das técnicas pedagógicas, por meio de acompanhamentos escolares e estágios supervisionados; possibilitam ao educando o contato com a prática em sala de aula, e com tudo o que isto comporta: tensões, conflitos, planejamentos, recursos didáticos, relações humanas, oportunidades e dificuldades. É o momento (e o desafio) em que a teoria deve fazer-se carne e habitar o mundo real, fora do mundo da academia.

Aproveitando o potencial articulador dos saberes artísticos e pedagógicos na produção e experimentação de material didático-estético, a inclusão dessas disciplinas visa também oferecer o arcabouço para o desenvolvimento do Trabalho de Formação Docente em Artes Visuais (TDF I e II), melhor explicitado abaixo.

Fizeram-se necessárias alterações para atender às demandas da reformulação das Licenciaturas propostas pela Faculdade de Educação (FACED), responsável pela formação pedagógica dos licenciandos/as da Universidade, de modo que fosse possível cumprir a legislação vigente para as Licenciaturas, bem como as normativas do Projeto Pedagógico

Institucional (PPI) da UFJF para integralização de disciplinas em cursos de licenciatura com duração de 4 anos, conforme tabela a seguir:

Integralização em 4 anos

MATRIZ DAS LICENCIATURAS APÓS A REFORMA (integralização em 4 anos)					
PERÍODO	DISCIPLINAS DE FUNDAMENTOS		DISCIPLINAS DE FORMAÇÃO ESPECÍFICA		
3º	ESTADO, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO (4 créditos; 60 horas)		SABERES... (4 créditos; 60 horas)	PRÁTICA EM SABERES... (0 créditos; 30 horas)	
4º	POLÍTICAS PÚBLICAS E GESTÃO DO ESP ESCOLAR (4 créditos; 60 horas)	PRÁTICA EM POLÍTICAS PÚBLICAS... (0 créditos; 30 horas)	METODOLOGIA DO ENSINO... (4 créditos; 60 horas)		
5º	PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM (4 créditos; 60 horas)		ENSINO DE... NA ESC BÁSICA I (2 créditos; 30 horas)	PRÁTICA EM ENSINO DE... NA ESCOLA BÁSICA I (0 créditos; 60 horas)	
6º			ENSINO DE... NA ESC BÁSICA II (2 créditos; 30 horas)	PRÁTICA EM ENSINO DE... NA ESCOLA BÁSICA II (0 créditos; 60 horas)	
7º	QUESTÕES FILOSÓFICAS APLIC A EDUCAÇÃO (4 créditos; 60 horas)		REFLEXÕES... I (4 créditos; 60 horas)	ESTÁGIO SUPERVISIONADO... I (0 créditos; 140 horas)	
8º			REFLEXÕES... II (4 créditos; 60 horas)	ESTÁGIO SUPERVISIONADO... II (0 créditos; 140 horas)	

AS ANTIGAS PRÁTICAS CORRESPONDEM ÀS ATUAIS: PRÁTICA ESCOLAR I (60H) = PRÁTICA EM POLÍTICAS (30H) + PRÁTICA EM SABERES (30H); PRÁTICA ESCOLAR II (60H) = PRÁTICA EM ENSINO DE... I (60H); PRÁTICA ESCOLAR III (60H) = PRÁTICA EM ENSINO DE... II (60H).

(FONTE:

<http://www.ufjf.br/deptoeducacao/files/2015/10/Matriz-curricular-licenciaturas-integraliza%C3%A7%C3%A3o-em-4-anos.pdf>)

3.4 IV – Núcleo Eixos Transversais: Flexibilização Curricular, Prática Como Componente Curricular e Educação e Cultura em Direitos Humanos, Diversidade e Inclusão (NET)

A flexibilização curricular perpassa todo o curso, com destaque para as atividades realizadas no contexto das Atividades complementares de ensino, pesquisa e extensão, cujo percurso poderá ser construído pelo próprio estudante. Nos componentes curriculares correspondentes ao Núcleo II, são abordados temas transversais conjuntamente a cada um dos componentes curriculares, que envolvem direitos humanos, diversidade e inclusão. Tais temas foram uma preocupação muito presente neste PPC, de modo que são destaque em disciplinas como Ensino de História da Arte e Crítica, Libras, Arte e Cultura Afro-brasileira, bem como todos os componentes. A perspectiva de trabalho e planos de aula foram construídos a partir de abordagens não-hegemônicas.

4. PADRÃO DE OFERTA DE DISCIPLINAS

1º PERÍODO	HORAS
(ART376) ARTE E HISTÓRIA I	60
(ART186) LINGUAGEM VISUAL	60
(ART006) DESENHO ARTÍSTICO I	60
(ART186) IMAGEM DIGITAL 2D	60

(ART084) DESENHO GEOMÉTRICO APLICADO ÀS ARTES	60
TOTAL	300

2º PERÍODO	HORAS
(ART377) ARTE E HISTÓRIA II	60
(ART021) GRAVURA I	60
(ART015) CERÂMICA I	60
(ART024) PINTURA I	60
(ARTXXX) MEDIAÇÃO EM ARTE	60
(ARTXXX) APLICAÇÃO ORIENTADA DE MEDIAÇÃO EM ARTE	30
TOTAL	330

3º PERÍODO	HORAS
(EDU140) SABERES ARTÍSTICOS ESCOLARES	60
(EDUXXX) - PRÁTICA ORIENTADA DE SABERES ARTÍSTICOS ESCOLARES	30
(EDU034) ESTADO, SOCIEDADE, EDUCAÇÃO	60
(ART081) ESCULTURA I	60
(ART368) LEITURA E PROD. DE IMAGENS	30
(ART373) PRÁTICA ORIENTADA DE LEITURA E PRODUÇÃO DE IMAGENS PARA EDUCAÇÃO	60
(ARTXXX) ARTE-EDUCAÇÃO E NOVAS TECNOLOGIAS	30
(ARTXXX) APLICAÇÃO ORIENTADA DE ARTE-EDUCAÇÃO E NOVAS TECNOLOGIAS	60
ELETIVA + PRÁTICA	90
TOTAL	480

4º PERÍODO	HORAS
(ART378) ARTE E HISTÓRIA III	60
(ART182) SEMINÁRIO DE ATUALIDADE CULTURAL	60
(EDU139) METODOLOGIA DO ENSINO DAS ARTES	60
(ADE103) POLÍTICAS PÚBLICAS E GESTÃO DE ENSINO	30
(EDU147) PRÁTICA ESCOLAR EM POLÍTICAS PÚBLICAS E GESTÃO DE ENSINO	60
ELETIVA + PRÁTICA	90
TOTAL	360

5º PERÍODO	HORAS
(EDUXXX) ENSINO DE ARTES VISUAIS NA ESCOLA BÁSICA I	30
(EDUXXX) PRÁTICA EM ENSINO DE ARTES VISUAIS NA ESCOLA BÁSICA I	60
(PEO039) PROCESSOS DE ENSINO/APRENDIZAGEM	60
(ARTXXX) POÉTICAS VISUAIS NA ARTE-EDUCAÇÃO	30
(ARTXXX) APLICAÇÃO ORIENTADA EM POÉTICAS VISUAIS NA ARTE-EDUCAÇÃO	60
ELETIVA + PRÁTICA	90
ELETIVA + PRÁTICA	90
TOTAL	420

6º PERÍODO	HORAS
(EDUXXX) ENSINO DE ARTES VISUAIS NA ESCOLA BÁSICA II	30
(EDUXXX) PRÁTICA EM ENSINO DE ARTES VISUAIS NA ESCOLA BÁSICA II	60
(LEM184) LIBRAS	60
(ARTXXX) TRABALHO DE FORMAÇÃO DOCENTE EM ARTES VISUAIS I	60
(ARTXXX) PRÁTICA ORIENTADA DE TFD I	30
ELETIVA + PRÁTICA	90
ELETIVA + PRÁTICA	90
TOTAL	420

7º PERÍODO	HORAS
(EDU054) QUESTÕES FILOSÓFICAS APLICADAS À EDUCAÇÃO	60
(EDU130) REFLEXÕES SOBRE A ATUAÇÃO EM ESPAÇOS EDUCACIONAIS I	60
(MTE188) ESTÁGIO I	140
(ARTXXX) TRABALHO DE FORMAÇÃO DOCENTE EM ARTES VISUAIS II	60
(ARTXXX) APLICAÇÃO ORIENTADA DE TFD II	30
TOTAL	350

8º PERÍODO	HORAS
(EDU131) REFLEXÕES SOBRE A ATUAÇÃO EM ESPAÇOS EDUCACIONAIS 2	60
(MTE191) ESTÁGIO 2	140
TOTAL	200

COMPOSIÇÃO GERAL (CARGA HORÁRIA MÍNIMA OBRIGATÓRIA)
COMPONENTES CURRICULARES OBRIGATÓRIOS: 1800H
COMPONENTES CURRICULARES ELETIVOS: 540H
ESTÁGIO: 400h
TRABALHO DE FORMAÇÃO DOCENTE (TFD): 120H
ATIVIDADES COMPLEMENTARES: 80H
EXTENSÃO: 320H
TOTAL DO CURSO: 3260H

4.1 Integralização Curricular

O curso Licenciatura em Artes Visuais possui uma carga horária total de 3.260 horas, divididas em disciplinas obrigatórias, eletivas, atividades complementares, atividades de extensão, Estágios e TFD (Trabalho de Formação Docente). O prazo normal para a integralização do curso é de 8 períodos, ou seja, 4 anos, quando cursados sem interrupção. O tempo máximo para a integralização da Licenciatura em Artes Visuais é o relativo a 16 semestres, correspondendo ao dobro do número de períodos oferecidos para a integralização regular, computados neste período os eventuais trancamentos ou intercâmbio de mobilidade acadêmica.

5. ESTRUTURA CURRICULAR EM VIGOR:

A estrutura curricular anterior (currículo 2016) constitui-se de disciplinas de formação geral no primeiro ciclo (Bacharelado Interdisciplinar) e as disciplinas específicas da Licenciatura, conforme demonstrado a seguir. Tal percurso formativo já tinha como preceito a possibilidade do estudante construir seu itinerário formativo, visto que o currículo permitia integralizar parte da carga horária através da participação em diferentes disciplinas eletivas, tanto no IAD, quanto na Faculdade de Educação. No PPC apresentado neste documento, levamos esse aspecto como um acerto a ser continuado na nova proposta de curso.

GRADE LICENCIATURA ARTES VISUAIS VIGENTE 2 ciclo - 2019.1

QUALQUER PERIODO E SEMESTRE	CARÁTER	HORAS	UNIDADE
------------------------------------	----------------	--------------	----------------

LEM184 LIBRAS	OB	60	FALE
ADE103 Políticas Públicas e Gestão de Ensino	OB	60	FACED
EDU147 Prática em Políticas Públicas e Gestão de Ensino	OB	30	FACED
EDU 034 Estado Sociedade e Educação	OB	60	FACED
PEO039 Processos ensino aprendizagem	OB	60	FACED
Optativas	OP	Min 90	UFJF
1º PERIODO - 1º SEMESTRE			
ART365 Oficina de Didáticas Construtivistas	EL	30	IAD
ART369 Prática orientada de Didáticas Construtivistas	EL	60	externa
EDU139 Metodologia do Ensino de Artes	OB	0	FACED
ART604 Tópicos de Arte Moderna e Contemporânea	OB	60	IAD
ART362 Oficina de Projeto de Material Didático I	EL	30	IAD
ART374 Aplicação orientada de Material Didático I	EL	60	externa
ART367 Oficina de Jogos Narrativos para Educação	EL	60	IAD
ART372 Aplicação orientada de Jogos Narrativos para Educação	EL	30	externa
2º PERIODO - 2º SEMESTRE			
EDU130 Reflexões sobre a atuação em espaços educacionais I	OB	60	FACED
MTE188 Estágio supervisionado I	OB	140	externa
ART210 Análise das Linguagens Contemporâneas I	OB	30	IAD
ART364 Orientação de Iniciação à Docência I	OB	30	IAD
ART370 Prática orientada de Iniciação à Docência I	OB	60	externa
ART363 Oficina de Projeto de Material Didático II	EL	30	IAD
ART375 Aplicação orientada de Material Didático II	EL	60	externa
ART368 Oficina de Leitura e Produção de Imagens para Educação	EL	60	IAD
ART373 Prática orientada de Leitura e Produção de Imagens para Educação	EL	30	externa
3º PERIODO - 1º SEMESTRE			
ART366 Orientação de Iniciação à Docência II	OB	30	IAD
ART371 Prática orientada de Iniciação à Docência II	OB	60	externa
EDU131 Reflexões sobre a atuação em espaços educacionais II	OB	60	FACED
MTE191 Estágio supervisionado II	OB	140	externa

5.1. Tabela de equivalências

Componente curricular	Nova proposta neste PPC
ART365 OFICINA DE DIDÁTICAS CONSTRUTIVISTAS – 30h	ARTXXX POÉTICAS VISUAIS NA ARTE-EDUCAÇÃO – 30h

ART369 PRÁTICA ORIENTADA DE DIDÁTICAS CONSTRUTIVISTAS – 30h	ARTXXX APLICAÇÃO ORIENTADA EM POÉTICAS VISUAIS NA ARTE-EDUCAÇÃO – 30h
ART362 OFICINA DE PROJETO DE MATERIAL DIDÁTICO I – 30h	ART362 OFICINA DE MATERIAL DIDÁTICO – 30h
ART374 APLICAÇÃO ORIENTADA DE MATERIAL DIDÁTICO I – 60h	ART374 APLICAÇÃO ORIENTADA DE OFICINA DE MATERIAL DIDÁTICO – 60h
ART367 OFICINA DE JOGOS NARRATIVOS PARA EDUCAÇÃO – 30h	ART367 OFICINA DE JOGOS ANALÓGICOS – 30h
ART372 APLICAÇÃO ORIENTADA DE JOGOS NARRATIVOS PARA EDUCAÇÃO – 60h	ART372 APLICAÇÃO ORIENTADA DE OFICINA DE JOGOS ANALÓGICOS – 60h
ART364 ORIENTAÇÃO DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA I – 30h	ARTXXX TRABALHO DE FORMAÇÃO DOCENTE EM ARTES VISUAIS I – 60h
ART370 PRÁTICA ORIENTADA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA I - 60h	ARTXXX PRÁTICA ORIENTADA DE TFD I – 30h
ART363 OFICINA DE PROJETO DE MATERIAL DIDÁTICO II – 30h	ART363 OFICINA DE MATERIAL DIDÁTICO FASE BETA – 30h
ART375 APLICAÇÃO ORIENTADA DE MATERIAL DIDÁTICO II - 30h	ART375 APLICAÇÃO ORIENTADA DE OFICINA DE MATERIAL DIDÁTICO FASE BETA – 30h
ART366 ORIENTAÇÃO DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA II - 30h	ARTXXX TRABALHO DE FORMAÇÃO DOCENTE EM ARTES VISUAIS II – 60h
ART371 PRÁTICA ORIENTADA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA II 60h	ART371 APLICAÇÃO ORIENTADA DE OFICINA DE MATERIAL DIDÁTICO FASE BETA – 60h

ART182 SEMINÁRIO DE ATUALIDADE CULTURAL – 60h	ART182 SEMINÁRIO DE TEMAS TRANSVERSAIS – 60h
ART186 LINGUAGEM VISUAL – 30h	ART186 LINGUAGEM VISUAL – 60h
ART186 IMAGEM DIGITAL 2D - 30h	ART186 IMAGEM DIGITAL 2D - 60h

6. TRABALHO DE FORMAÇÃO DOCENTE (TFD)

Atividade obrigatória para conclusão da Licenciatura em Artes Visuais, é realizado durante os últimos semestres do curso, como parte integrante das disciplinas Trabalho de Formação Docente I e Trabalho de Formação Docente II. Esta atividade é realizada sob supervisão do/a docente responsável por estes componentes curriculares, com orientação de professores efetivos do Núcleo de Licenciatura em Artes Visuais do IAD ou da FACED, em suas diversas áreas de atuação. As disciplinas destinadas à realização do TFD devem ser cursadas concomitantemente às suas respectivas práticas: Prática Orientada de TFD I e Prática Orientada de TFD II. A prática constitui-se de experimentação da ordem do fazer artístico, do ensino e da fruição da arte, permitindo ao estudante trabalhar efetivamente sua proposta de pesquisa, articulada ao embasamento teórico vivenciado na parte teórica (TFD I e TFD II).

O Trabalho de Formação Docente funciona como um trabalho de conclusão de curso da Licenciatura e visa contribuir para o desenvolvimento da capacidade científica, crítico-reflexiva e criativa do discente, assegurando a coerência no seu processo formativo, ampliando e consolidando os estágios, as práticas docentes e as atividades complementares.

Espera-se que, no decorrer do curso, o licenciando desenvolva processos poético-didáticos individualizados, demonstrando capacidade crítico-reflexiva acerca das questões atuais da Educação e das artes, bem como conhecimento de processos e materiais didáticos inovadores.

O resultado deste projeto poderá, em caso de trabalho com grande peso teórico, se constituir em Monografia de Graduação, seguindo as Normas para Apresentação de Documentos Científicos, definidas de acordo com a ABNT, ou em Relatório Técnico-Reflexivo, também norteado pelas regras da ABNT. Ambos os casos deverão ser acompanhados de trabalhos práticos, experimentos e observações devidamente registrados em mídias impressas e/ou digitais.

O material a ser desenvolvido no decorrer do curso deverá resultar de reflexões teóricas e observações e experimentações nos locais de prática docente, dando forma aos processos pedagógicos elaborados pelo discente. Poderá se constituir em objetos físicos ou virtuais ou em métodos devidamente registrados. Este trabalho deverá ser apresentado sob forma de artigo, monografia, trabalho teórico ou prático, processos de mediação em arte, produção artística, protótipo de material didático, crítica de arte etc. – desde que aponte para uma discussão dentro dos campos da Arte-Educação.

Ao final do penúltimo semestre do curso, a partir da disciplina de TFD II, deverá ser apresentado um Trabalho de Formação Docente, em sessão pública, a uma banca examinadora, composta pelo professor orientador e mais dois professores que desenvolvem atividades em temas afins, escolhidos conjuntamente pelo orientador, pelo co-orientador (quando houver) e pelo estudante. O agendamento deverá ser feito junto à coordenação com no mínimo um mês de antecedência à data de encerramento da disciplina de TFD.

O TFD deverá ser defendido perante banca como avaliação final do projeto desenvolvido. A nota final desta disciplina, portanto, será igual à média das notas atribuídas pela banca examinadora ao relatório, ao protótipo e à apresentação do estudante.

Será considerado aprovado o discente que obtiver, no mínimo, a média final igual a 60 (sessenta), numa escala de 0 (zero) a 100 (cem).

A proposta ou elaboração final do TFD deverá ser entregue a cada um dos membros da banca escolhida. A definição da data de defesa e da composição da Banca será de responsabilidade do aluno e do seu orientador.

A composição da Banca Examinadora apenas poderá ser encaminhada à secretaria do Instituto de Artes e Design uma vez constatada a disponibilidade dos membros na data e horário propostos. A consulta e confirmação desta disponibilidade ficará sob a responsabilidade do aluno e de seu orientador, sendo encaminhado à secretaria em formulário próprio. A indicação/reserva, bem como a disponibilidade do local para a realização do TFD em área interna ou externa ao IAD, é de responsabilidade do aluno/orientador e deverão ser informadas à secretaria do IAD no mesmo formulário de composição de banca.

A Defesa de TFD segue os critérios estabelecidos pelo Regulamento Acadêmico de Graduação (RAG) da UFJF. A banca examinadora deverá constar de três membros. Ao menos dois professores membros da banca deverão ser vinculados aos cursos (Bacharelado e Licenciatura) de Artes Visuais do IAD, sendo um deles o orientador que presidirá a Banca. A apresentação do TFD deverá seguir o seguinte roteiro:

I - Exposição do trabalho pelo aluno.

II - Comentário dos membros da banca sobre o trabalho em questão com direito a réplica do aluno, caso solicitado.

III - Avaliação conjunta feita pelos membros da banca (sem a presença do aluno).

IV - Leitura pública da nota e comentários finais.

V - Redação de ata feita pelo orientador e assinada por todos os membros da banca.

A Banca Examinadora avaliará o relatório escrito e o desempenho do candidato na arguição, emitindo parecer em ata como:

I - Aprovado

II - Reprovado

Os casos omissos deverão ser definidos pelo coordenador do curso, em consulta ao Núcleo Docente Estruturante (NDE) da Licenciatura em Artes Visuais.

7. ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO

O Estágio Curricular Supervisionado é uma atividade obrigatória para a Licenciatura em Artes Visuais, com total de 400 horas, regulamentado pela Faculdade de Educação (FACED)⁵ e sua Comissão de Orientação de Estágio (COE), conforme o Capítulo V do Regimento Acadêmico de Graduação (RAG), buscando a integração com as redes públicas de ensino por meio de ações ou convênios que promovam integração com creches/escolas da rede pública, bem como com a rede particular de ensino e outras entidades educacionais.

O/A Licenciando/a em Artes Visuais deverá cumprir estágio, conforme grade disciplinar e horária estipulada, em estabelecimentos de ensino ou equipamentos sociais que visem educação. O estágio constitui-se em um importante processo de aprendizagem no qual o educando poderá observar e articular, com o devido acompanhamento, os conhecimentos teóricos que o curso oferece com a prática educacional efetiva do ambiente escolar. Outrossim, o estágio proporcionará ao Licenciando o desenvolvimento de noções e capacidades práticas como a do planejamento e trabalho em equipe; a observação, e interação, em sala de aula, de situações práticas às quais seu conhecimento teórico deverá se adaptar, em estratégias de intervenção pedagógica e ensino; a união entre razão conceitual e prática/experiência profissional, com todas as dificuldades e oportunidades a que esta interação conduz.

No âmbito acadêmico, o estágio vem sendo reconhecido como exercício de experiências de caráter teórico-prático, em que o estagiário encontra oportunidade de conceber, criar, realizar, em situação real, em determinadas condições, ações específicas à área profissional pela qual optou, com acompanhamento sistemático do professor.

⁵ RESOLUÇÃO Nº. 001/2011/FACED

(Disponível

em <http://www.uff.br/deptoeducacao/files/2015/12/Resolu%C3%A7%C3%A3o-Faced-n%C2%BA-1-de-2011-que-regulamenta-as-diretrizes-dos-Estagios.pdf>)

O estágio viabiliza prioritariamente práticas profissionalizantes relativas à: caracterização de cenários sócio-políticos onde se insere a ação profissional, percepção das próprias deficiências e potencialidades, bem como das necessidades de auto-aperfeiçoamento, evocação e recriação de suporte teórico-referencial, como subsídio às realizações, co-participação efetiva no processo de aperfeiçoamento sócio-organizacional, vivência formativa do processo de transição entre a realidade estudantil e o ambiente profissional, compreensão das articulações e inter-relações entre estudo-trabalho.

A realização de atividades de estágio é sem dúvida, uma das condições indispensáveis para que o curso, como seus professores, cumpra efetivamente a tarefa de traduzir as formulações contidas nas diretrizes em um plano de estudo que seja capaz de oferecer as oportunidades de realizar aprendizagens, tanto em termos de assimilação de conceitos e dados (conhecimento), quanto de instrumentos de trabalho (habilidades) e capacidade de aplicação destes conhecimentos e habilidades a diversas situações e contextos de maneira autônoma (competências).⁶

Com base em tais pressupostos, durante o período de prática profissionalizante, objetiva-se: possibilitar ao aluno condições de aperfeiçoamento de competências fundamentais ao processo de articulação das dimensões teórico-práticas do currículo, com ênfase no "aprender a fazer".

Quanto a seus aspectos organizacionais, a proposta de Estágios assume conotações diversas, requerendo, como qualquer atividade de aprendizagem, observância a princípios ético-filosóficos, teórico-metodológico-operacionais, que proporcionem: aprofundamento e ampliação de conhecimentos básicos, análise crítica da realidade, identificação de áreas e processos de intercâmbio ou inserção de seu campo específico de trabalho em outras esferas do conhecimento científico, exercício de atividades profissionais, como sujeitos, em iniciativas que envolvam agilização de estratégias de iniciação científicas, com possível inserção ou intervenção nas áreas de ensino, pesquisa e extensão.

7.1. Estágio não-obrigatório

Atividade opcional para a Licenciatura em Artes Visuais, o estágio não-obrigatório é aquele desenvolvido como atividade complementar, acrescida à carga horária regular e obrigatória.

8. FORMAÇÃO COMPLEMENTAR

⁶ De acordo com PERRENOUD, Phillipe. **Construir as competências desde a escola**. Tradução: Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

As disciplinas e atividades de Formação Complementar são opcionais, oferecidas por todas as unidades acadêmicas da UFJF e por instituições de ensino superior reconhecidas para este efeito. São aquelas que o aluno cursa livremente, à margem inclusive, se assim o decide, das oferecidas na grade curricular da titulação que deseja alcançar. Não é necessário, nem mesmo, que sejam oferecidas pela Universidade Federal de Juiz de Fora, podendo ser oferecidas por outra universidade e, inclusive, por outra instituição, sempre que se estabeleça o convênio correspondente.

O número de créditos que o aluno acumulará através de disciplinas e atividades complementares de livre eleição nunca deverá ser superior a 10% do total de créditos que conforma seu plano de estudos. Para integralização da carga horária deste PPC, adotamos o mínimo de 80h.

As atividades de formação complementar também podem ser creditadas na participação do aluno em simpósios, festivais, seminários, encontros, cursos monográficos variáveis, bolsas de iniciação científica, monitorias e atividades culturais diversas. Tais atividades, por sua amplitude, não estarão relacionadas na grade curricular do curso e serão convalidadas e creditadas de acordo com um sistema de correspondência de carga horária, verificação de frequência e certificados apresentados pelo/a licenciando/a.

Atividades específicas voltadas para a formação inicial de professores (práticas de ensino, pesquisa e extensão) poderão ser computadas e, mediante apresentação de documentação comprobatória e análise pela coordenação do curso, contar como créditos de disciplinas de Prática Docente (excetuando-se as disciplinas de Estágio Curricular Supervisionado e às práticas correspondentes a todas as disciplinas obrigatórias). São elas:

- Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID): programa instituído pela CAPES que se constitui de prática escolar remunerada orientada por docentes da universidade e supervisionada por docentes das escolas públicas estaduais e/ou municipais envolvidas, com duração de um ano (dois semestres) e carga horária de 16 horas semanais.
- Projetos de Extensão: atividades extensionistas nas quais o licenciando comprovadamente atue como educador, como por exemplo, os Projetos de Universalização (PU) da universidade.
- Atividades de Mediação Cultural: atividades de natureza cultural nas quais o licenciando comprovadamente atue como educador, como por exemplo, os estágios em educação museal oferecidos pelo Museu de Artes Murilo Mendes (MAMM) e pelo Centro do Ciências da universidade.

Outras atividades poderão ser consideradas mediante comprovação e análise pela coordenação de curso.

As atividades Complementares têm como objetivo estimular e criar mecanismos que possibilitem ao acadêmico aprendizagem independente, através da participação de experiências diversificadas, que contribuam para ampliação de conhecimentos pertinentes ao seu futuro profissional e valorizando, por meio da disponibilização de horas, o envolvimento do estudante em atividades de interesse acadêmico e profissional.

9. EXTENSÃO

O aluno deve cumprir no mínimo 320 horas em atividades de extensão (relativo a 10% das horas totais da Licenciatura em Artes Visuais) de acordo com a resolução MEC-CONAE 7 de 18 de dezembro de 2018 e também pela resolução interna, proposta pela PROEX-UFJF, que se encontra em fase de conclusão. Podem ser cumpridas por meio da participação dos alunos em qualquer atividade de extensão oferecida pela UFJF, devidamente registradas e certificadas pela Pró-reitoria de Extensão. Permitem ao estudante ampliar sua formação e delinear seu percurso formativo.

10. FORMA DE ACESSO AO CURSO

A principal forma de ingresso na Licenciatura em Artes Visuais é através do Sistema de Seleção Unificada (SISU) do Ministério da Educação, e pelo Programa de Ingresso Seletivo Misto (PISM) da UFJF. Será oferecido um total de 50 vagas. As entradas ocorrem no primeiro semestre de cada ano letivo. É possível ainda o ingresso através de editais específicos para ocupação de vagas ociosas ou transferência entre cursos, de acordo com o calendário acadêmico da UFJF.

11. SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO PROJETO DO CURSO

11.1 Avaliação do Curso

A avaliação do Curso se dará por uma avaliação criteriosa e periódica do Projeto Pedagógico. Esta experiência crítica e consensual será parte integrante da implantação e implementação de novas atividades pedagógicas relevantes ao processo ensino-aprendizagem e possibilitará a detecção de pontos de deficiência ou em discordância com os objetivos deste projeto.

Serão realizadas avaliações de caráter diagnóstico, com os alunos desde o seu ingresso no curso e durante todo o processo de

aprendizagem, verificando-se as mudanças imperativas instituídas durante formação e vivência universitária. Esta avaliação possibilitará, por comparação entre as diferentes avaliações, a verificação da obtenção de novas habilidades por parte do aluno. Propõe-se também um processo avaliativo por parte de pesquisa com os egressos do Curso.

O Curso passará por avaliações permanentes através de comissão composta pela Coordenação do Curso e Colegiado de Curso competente, formado por representantes dos professores, funcionários e corpo discente. Esta comissão terá como metas:

- Elaborar o Plano de Trabalho, visando o aprimoramento do Curso com ações de curto, médio e longo prazo;
- Propor, analisar e implantar as dinâmicas, procedimentos, mecanismos, metodologias e instrumentos para a avaliação interna;
- Constituir Grupos Temáticos com a finalidade de elaborar estudos de acordo com as diferentes dimensões da auto-avaliação;
- Coordenar avaliações semestrais a serem realizadas pelos discentes, de cada disciplina, estrutura didático pedagógica e atuação do corpo docente;
- Acompanhar as avaliações discentes, analisar e publicar relatórios parciais e finais, e quando for necessária encaminhar recomendações;
- Promover seminários internos, debates e reuniões, em conjunto com o corpo discente e sociedade discutindo o projeto pedagógico do curso;
- Criar condições para que a avaliação esteja integrada na dinâmica institucional assegurando a interlocução com segmentos e setores institucionais de interesse do processo avaliativo;
- Elaborar relatórios parciais e finais e recomendações a serem encaminhadas aos órgãos competentes da universidade;
- Prestar informações solicitadas pelo INEP, de acordo com os prazos e a legislação pertinente;
- Divulgar os resultados da avaliação interna aos avaliadores externos designados pelo INEP;

11.2. Avaliação de docentes, funcionários e técnicos-administrativos

Propõe-se a avaliação de docentes, funcionários e técnicos-administrativos através do nível de participação em atividades do curso, programas de educação continuada, programas de qualificação e um programa de acompanhamento aos iniciantes.

11.3. Sistema de Avaliação de Ensino e Aprendizagem

O curso de Licenciatura em Artes Visuais enfatiza a aprendizagem, o poetizar e fruir arte, na perspectiva da construção do conhecimento e não da transmissão ou instrução. Pretende-se, através de diferentes metodologias, que os alunos sejam sujeitos ativos de sua formação e não meros espectadores. Dentro das diferentes matérias e disciplinas, a ênfase solicitada é sempre neste sentido, de desenvolver as habilidades de raciocínio, através de problematização e contextualização do conteúdo, aproveitando as experiências individuais.

O sistema de avaliação do desempenho discente é feito de acordo com os objetivos e critérios de cada disciplina, especificados nos planos de ensino, e inclui a frequência e o aproveitamento acadêmico, devendo estar em conformidade com critérios e formas de avaliação já previstos pelo RAG – Regimento Acadêmico da Graduação da UFJF. Além disso, a verificação periódica do aproveitamento nas atividades acadêmicas cursadas pela discente ou pelo discente é realizada através de sistema automatizado institucional conforme descrito no Capítulo V do Regimento Acadêmico de Graduação (RAG).

É do entendimento da proposta deste curso que a avaliação seja um processo contínuo. Assim propõe-se a superação de uma avaliação somente classificatória na perspectiva de que cada pessoa envolvida no processo de ensino-aprendizagem atue com vistas a uma avaliação inovadora e formativa, e que contribua para a melhoria da qualidade do ensino.

São considerados instrumentos de avaliação: exercícios, proposições e experimentações práticas, avaliação teórica, seminários, atividades de prática de pesquisa, relatórios, análises de artigos científicos, entre outras atividades que cumpram com a proposta de verificar as relações de ensino-aprendizagem.

O processo de avaliação de disciplinas de caráter teórico/prático, em particular no domínio das artes deve ser coerente com a maneira como o raciocínio se desenvolve, enfatizando-se o aprendizado ativo por meio do envolvimento dos estudantes em atividades de descoberta. O professor não é simples transmissor de informações, mas um orientador de experiências, em que os estudantes buscam conhecimento pela ação e não apenas pela linguagem escrita ou falada. Estas, embora expressem pensamentos, não substituem a experiência ativa e pessoal. Assim propõem-se também a avaliação de estratégias cognitivas e habilidades desenvolvidas.

Neste contexto, são considerados instrumentos de avaliação: avaliação prática, avaliação teórica, seminários, atividades de prática de pesquisa, relatórios, análises de artigos científicos, entre outras atividades que cumpram com a proposta de verificar as relações de ensino-aprendizagem. Devem ser realizadas atividades que permitam uma avaliação contínua e não pontual.

11.4. Núcleo Docente Estruturante (NDE)

O Núcleo Docente Estruturante será composto por seis docentes, a saber:

- A coordenação de curso da Licenciatura de Artes Visuais;
- A vice-coordenação de curso da Licenciatura de Artes Visuais;
- A coordenação de curso do Bacharelado em Artes Visuais;
- 3 docentes da Licenciatura e/ou do Bacharelado em Artes Visuais.

As reuniões do Núcleo Docente Estruturante de Curso (NDE), cuja periodicidade deve ser de no mínimo 6 encontros anuais, terá como metas:

- Contribuir para a consolidação do perfil profissional pretendido do egresso;
- Zelar pela integração curricular interdisciplinar entre as diferentes atividades de ensino constantes no currículo;
- Indicar formas de incentivo ao desenvolvimento de linhas de pesquisa e extensão, oriundas de necessidades da graduação, do mercado de trabalho e afinadas com as políticas públicas relativas à área de conhecimento do curso;
- Zelar pelo cumprimento das Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação.

12. DISPOSIÇÕES FINAIS

12.1. LIBRAS:

A Política Nacional de Educação estabelece critérios para a inclusão de pessoas com baixa audição ou surdas, o que torna esta graduação importante e fundamental para a educação inclusiva, de modo geral. A disciplina LIBRAS é oferecida aos discentes de todos os cursos da UFJF, como componente curricular opcional nos Bacharelados e como componente curricular obrigatório nas Licenciaturas, conforme Decreto no. 5.626, de 22 dezembro de 2005. A Pró-Reitoria de Graduação encaminhou ao Conselho de Graduação da UFJF a proposta de criação da disciplina, que foi aprovada pela Resolução CONGRAD no. 71/2008. Nesse sentido, o Bacharelado em Artes Visuais, através das políticas de inclusão da UFJF, incentiva os discentes à participação e realização das disciplinas do curso Letras-Libras como parte das Atividades de Formação Complementar.

12.2 Informações sobre o curso

Informações sobre o curso podem ser acessadas pelo site <http://www.ufjf.br/licenciaturavisuais/inicial/>
Ou diretamente na coordenação do curso no endereço:
Instituto de Artes e Design – Campus Universitário – Bairro São Pedro
– Juiz de Fora – MG – CEP 36036-330
Telefones: (32) 2102-3350
Email: secretaria.iad@ufjf.edu.br

12.3 Adaptação ao novo currículo

A adaptação do(a) discente a um novo currículo do curso de Licenciatura em Artes Visuais deverá seguir os critérios estabelecidos no Regulamento Acadêmico da Graduação em seu Art.55 do Capítulo IX, que diz:

Art. 55. Na reforma curricular, para optar pelo novo currículo, a discente ou o discente deve observar as seguintes condições:

- I – apresentar declaração por escrito da opção pelo currículo novo, observadas as condições de adaptação;
 - II – respeitar o prazo previamente definido de integralização do curso, quando do seu ingresso;
- Parágrafo único. A reprovação em qualquer disciplina do currículo antigo não assegura a permanência da discente ou do discente neste currículo, ficando sujeito às determinações da Coordenação do Curso para a equivalência necessária.

13. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Regimento Acadêmico da Graduação da UFJF - RAG
- Regimento Geral da UFJF
- Resolução no 01, de 17 de junho de 2010. Normatiza o Núcleo Docente Estruturante e dá outras providências.
- Resolução no 17, de 31 de março de 2011. Conselho Setorial de Graduação da UFJF. Regulamenta a criação do Núcleo Docente Estruturante.
- Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996 - Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

- Lei no 9.795, de 27 de abril de 1999 - Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências.
- Lei no 10.098 de 19 de dezembro de 2000 - Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências.
- Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002 - Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências.
- Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003 – Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Africana", e dá outras providências.
- Lei no 11.645, de 10 de março de 2008 - Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena".
- Lei no 11.788, de 25 de setembro de 2008 - Dispõe sobre o estágio de estudantes
- Lei no 12.711, de 29 de agosto de 2012 - Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências.
- Decreto no 4.281, de 25 de junho de 2002 - Regulamenta a Lei no 9.795, de 27 de abril de 1999, que institui a Política Ambiental, e dá outras providências.
- Decreto no 5.626, de 22 de dezembro de 2005 - Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000.
- Resolução No 7, de 18 de dezembro de 2018 - Estabelece as diretrizes para extensão na Educação Superior.
- Resolução No 1, de 03 de janeiro de 2009 - Institui as Diretrizes curriculares nacionais do curso de graduação em artes visuais e dá providências.
- Resolução No 2, de 18 de junho de 2007 - Dispõe sobre a carga horária mínima e procedimentos relativos à integralização dos cursos de graduação.

14.ANEXOS: CADERNO DE EMENTAS

A seguir, o conjunto de disciplinas que constituem o PPC do curso de Licenciatura em Artes Visuais da UFJF.

A - FORMAÇÃO GERAL:

ARTES E HISTÓRIA I - 60h

ART376

Ementa: Estudo dos conceitos fundamentais dos métodos de análise do objeto artístico; Arte na Antiguidade Greco-romana, arte medieval: Românico e Gótico; Arte Renascentista; Arte Barroca, Arte Neoclássica; Arte Romântica.

Conteúdo

I - Antiguidade clássica: gênese da cultura e do pensamento ocidental

I.1 – A escala humana da arte

II - Arte medieval: formação da iconografia cristã

II.1 - A era das catedrais: Arte Românica e arte Gótica

III - Renascimento e Humanismo

IV - Barroco e persuasão

V - Neoclassicismo e razão

VI - Romantismo e liberdade

Bibliografia básica:

ARGAN, Giulio Carlo. Storia dell'arte italiana. Milão: Sansoni per la Scuola, 26ª edição, 3 v, 1989.

ARGAN, Giulio Carlo. Clássico anticlássico; o Renascimento de Brunelleschi a Bruegel. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ARGAN, Giulio Carlo. História da arte como história da cidade. São Paulo, Martins Fontes, 1982.

ARGAN, Giulio Carlo. Imagem e persuasão - ensaios sobre o barroco. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BAXANDALL, Michael. O olhar renascente, pintura e experiência social na Itália da Renascença. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1991.

CHASTEL, André. Arte y Humanismo. Madrid: Cátedra, 1982.

FRANCASTEL, Pierre. Pintura e sociedade. São Paulo, Martins Fontes, 1990.

GUINSBURG, Jacó (org.) O Romantismo. São Paulo: Perspectiva, 2002.

HAUSER, Arnold. Maneirismo. Lisboa, Edições 70.

MARAVALL, José Antônio. A cultura do Barroco. São Paulo: EDUSP, 1997

PANOFSKY, Erwin. Idea: a evolução do conceito de belo. São Paulo, Martins Fontes, 1994.

_____. Significado nas artes visuais. São Paulo, Perspectiva, 1991.

_____. A perspectiva como forma simbólica. Lisboa, Edições 70, s/d.

_____. Estudos de iconologia; temas humanísticos na arte do renascimento. Lisboa, Estampa, 1982.

STAROBINSKI, Jean. 1789: os emblemas da razão. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

STAROBINSKY, Jean. A invenção da Liberdade. São Paulo, EdUSP.

WÖLFFLIN, Heinrich. A arte clássica. São Paulo, Martins Fontes. 1990.

Bibliografia complementar:

Em aberto

ARTES E HISTÓRIA II - 60h

ART377

Ementa: Estudo dos os principais movimentos e tendências artísticas internacionais do final do século XIX até a atualidade. Reflexão sobre o processo de construção do espaço plástico moderno, seu período de formação e suas crises. O campo expandido da arte. Arte no contexto da cultura moderna. Arte Moderna. Arte Contemporânea.

Conteúdo

1 – Arte Moderna

1.1- Manet, Impressionismo, Cézanne, Seurat, Van Gogh e Gauguin

1.2 - Expressionismos (Fauvismo e Expressionismo alemão)

1.3 – Cubismo

1.4 – Futurismo

1.5 – As correntes construtivas: Construtivismo Russo, Neoplasticismo, Suprematismo, Bauhaus

1.6 - Dada e Surrealismo

1.7 - Expressionismo abstrato

2 – Arte Contemporânea

2.1 - Arte Pop

2.2 – Minimalismo

2.3 - Arte Conceitual

2.4- Land-art

2.5 – Fluxus

2.6 - Novas tecnologias

Bibliografia básica:

ARGAN, Giulio Carlo. Arte moderna. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

ARCHER, Michael. Arte contemporânea – uma história concisa. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BATTCKOCK, Gregory (org.). A nova arte. São Paulo, Perspectiva, 1986. (coleção debates)

BRITO, Ronaldo. O moderno e o contemporâneo; in: Basbaum, Ricardo (org.) Arte contemporânea brasileira: texturas, dicções, ficções, estratégias. Rio de Janeiro: Contracapa, 2001.

CHIPP, H.B. Teorias da Arte Moderna. São Paulo: Martins Fontes, 1996 (2ª edição).

FERREIRA, Glória e COTRIM, Cecília (org.). Clement Greenberg e o debate crítico. Rio de Janeiro: FUNARTE/Jorge Zahar, 1997.

FERREIRA, Glória e COTRIM, Cecília (org.). Escritos de artistas: 60/70. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

FRANSCINA, Francis ... [et alli]. Modernidade e Modernismo: A Pintura francesa no final do século XIX. São Paulo: Cosac e Naify Edições, 1998.

GREENBERG, Clement. Arte e Cultura. São Paulo, Ática, 1995.

HARRISON, Charles... [et ali]. Primitivismo, Cubismo, Abstração: o começo do século XX. São Paulo: Cosac e Naify Edições, 1998.

KRAUSS, Rosalind E. Caminhos da escultura moderna. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

KRAUSS, Rosalind E. Escultura no campo ampliado; in: Gávea. Rio de Janeiro: PUC-Rio, nº 01, s/d.

KRAUSS, Rosalind E. Os papéis de Picasso. São Paulo: Iluminuras, 2006.

RICKEY, George. Construtivismo: origens e evolução. São Paulo: Cosac e Naify, 2002.

VENÂNCIO FILHO, Paulo. Marcel Duchamp – A beleza da indiferença. São Paulo: Brasiliense, 1986.

Wood, Paul ...[et aliii]. Modernismo em Disputa: A arte desde os anos quarenta. São Paulo: Cosac e Naify Edições, 1998.

Wood, Paul. Arte Conceitual. São Paulo: Cosac e Naify Edições, 2002.

Bibliografia complementar:
Em aberto

ARTES E HISTÓRIA III - 60h

ART378

Ementa: Estudo da história da arte brasileira do período colonial à atualidade. Arte colonial. Arte Acadêmica. Modernismo. Concretismo e Neoconcretismo. Arte nos anos 60 e 70. Arte nos anos 80 e 90. Estudo de artistas contemporâneos de relevância nacional e internacional.

Conteúdo

- 1 – Arte Colonial
- 2 – Academicismo
- 3 – Modernismo
- 4 – Abstracionismo informal
- 5 – Abstração geométrica: Concretismo e Neoconcretismo
- 6 – Arte e política/ Arte e conceito: as décadas de 60 e 70
- 7 – Poéticas avulsas das décadas de 80 e 90
- 8 – Novas mídias na arte brasileira

Bibliografia básica:

AMARAL, Aracy. Arte para quê ? A preocupação social na arte brasileira 1930-1970. São Paulo: Nobel, 1986

_____. Artes plásticas na Semana de 22. São Paulo: Perspectiva, 1979

BAEZ, Elizaeth Carbone. A Academia e seus modelos. In: Projeto Arte Brasileira: Academismo. Rio de Janeiro: FUNARTE/ Instituto de Artes Plásticas, 1986.

BASBAUM, Ricardo (org.) Arte contemporânea brasileira: texturas, dicções, ficções, estratégias. Rio de Janeiro: Contracapa, 2001.

BAZIN, Germain. A arquitetura religiosa barroca no Brasil. Rio de Janeiro, Record, 2v, 1984.

BOSCHI, Caio C. O barroco mineiro: artes e trabalho. São Paulo: Brasiliense, 1988.

- BRITO, Ronaldo. Experiência crítica: textos selecionados. Sueli de Lima (org.), São Paulo: Cosac Naify, 2005.
- _____. Neoconcretismo – vértice e ruptura do projeto construtivo brasileiro, São Paulo: Cosac Naify, 1999.
- BRETT, Guy. Brasil Experimental. Arte/vida: proposições e paradoxos. Contra Capa, 2005.
- CANONGIA, Ligia. O legado dos anos 60 e 70. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- CHIARELLI, Tadeu. Arte Internacional Brasileira. São Paulo: Lemos, 1999.
- COLI, Jorge. Como estudar a arte brasileira do século XIX? São Paulo: Senac São Paulo, 2005.
- DUARTE, Paulo Sérgio. Arte brasileira contemporânea – um prelúdio. Rio de Janeiro: Opus-Plajap, 2008
- DURAND, José Carlos. Arte, privilégio e distinção. São Paulo, Perspectiva, 1989.
- KLABIN, Vanda. A trajetória do artista carioca na década de 20 (do século XIX) In: Projeto Arte Brasileira: Academismo. Rio de Janeiro: FUNARTE/ Instituto de Artes Plásticas, 1986
- MACHADO, Lourival Gomes. Barroco mineiro. São Paulo, Perspectiva, 4ª edição, 1991.
- MAMMI, Lorenzo. Volpi, São Paulo: Cosac Naivy Edições, 2000.
- NAVES, Rodrigo. A forma difícil. Ensaios sobre a arte brasileira. São Paulo: Ática, 1996.
- PEDROSA, Mário. Dos murais de Portinari aos espaços de Brasília. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1981.
- _____. Mundo, homem, arte em crise. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- PEREIRA, Sônia Gomes. Arte brasileira no século XIX. Belo Horizonte: C/ Arte, 2008.
- SALZTEIN, Sonia. (org.) Mira Schendel. No vazio do mundo. São Paulo: Marca D'Água, 1996.
- ZÍLIO, Carlos. A Querela do Brasil. A questão da identidade na arte brasileira: a obra de Tarsila, Di Cavalcanti e Portinari/ 1922-1945. Rio de Janeiro: Edição Funarte, 1982.
- _____. (coord.) A modernidade em Guignard. Catálogo. Curso de Especialização em História da Arte e da Arquitetura no Brasil, PUC-RJ, s/ data.
- ZANINI, W. História geral da arte no Brasil. São Paulo: Instituto Walter Moreira Salles e Fundação Djalma Guimarães, 1983.

Bibliografia complementar:
Em aberto

LINGUAGEM VISUAL - 60h

ART335

Ementa: Desenvolver as competências de percepção, compreensão e interpretação dos códigos visuais dentro de diferentes contextos históricos e culturais, por meio de análise de diferentes mensagens visuais, seja na forma de imagens estáticas ou dinâmicas, seja na forma de objetos tridimensionais, para que o estudante venha ser capaz de engendrar significados utilizando

estes códigos visuais, seja para fruir seja para produzir imagens de qualquer natureza.

Conteúdo

- Introdução às Leis da Gestalt, abordagem textual e iconológica da imagem.
- Sintaxe visual: elementos morfológicos (ponto, linha, plano, textura, cor e forma) e suas relações dinâmicas (movimento, tensão e ritmo) e escalares (dimensão, formato, escala e proporção).
- Exercícios de percepção da estrutura e de fragmentação da forma (recorte, repetição, rebatimento etc).
- Semântica visual: figuras de linguagem (metáfora, metonímia, hipérbole, alegorias etc), temporalidade (descrição, narração), iconografia (convenções históricas de representação).
- Recepção e conteúdos simbólicos culturais e psicológicos.
- Análise de imagens bidimensionais estáticas (pinturas, cartazes, ilustrações, fotografias, frames etc) e dinâmicas (storyboards, quadrinhos, animações, filmes, interfaces digitais etc).
- Análise de imagens tridimensionais estáticas e dinâmicas (esculturas, instalações, brinquedos, embalagens, vestuário, mobiliário, objetos decorativos e utilitários etc).

Bibliografia básica:

- ARNHEIM, Rudolf. Arte e Percepção Visual: Uma Psicologia da Visão Criadora. São Paulo: Cengage Learning, 1980.
- DONDIS, Donis A. Sintaxe da linguagem Visual. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

Bibliografia complementar:

- BRAKHAGE, Stan. A aventura da percepção. Rio de Janeiro: Caixa Cultural, 2009.
- CHING, Francis D. K. Representação gráfica para desenho e projeto. Barcelona: Gustavo Gili, 2010.
- STURKEN, Marita: Practices of looking: an introduction to visual culture. Nova York: Oxford University Press, 2009.
- WONG, W. Princípios de forma e desenho. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DESENHO GEOMÉTRICO APLICADO ÀS ARTES - 60h

ART084

Ementa: Fundamentos iniciais do desenho. Material de desenho. Morfologia geométrica. Lugares geométricos. Geometria Tridimensional. Geometria dinâmica.

Conteúdo

Fundamentos iniciais do desenho: traçados livres (horizontais, verticais, à mão livre).

O desenho desde a infância na formação das pessoas: a passagem pela escola. Funções do desenho.

Hemisférios cerebrais e a atividade gráfica.

A geometria e a vida: aplicações nas várias ciências e no cotidiano;

Material de desenho: explicações e fundamentos: a régua; as medidas; os esquadros: um par diferente; o compasso: montagem, uso e destreza;

Morfologia geométrica: figuras planas: polígonos regulares e estrelados, triângulos, quadriláteros; circunferências, ovais: concordância, tangência, arcos, arcos arquitetônicos; cônicas: elipses, hipérbolas e parábolas.

Lugares geométricos: método de pesquisa, mediatriz, paralelas, bissetriz, circunferência e arco capaz.

Geometria Tridimensional: introdução, iniciação ao pensamento espacial

Geometria Dinâmica: a virtualidade do desenho e seu movimento.

Novo paradigma do ensino e aprendizado do desenho.

Bibliografia básica:

COSTA, Mário Duarte; COSTA, Alcy Vieira. Geometria gráfica tridimensional. Vols 1, 2 e 3. Recife: EdUFPE, 1994.

CROSS, Nigel. Desenhante: pensador do desenho. Santa Maria: sCHDs, 2004.

EDWARDS, Betty. Desenhando com o lado direito do cérebro. Rio de Janeiro : Ediouro, 1984.

FAINGUELERNT, Estela Kaufman. Educação matemática: representação e construção em geometria. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

GIONGO, Afonso Rocha. Curso de Desenho Geométrico. São Paulo: Nobel, 1984.

Geometria Dinâmica. Sites Internet, 2007.

GOMES, Luiz Vidal Negreiros. Desenhando: um panorama dos sistemas gráficos. Santa Maria : EdUFMS, 1998.

_____. Desenhismo. Santa Maria: EdUFMS, 1996.

_____. Rui Barbosa: um revolucionador de idéias: 120 anos de discurso brasileiro. Santa Maria: sCHDs, 2004.

GOMES, Luiz Vidal Negreiros; STEINER, Ana Amélia (Org.). Debuxo. Santa Maria: EdUFMS, 1997.

HOFSTADTER, Douglas. Gödel, Escher, Bach: um entrelaçamento de gênios brilhantes. Brasília: EdUnB; São Paulo: Imprensa Oficial, 2001.

KALEFF, Ana Maria Martensen Roland. Vendo e entendendo poliedros. Niterói: EdUFF, 2003.

KALEFF, Ana Maria Martensen Roland; REI, Dulce Monteiro; GARCIA, Simone dos Santos. Quebra-cabeças geométricos e formas planas. Niterói: EdUFF, 2002.

KOPKE, Regina Coeli Moraes. Geometria, desenho, escola e transdisciplinaridade: abordagens possíveis para a educação. Tese Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ/Educação, 2006.

_____. A diversidade da comunicação não verbal: o processo expressivo e gráfico. Dissertação Mestrado. Rio de Janeiro : UFRJ/ECO, 2001.

_____. SDA: sistema dirigido de avaliação. Juiz de Fora: (mimeo), 1988.

_____. Expressão gráfica: desenho como meio e não como fim. João Pessoa: Anais do Encontro Regional de Expressão Gráfica. 2002.

_____. Desenvolvendo competências com auto-avaliação. Recife: Anais do Encontro Regional de Expressão Gráfica. 2004.

_____. Trabalhando auto-avaliação na universidade. Ouro Preto: Anais do Graphica 2000, 2000.

- LACOURT, Helena. Desenho Geométrico. Vols. 1 e 2. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1985.
- MEDEIROS, Lígia. Desenhística: a ciência da arte de projetar desenhando. Santa Maria: sCHDs, 2004.
- MELODINOV, Leonard. A janela de Euclides. São Paulo: Geração Editorial, 2004.
- MONTENEGRO, Gildo Azevedo. Inteligência visual e 3D. São Paulo: Edgard Blücher, 2005.
- _____. Habilidades espaciais: exercícios para o despertar de idéias. Santa Maria: sCHDs, 2003.
- PINHEIRO, Virgílio Athayde. Geometrografia. Vols. 1 e 2. Rio de Janeiro: Editora Bahiense, 1974.
- ULBRICHT, Sérgio Murilo. Geometria e desenho. Florianópolis: SMU (autor), 1998.

IMAGEM DIGITAL 2D - 60h

ART186

Ementa: Investigar as possibilidades de construção da imagem digital em duas dimensões. Pesquisar a imagem digital no campo da arte e do design, bem como nas interfaces de intercessão entre as duas áreas do saber. Este conteúdo se desenvolve a partir de exercícios práticos em computador, executados de forma individual por aluno.

Conteúdo

- 1 - Discursos e leituras de imagens.
- 2 - Os novos paradigmas da imagem digital.
- 3 - Processos de criação da imagem digital.
- 4 - Processos de desconstrução e montagem da imagem.
- 5 - Geração de efeitos especiais em imagens 2D.
- 6 - Manipulação fotográfica - métodos de interferência na imagem.
- 7 - Verdade e ficção na imagem fotográfica.

Bibliografia básica:

- SONTAG, Susan. Ensaio sobre fotografia. Rio de Janeiro: Cia das Letras, 1973.
- SAMAIN, Etienne (org). O fotográfico. São Paulo: SENAC, 2005.
- KRAUSS, Rosalind. O fotográfico. Lisboa: Gustavo Gilli, 2010.

Bibliografia complementar:

- AUMONT, Jacques. A imagem. São Paulo: Ed. Papirus, 1993.
- AZEVEDO, Wilton. Os signos do design. São Paulo: Editora Global, 2ª edição, 1996.
- BARTHES, Roland. A câmara clara. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1985.
- BAUDRILLARD, Jean. Simulacres et simulation. Paris: Ed. Galilee, 1993.
- DEBRAY, Régis. Vida e morte da imagem: uma história do olhar no ocidente. Petrópolis: Ed. Vozes, 1994.
- DENIS, Rafael Cardoso. Uma introdução a história do design. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2000.
- DONDIS, Donis. A Sintaxe da Linguagem Visual. São Paulo, Martins Fontes, 1996.

FRANCASTEL, Pierre. Imagem, visão e imaginação. Lisboa: Edições 70, 1983.
FRUTIGER, Adrian. Sinais e Símbolos. São Paulo, Martins Fontes, 2000.
HOLLIS, Richard. Design gráfico: uma história concisa. São Paulo, Martins Fontes, 2001.
MOLES, Abraham. O Cartaz. Coleção Debates. São Paulo, Perspectiva, 1974.
MORAES, Dijon. Limites do design. São Paulo: Editora Studio Nobel, 2ª edição, 1999.
MUNARI, Bruno. Design e comunicação visual. São Paulo, Martins Fontes, 1998.
JOLY, Martine. Introdução a análise da imagem. São Paulo, Edições 70, 2007.
PERROTA, Isabella. Tipos e grafias. Rio de Janeiro, Senac, 2005.
SANTAELLA, Lucia. Palavra, imagem & enigmas. Revista USP, n.16. dez./jan./fev.
SOUZA, Pedro Luiz Pereira. Notas para uma história do design. Rio de Janeiro: Editora 2AB, 2ª edição 2000.
STRUNCK, Gilberto. Como criar identidades visuais para marcas de sucesso: Rio de Janeiro, Rio Books, 2001.
STRUNCK, Gilberto. Viver de Design. Rio de Janeiro, 2AB, 1998.
VILLAS-BOAS, André. O Que é (e o que nunca foi) design gráfico. Rio de Janeiro: 2AB, 1999.
VILLAS-BOAS, André. Princípios de forma e desenho. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SEMINÁRIO DE TEMAS TRANSVERSAIS - 60h

ART182

Ementa: O principal propósito da disciplina é estabelecer um contato com diversas tendências culturais atuais, explorando criticamente suas consequências em diversos domínios político, social, educacional e artístico. Análise das matrizes culturais e dos mecanismos de formação étnica e cultural do povo brasileiro, valorizando as raízes africanas da nação brasileira. Análise de questões a respeito da problemática ambiental e preservação do meio ambiente.

Conteúdo

A disciplina possui conteúdos organizados na forma de seminários temáticos relacionados ao desenvolvimento de novos paradigmas culturais, científicos e tecnológicos, e seus desdobramentos em domínios políticos, artísticos e educacionais de forma geral. Os seminários serão organizados pelo professor da disciplina e ministrados por palestrantes convidados - cientistas, filósofos, artistas, artesãos e produtores culturais de diversas áreas - que promovam os conhecimentos e a cultura de matriz africana e/ou que dizem respeito à população negra. O seminário poderá ser organizado a partir de temas variados ou a partir de um mesmo grupo temático.

Bibliografia básica

LIPOVETSKY, G.; ROUX, E. O luxo eterno. São Paulo: Cia das Letras, 2005.
MATTA, Roberto da. O que faz o Brasil, Brasil: São Paulo: Rocco, 1997.
MOTA, Lourenço Dantas. Introdução ao Brasil: um banquete no trópico. São Paulo: SENAC, 2008.

ORTIZ, Renato. A moderna tradição brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1994.
PEREIRA, Carlos Alberto M. Anos 70: trajetórias. São Paulo: Iluminuras, 2005.
RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

Bibliografia complementar:

Variável segundo indicação do professor e sugestão dos palestrantes. Referências para leitura, livros, catálogos de exposições e escritos de artistas serão constantemente renovados, de acordo com a evolução dos tópicos que organizam os módulos propostos.

Formação básica Linguagens da Arte (obrigatórias): 300h

CERÂMICA I - 60h

ART049

Ementa: Compreender o ensino teórico e prático da tecnologia e métodos para a conformação de peças em argila.

Conteúdo

I - Cerâmica:

- 1.1. Definições e âmbitos
- 1.2. Terminologia Corrente
- 1.3. Histórico
 - 1.3.1. Pré-história
 - 1.3.2. Oriente Próximo e Egito
 - 1.3.3. Cerâmica púnica e Ibérica
 - 1.3.4. Grécia e Roma
 - 1.3.5. Cerâmica Pré-Colombiana
 - 1.3.6. Cerâmica Árabe
 - 1.3.7. China
 - 1.3.9. Japao

UNIDADE II - Materiais Cerâmicos, Ferramentas e Maquinaria

- 2.1. Argilas
 - 2.1.1. Natureza
 - 2.1.2. Tipos: Caolin; Ball

Bibliografia básica

CHAVARRIA, Joaquim. La Ceramica. Barcellona, Parramon Ediciones S.A., 1994.
WOODY, Elsbeth S. Cerâmica a Mano. Barcelona, CEAC Ediciones, 1993.
COSENTINO, Peter. Enciclopedia de Técnicas Cerámicas. Barcelona, Editorial Acanto S.A., 1993.
RHODES, Daniel. Arcilla y Vidriado para el Ceramista. Barcelona, CEAC Ediciones, 1990.
GABBAI, Miriam. Cerâmica Arte da Terra. São Paulo, 1992.
VICENTIZ, Jose Luis. Suministros Cerâmicos. Publicaciones Sopelana, 1994.
LEACH, Bernard. A Potter's Book. London, Faber and Faber, 1945.
FRICKE, Johan. A Cerâmica. São Paulo, Editorial Presença, 1987.
COOPER, Emmanuel. Cerâmica. Barcelona, Instituto Parramon Ediciones, 1982.
SANTOS, Persio. Tecnologia das Argilas. São Paulo, Editorial USP.

PINTURA I - 60h

ART024

Ementa

Fundamentação histórica e de domínio prático em técnicas de pintura nas artes visuais. Instrumentalizar o aluno na teoria e na prática técnica para que o mesmo possa ter subsídios para o desenvolvimento de projetos bem como a análise e a discussão teórica dos mesmos.

Conteúdo

01. Instrumental: a tinta, pigmentos, aglutinantes, veículos, suportes, conservação
02. Têmperas: histórico, instrumental, tipos de têmperas, vernizes, conservação
03. Guache: histórico, fórmulas e instrumental, procedimentos técnicos

GRAVURA I - 60h

ART021

Ementa

Compreende o ensino teórico e prático das técnicas da gravura em relevo.

Conteúdo

- 1 - Introdução: Gravura em madeira
 - 1.1 - Materiais, ferramentas
 - 1.2 - Madeira de linha e de topo
 - 1.3 - Gravação
 - 1.4 - Impressão, suportes
 - 1.5 - Gravação em ponta seca
- 2 - Gravura em outro material
 - 2.1 - Materiais, ferramentas
 - 2.2 - Gravação
 - 2.3 - Impressão, suportes
- 3 - Gravura em cor
 - 3.1 - Materiais, ferramentas
 - 3.2 - Duas matrizes
 - 3.3 - Recorte, máscara
 - 3.4 - Gravação
 - 3.5 - Registro, impressão, suportes
4. A Polivalência das imagens
 - 4.1 - Materiais
 - 4.2 - Processos Diretos
 - 4.3 - Impressões, suportes
- 5 - Serigrafia
 - 5.1 - Materiais
 - 5.2 - Confecção de matrizes

5.3 - Registro, impressão, suportes

DESENHO ARTÍSTICO I - 60h

ART006

Ementa

Estilo, fatura e técnica. Textura, volume e sombreado. Proporção e equilíbrio. Pontos fundamentais de um desenho. Perspectiva exata e de observação. Planejamentos. Luz e sombra. A cor luz e pigmento. Cópia do natural: Estatuária, objetos e paisagens, sólidos e frutas. Técnicas diversas: Lápis, carvão, cera, hidrográficas, esferográficas, pastel, giz, sanguínea, nanquim, estilete, aquarela, borrifar, canetas de penas.

Conteúdo

1. Introdução: Conceituação de desenho e breve histórico; Estilos de Desenho; Modalidades de Desenho.
2. O Desenho como Linguagem: Desenho de Observação; Desenho de Interpretação; Desenho de Criação; Composição Básica; Exercícios Preliminares.
3. Lápis grafite: Referência Histórica. Lápis Grafite; Uso do Lápis. Apontar. Tipos de Ponta. Modo de segurar; Traços e Texturas; Sólidos Geométricos; Exercícios: projeto Artístico.
4. Nanquim: Referência Histórica; Material; Traços Básicos; Estilos de Desenhos a Nanquim: Bico de Pena e Pincel; Aguadas de Nanquim; Estudos de Manchas; Exercícios.
5. Lápis de cor: Tipos de Traços; Mistura de Cores.
6. Lápis aquarela: Experimentação do Material.

Bibliografia básica:

GOMES, Luis Vidal N.; STEINER, Amélia (orgs). Debuxo. Santa Maria, 1997.
PARRAMON'S Editorial Team. La Perspectiva em El dibujo. Espanha: Parramon, 2011.
TIBURI, Márcia; CHUÍ, Fernando. Diálogo/Desenho. São Paulo: SENAC, 2010.

Bibliografia complementar:

EDWARDS. Betty. Desenhando Com o Lado Direito do Cérebro. Tradução, Roberto Raposo. RJ. Ediouro, 1984.
JANSON, H.W. História da Arte. Lisboa: fundação Calonste Gulbenkian, 1977.
KENNETH. JAMESON. Desenhar. Martins Fontes. 1982.
MALTESE, Conrado. Las Técnicas Artísticas. Madrid: Manuales de Arte Cátedra, s.d.
MAYER, Ralph. Materiais y Técnicas Del Arte. Madrid: Hermann Blume, 1985.
PARRAMÓN, J.M. Manual Del Artista. Barcelona: Parramón Ediciones, S. A, 1999.

PARRAMÓN, J.M. El Gran Libro Del Dibujo. Barcelona: Parramón Ediciones, S.A, 1999.

RUDEL, Jean. A Técnica do Desenho. Rio de Janeiro. Zahar Editores, 1980.

ESCULTURA I - 60h

ART081

Ementa

Fornecer contato teórico e prático com materiais e técnicas de expressão no espaço tridimensional. Desenvolver a compreensão e propiciar o estudo das características formais envolvidas em uma prática escultórica. Prática de ateliê com realização de exercícios envolvendo procedimentos técnicos escultóricos ligados à modelagem, moldagem e talha.

Conteúdo

Elementos formais da expressão tridimensional.

Formas e volumes.

Espaço e tempo.

Materialidades.

Estudos de técnicas e elaboração de trabalhos práticos (*) no espaço tridimensional

Princípios técnicos para modelar

Princípios técnicos para a realização de moldes em gesso

Princípios técnicos para seriação e cópias a partir de moldes: argila, gesso, cimento e cera.

Princípios teóricos de fundição: metais

Princípios teóricos para talhar em pedra e madeira

A arte da Escultura.

Escultura Internacional nos Séculos XIX e XX

Escultura Brasileira no Século XX

(*) A parte prática será determinada de forma progressiva pelos projetos individuais que cada aluno apresentará e desenvolverá durante o semestre.

Bibliografia básica:

ARGAN, Giulio Carlo Argan. Arte Moderna. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

DE POI, Marco Alberto. Como Realizar Esculturas. Barcelona: Editorial De Vecchi, 1997.

KRAUSS, Rosalind E. Caminhos da Escultura Moderna. São Paulo: Martins Fontes, 1998

MIDGLEY, Barry (org.). Guia Completa de Escultura, Modelado Cerâmica. Madri: Hermann Blume Ediciones, 1982.

ARGAN, Giulio Carlo Argan. Arte Moderna. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

STANGOS, Nikos (org.). Conceitos da Arte Moderna. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

TUCKER, William. A Linguagem da Escultura. São Paulo: Cosac & Naify, 1999.

WITTIKOWER, Rudolf. Escultura. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

ZANINI, Walte. Tendências da Escultura Moderna. São Paulo: Ed. Cultrix, 1971.

Bibliografia complementar
Em aberto

Eletivas:

CERÂMICA II - 60h

ART050

- 1 - OS ESMALTES
 - 1.1 - Composição dos esmaltes
 - 1.2 - Grupos alcalinos
 - 1.3 - Grupos alumínio
 - 1.4 - Grupos ácidos
 - 1.5 - Composição da argila e o esmalte
 - 1.6 - Passagem e elaboração
- 2 - TÉCNICAS DE APLICAÇÃO DOS ESMALTES
 - 2.1 - Submergido
 - 2.2 - Esmaltado a pincel
 - 2.3 - Esmaltado com esponja
 - 2.4 - Esmaltado com spray
 - 2.5 - Vertimento
 - 2.6 - Defeitos nos esmaltes
 - 2.7 - Efeitos especiais
 - 2.8 - Raku

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

A Potter's Book - Bernard Leach - Faber and Faber

Cerâmica (Pastas e Vidriados) - Claude Vittel -Paraninfo S/A

A Cerâmica - Johan Fricke - Editorial Presença

Dicionario de Quimica - Fernandi Luis Carrari - Jorge de Oliveira - Meditsch - Editora Globo.

PINTURA II

ART025

- 1 - Aquarela
 - 1.1 - História e evolução da técnica
 - 1.2 - Suportes p/ aquarelas
 - 1.3 - Aguadas

- 1.4 - Chapados
- 1.5 - Transparencias
- 1.6 - Técnicas mista (lápis, cera, colagem)
- 1.7 - Monotipia (mista c/lápis de cor e grafite)
- 1.8 - Crachi
- 1.9 - Conservação
- 2 - Acrílicas
- 2.1 - História e evolução da técnica
- 2.2 - Suportes p/ acrílicas
- 2.2.1 - Papel
- 2.2.2 - Tecido
- 2.2.3 - Madeira
- 2.4 - Chapados
- 2.5 - Transparencias
- 2.6 - Monotipia
- 2.7 - Matéria (texturas)
- 2.8 - Glacis
- 2.9 - Colagem e Pintura
- 2.10- Vernizes p/ acrílicas
- 2.11- Conservação
- 3 - Afresco e Encáustica
- 3.1 - História e evolução da técnica

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- MOTTA, Edson e SALGADO, Maria Luiza Guimarães. Iniciação a Pintura. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1976.
- OSTROWER, Fayga. Criatividade e Processos de Criação. Editora Vozes, Petrópolis, 1978.
- CRESPI, Irene e FERRARIO, Jorge. Léxico Técnico de las Artes Plásticas. Editorial Universitario de As. As., Buenos Aires, 1977.
- HAYES, Colin. Guia Completa de Pintura e Dibujo Técnica e Materiales. H. Blume Ediciones, Madrid, 1981.
- DA VINCI, Leonardo. Tratado de Pintura. Editora Nacional, Madrid, 1980.
- SMIT, Stan y HOLT, H. F. Ten. Manual del Artista, Equipo, Materiales, Técnicas. H. Blume Ediciones, Madrid, 1982.
- READ, Herbert. História da Pintura Moderna. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1980
- SAXTON, Colin. Curso de Arte. Hermann Blume, Madrid, 1982.
- JANUSZCZAK, Waldemar. Técnicos de los Grandes Pintores. H.Blume Ed. Madrid, 1981

GRAVURA II - 60h

ART022

- 1 - Preparo e uso das chapas de cobre, latão, zinco e outros materiais.
- 2 - Análise da técnica de agua forte.
- 3 - Os mordentes e emprego dos vernizes.
- 4 - Conhecimento técnico dos processos de impressão da gravura em metal.
- 5 - Água-tinta.
- 6 - Técnicas secas

7 - Resinas

8 - Emprego da cor na gravura em metal.

9 - Litografia.

Compreender o ensino teórico e prático, exercícios experimentais e artesanais para o domínio dos seguintes materiais expressivos: metal e pedra (gravura).

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

DA SILVA, Orlando. A arte Maior da Gravura. São Paulo, Ed. Espade

LEITE, José Roberto T. , Gravura Brasileira. Rio de Janeiro, Editora Expressão e Cultura S.A.

MARTINS, Carlos. Introdução ao Conhecimento da Gravura em Metal. Rio de Janeiro,

MNBS - PUC - FUNARTE.

LOCHE, Renee. La Litografia. Barcelona, Espana, H.Blume Ed.

DAWSON, John. Grabado e Impression. Barcelona, Espana, H.Blume Ed.

JORGE, Alice e Gabriel, Maria. Técnica da Gravura Artística. Lisboa,

Livros Horizonte, Ed.

ADHEMAR, Jean. La Gravure Originale au XX Siecle. Paris, France, Ed. Somogy.

CAMARGO, Iberê. A Gravura. São Paulo, Topal Ind. e Com.

ESCULTURA II - 60h

ART082

EMENTA

- Fornecer contato teórico e prático com materiais e técnicas de expressão no espaço tridimensional.

Desenvolver a compreensão e propiciar o estudo das características formais envolvidas em uma prática escultórica.

- Fornecer embasamento teórico sobre os princípios estéticos ligados a escultura moderna e contemporânea.

- Prática de ateliê com realização de trabalhos envolvendo procedimentos técnicos escultóricos relacionados

com: confecção de moldes, cópias, fundição e processos construtivos envolvendo plásticos, madeiras e metais.

CONTEÚDO

Unidades teóricas:

1. Princípios de apropriação e deslocamento na experiência escultórica.

2. Princípios construtivos em proposições e técnicas escultóricas.

3. A arte objetual: raízes históricas e desdobramentos no século XX e XXI.

4. Futurismo e Construtivismo: conceitos, procedimentos, técnicas e materiais

5. A escultura contemporânea.

Unidades teórico/práticas:

1. Estudo e exercícios para a compreensão de alguns elementos formais da expressão tridimensional. Ampliação do repertório da linguagem escultórica.

2. Forma, volume, espaço, tempo, conceito, assunto, lugar, dimensão e materialidades.

3. Ferramentas, técnicas, materiais, procedimentos e acabamento.

4. Estabelecimento de temas com base nos exercícios seguindo uma proposta individual, com vistas a alcançar uma síntese expressiva própria.
5. Estudos e experimentação de técnicas para elaboração de moldes e produção de cópias.
6. Estudos e experimentação de técnicas para trabalhos com objetos.
7. Estudos e experimentação de técnicas construtivas (papel, papelão, plásticos, madeiras e metais).

BIBLIOGRAFIA

- FABRIS, Annateresa (et al). Tridimensionalidade: arte brasileira do século XXI. São Paulo: Itaú Cultural: Cosac Naify, 1999.
- KRAUSS, Rosalind. Caminhos da Escultura Moderna. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- KRAUSS, Rosalind. A escultura no campo ampliado. Revista Gávea, n. 01, Rio de Janeiro
- READ, Herbert. Escultura Moderna. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- TUCKER, William. A Linguagem da Escultura. São Paulo: Cosac & Naify, 1999.
- WITTKOWER, Rudolf. Escultura. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- ZANINI, Walter. Tendências da Escultura Moderna. São Paulo: Cultrix, 1971.
- ARGAN, Giulio Carlo Argan. Arte Moderna. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.
- CAUQUELIN, Anne. Arte Contemporânea. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CHIPP, Herchel Browning. Teorias da arte moderna. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- DANTO, Arthur. A transfiguração do lugar comum: uma filosofia da arte. São Paulo: Cosac & Naify, 2005
- LANGER, Susanne. Sentimento e forma. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- Em aberto

DESENHO ARTÍSTICO II - 60h

ART007

EMENTA

1. Anatomia e fisiologia artística: introdução
2. Osteologia e miologia: regiões e mecanismos
3. Proporções do corpo humano
4. Desenho de modelo vivo (observação)
5. Posições estáticas e posições dinâmicas do corpo humano
6. Eixos do corpo. Equilíbrio. Corpo em movimento
7. Apoio unilateral e apoio simétrico
8. Noções de biotipologia
9. Esboços rápidos e de memória
10. Emprego de técnicas e materiais diversos
11. Ideias gerais do desenho de animais.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- PERARD, Victor. Desenho e anatomia. Edicoes de Ouro, Rio de Janeiro.
- OSTROWER, Fayge. Universos da Arte. Rio de Janeiro, Ed. Campus, 1983.

BIGNATTI, Tersio. O Desenho de Altamira a Picasso. São Paulo, Ed. Abril, 1982.
STANGOS, Nikos. Conceitos da Arte Moderna. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1991
KANDINSKY, Wassily. Ponto, Linha, Plano. Lisboa, Edições 70, 1970.
KANDINSKY, Wassily. Curso de Bauhaus. Lisboa, Edições 70, 1970.
DONDIS, Denis. Sintaxe de Linguagem Visual. São Paulo, Ed. Martins, 1991.

ESTÉTICA E CRÍTICA DAS ARTES - 60h

ART203

EMENTA

Estudo da estética e crítica de arte sob uma perspectiva histórica. Fundamentos filosóficos da antiguidade. Humanismo e o surgimento da teoria da arte. Estética e crítica de arte na modernidade. Arte e natureza; arte e idéia; mimesis; poíesis.

CONTEÚDO

1. A ANTIGUIDADE

Platão: a crítica da imitação

Aristóteles: as regras da arte

2. O HUMANISMO

Alberti: a teoria da arte

Vasari: vida dos pintores

Lomazzo: a representação da Idéia

Bellori: Idéia e natureza

3. O SÉCULO XVIII

O Clássico e o Romântico: Winckelmann (1717-1768)

Lessing: pintura, arte do espaço

4. A MODERNIDADE

Baudelaire e a modernidade

Greemberg e a pureza dos meios

Walter Benjamim: a reprodutibilidade da arte

Merleau-Ponty e a fenomenologia

BIBLIOGRAFIA

ALBERTI, Leon Batista. Da Pintura. (Trad.: Antônio da Silva Mendonça) Campinas: Ed. da UNICAMP, 1992.

ARISTÓTELES. Arte Poética. (Tradução: Pietro Nasseti). São Paulo: Martin Claret, 2003.

ARISTÓTELES. Retórica das Paixões (Tradução: Isis Borges da Fonseca). São Paulo: 2003. (Clássicos)

ARGAN, Giulio Carlo. Arte moderna. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

ARGAN, Giulio Carlo. Arte e crítica de arte. Lisboa: Estampa, 1995.

ARGAN, Giulio Carlo; FAGIOLLO, Maurizio. Guia de História da Arte. Lisboa: Estampa, 1994.

BAUDELAIRE, Charles. O pintor da vida moderna. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

BATTCK, Gregory (org.). A nova arte. São Paulo, Perspectiva, 1986. (coleção debates)

BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BLUNT, Anthony. Teoria artística na Itália 1450-1600. (Tradução: João Moura Jr.) São Paulo: Cosac & Naify, 2001.

CAUQUELIN, Anne. Teorias da arte. São Paulo: Martins Fontes, 2005. (Todas as Artes)

DUVE, Thierry de. A arte depois do mal radical. In: ARS 13. São Paulo: Dep. De Artes Plásticas/ ECA/ USP, 2009. [www: cap.eca.usp.br/ars.html](http://www.cap.eca.usp.br/ars.html)

GUINSBURG, J. (org.) O Classicismo. São Paulo: Perspectiva, 1999.

GREENBERG, Clement. Clement Greenberg e o debate crítico. (organização, apresentação e notas, Glória Ferreira e Cecilia Cotrim de Mello; tradução, Maria Luiza Borges) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

JIMENEZ, Marc. O que é estética? [Trad.: Fúlvia M. L. Moretto] São Leopoldo: UNISINOS, 1999. (Coleção Focus)

KLEIN, Robert. A forma e o inteligível. São Paulo: Editora da universidade de São Paulo, 1998. (Clássicos; 13)

LACOSTE, Jean. A filosofia da arte. Rio de Janeiro: Joege Zahar, 1986.

LESSING, G. E. Laocoonte ou sobre as fronteiras da pintura e da poesia. (Marcio Seligmann-Silva: Introdução/ Intradução: Mimesis, Tradução, Enérgeia e Tradição do ARGAN, Giulio Carlo, FAGIOLLO, Maurizio. Guia de História da Arte. Ed. Estampa, 1994

BLUNT, Anthony. Teoria artística na Itália 1450-1600. São Paulo: Cosac & Naify, 2001

JIMENEZ, Marc. O que é estética? Ed.UNISINOS, 1999

Ementa de disciplina
 ART203 - ESTÉTICA E CRÍTICA DAS ARTES

ALBERTI, Leon Batista. Da Pintura. (Trad.: Antônio da Silva Mendonça) Campinas: Ed. da UNICAMP, 1992.

ARISTÓTELES. Arte Poética. (Tradução: Pietro Nassetti). São Paulo: Martin Claret, 2003.

ARISTÓTELES. Retórica das Paixões (Tradução: Isis Borges da Fonseca). São Paulo: 2003. (Clássicos)

ARGAN, Giulio Carlo. Arte moderna. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

ARGAN, Giulio Carlo. Arte e crítica de arte. Lisboa: Estampa, 1995.

ARGAN, Giulio Carlo; FAGIOLLO, Maurizio. Guia de História da Arte. Lisboa: Estampa, 1994.

BAUDELAIRE, Charles. O pintor da vida moderna. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

BATTCK, Gregory (org.). A nova arte. São Paulo, Perspectiva, 1986. (coleção debates)

- BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- BLUNT, Anthony. Teoria artística na Itália 1450-1600. (Tradução: João Moura Jr.) São Paulo: Cosac & Naify, 2001.
- CAUQUELIN, Anne. Teorias da arte. São Paulo: Martins Fontes, 2005. (Todas as Artes)
- DUVE, Thierry de. A arte depois do mal radical. In: ARS 13. São Paulo: Dep. De Artes Plásticas/ ECA/ USP, 2009. [www: cap.eca.usp.br/ars.html](http://www.cap.eca.usp.br/ars.html)
- GUINSBURG, J. (org.) O Classicismo. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- GREENBERG, Clement. Clement Greenberg e o debate crítico. (organização, apresentação e notas, Glória Ferreira e Cecília Cotrim de Mello; tradução, Maria Luiza Borges) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- JIMENEZ, Marc. O que é estética? [Trad.: Fúlvia M. L. Moretto] São Leopoldo: UNISINOS, 1999. (Coleção Focus)
- KLEIN, Robert. A forma e o inteligível. São Paulo: Editora da universidade de São Paulo, 1998. (Clássicos; 13)
- LACOSTE, Jean. A filosofia da arte. Rio de Janeiro: Joege Zahar, 1986.
- LESSING, G. E. Laocoonte ou sobre as fronteiras da pintura e da poesia.

II - NÚCLEO DE APROFUNDAMENTO E DIVERSIFICAÇÃO DE ESTUDOS DAS ÁREAS DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL DA FORMAÇÃO ESPECÍFICA:

MEDIAÇÃO EM ARTES - 30h

ARTXXX

EMENTA:

O artista/professor/pesquisador atuante enquanto mediador das poéticas visuais e agente na sua produção, fruição, circulação e recepção. Contextualização e discussão acerca das teorias e práticas em mediação cultural. Teorias da visualidade em mediação e leitura de obra. Deve obrigatoriamente ser cursada concomitantemente à disciplina "Aplicação orientada de Mediação em Arte".

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

1. A mediação de arte como mediação de conhecimento.
2. Teorias e contextos da mediação cultural.
3. O papel do mediador em instituições culturais.
4. Artista, público e obra.

5. Educação estética.
6. Contextos da mediação cultural.
7. Materiais e processos educativos mediadores da arte.
8. Mediação na educação formal e não formal.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

ALENCAR, Valéria Peixoto de. O mediador cultural: considerações sobre a formação e profissionalização de educadores de museus e exposições de arte. 2008. 97 f. Dissertação (Mestrado em Artes) - UNESP, Instituto de Artes, São Paulo, 2008.

BARBOSA, Ana Mae. Arte-educação como mediação. In: COUTINHO, Rejane (Coord.). Diálogos e reflexões com educadores. São Paulo: Centro Cultural Banco do Brasil, 2005.

BOURDIEU, Pierre. O amor pela arte: os museus de arte na europa e seu público.

São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

MARTINS, Miriam, PICOSQUE, Gisa. Mediação cultural para professores andarilhos na cultura. São Paulo. Ed. Arte por escrito/Rizoma Cultural. Content Stuff, 2008. LOSADA, Terezinha – A Interpretação da Imagem: subsídios para o ensino da arte 2011, p. 51. Editora Mauad (1986).

DARRAS, Bernard. As várias concepções da cultura e seus efeitos sobre os processos de mediação cultural. In: BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane (Org.). Arte/educação como mediação cultural e social. São Paulo: UNESP, 2009, p.23-52.

CORRÊA, Ayrton Dutra (org.). Ensino das Artes Visuais: mapeando o processo criativo. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2008.

LEITE, Maria Isabel y OSTETTO, Luciana E. (2005): Museu, educação e cultura: encontros de crianças e professores com a arte, Campinas, SP: Papirus.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

BARBOSA, Ana Mae. Artes Visuais: Da Exposição à Sala de Aula. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

LEITE, Maria Isabel; OSTETTO, Luciana Esmeralda. Museu, Educação e Cultura. Encontros de crianças e professores com a arte. Campinas: Papirus, 2005.

PAREYSON, Luigi. Os problemas da estética. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

HERNANDÉZ, Fernando. Catadores da Cultura Visual: proposta para uma nova narrativa educacional. Porto Alegre: Mediação, 2007.

criativo. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2008.

LEITE, Maria Isabel y OSTETTO, Luciana E. (2005): Museu, educação e cultura: encontros de crianças e professores com a arte, Campinas, SP: Papirus.

APLICAÇÃO ORIENTADA DE MEDIAÇÃO EM ARTE - 30h ARTXXX -

Prática orientada referente à disciplina teórica "Mediação em Arte". Deve obrigatoriamente ser cursada concomitantemente à mesma. São experienciados e produzidos materiais educativos, ações e processos de mediação no campo da educação formal e não-formal.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

1. A mediação de arte como mediação de conhecimento.
2. Teorias e contextos da mediação cultural.
3. O papel do mediador em instituições culturais.
4. Artista, público e obra.
5. Educação estética.
6. Contextos da mediação cultural.
7. Materiais e processos educativos mediadores da arte.
8. Mediação na educação formal e não formal.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

ALENCAR, Valéria Peixoto de. O mediador cultural: considerações sobre a formação e profissionalização de educadores de museus e exposições de arte. 2008. 97 f. Dissertação (Mestrado em Artes) - UNESP, Instituto de Artes, São Paulo, 2008.

BARBOSA, Ana Mae. Arte-educação como mediação. In: COUTINHO, Rejane (Coord.). Diálogos e reflexões com educadores. São Paulo: Centro Cultural Banco do Brasil, 2005.

BOURDIEU, Pierre. O amor pela arte: os museus de arte na europa e seu público. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

MARTINS, Miriam, PICOSQUE, Gisa. Mediação cultural para professores andarilhos na cultura. São Paulo. Ed. Arte por escrito/Rizoma Cultural. Content Stuff, 2008.

LOSADA, Terezinha – A Interpretação da Imagem: subsídios para o ensino da arte 2011, p. 51. Editora Mauad (1986).

DARRAS, Bernard. As várias concepções da cultura e seus efeitos sobre os processos de mediação cultural. In: BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane (Org.). Arte/educação como mediação cultural e social. São Paulo: UNESP, 2009, p.23-52.

CORRÊA, Ayrton Dutra (org.). Ensino das Artes Visuais: mapeando o processo criativo. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2008.

LEITE, Maria Isabel y OSTETTO, Luciana E. (2005): Museu, educação e cultura: encontros de crianças e professores com a arte, Campinas, SP: Papyrus.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

BARBOSA, Ana Mae. Artes Visuais: Da Exposição à Sala de Aula. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

LEITE, Maria Isabel; OSTETTO, Luciana Esmeralda. Museu, Educação e Cultura. Encontros de crianças e professores com a arte. Campinas: Papyrus, 2005.

PAREYSON, Luigi. Os problemas da estética. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

HERNANDÉZ, Fernando. Catadores da Cultura Visual: proposta para uma nova narrativa educacional.

Porto Alegre: Mediação, 2007.

OFICINA DE LEITURA E PRODUÇÃO DE IMAGENS PARA A EDUCAÇÃO - 30h

ART368

Ementa: Esta oficina tem por objetivo conhecer diferentes métodos para leitura e análise de imagens dos mais diversos repertórios (artístico, midiático, publicitário, jornalístico, educacional, científico etc.) de modo a fornecer ao discente instrumentos para construção de seus próprios métodos para análise e concepção crítica de imagens, materiais multimodais e narrativas figuradas em diferentes técnicas e suportes. Para Licenciandos/as em Artes Visuais, esta disciplina deve ser cursada obrigatoriamente junto com a disciplina Prática orientada de Leitura e Produção de Imagens para Educação.

Conteúdo

Conceitos de Semiótica e Tradução Intersemiótica, Semiologia, Iconologia e Teoria da Comunicação. Técnicas de produção de ilustrações, tratamento de imagens e diagramação. Projeto de concepção de imagens, material multimodal (vídeos, infográficos etc.) ou narrativas figuradas (histórias em quadrinhos, textos ilustrados etc.) para finalidade específica (pedagógica, científica, poética etc.), a critério do/a discente.

PRÁTICA ORIENTADA DE LEITURA E PRODUÇÃO DE IMAGENS PARA EDUCAÇÃO (ART373)

Prática orientada para o desenvolvimento de imagens fazendo uso dos conhecimentos adquiridos na disciplina teórica ART368, que é correquisito para esta.

ARTE-EDUCAÇÃO E NOVAS TECNOLOGIAS - 30h

ARTXXX

Ementa: Compreensão das linguagens das novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). O impacto das TICs na Educação. Exploração do uso de meios de comunicação para a Arte-Educação. Projeto do uso de TICs em sala de aula. Para estudantes de Licenciatura, esta disciplina deve ser obrigatoriamente cursada junto com a prática associada Aplicação Orientada de Novas Tecnologias na Arte-Educação, a ser criada.

Conteúdo

1. O que são as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs)
2. Linguagem e construção de significados nas TICs
3. As TICs em sala de aula: seus potenciais e possíveis propostas
4. O uso de TICs para a Arte-Educação
5. Desenvolvimento de projetos de Arte-Educação com TICs

Bibliografia básica:

JOHNSON, Steven. Surpreendente!: a televisão e o videogame nos tornam mais inteligentes. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: 34, 3a. ed, 2010.

MURRAY, Janet H. Hamlet no holodeck. São Paulo: UNESP/Itaú Cultural, 2003.

SANTAELLA, Lucia. Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2a. ed., 2007.

Bibliografia complementar:

BOLTER, Jay David; GRUSIN, Richard. Remediation: understanding new media. Cambridge: The MIT Press, 2000.

GEE, James Paul. What Video Games Have to Teach Us about Learning and Literacy. London: Palgrave Macmillan, 2007.

IABELBERG, Rosa. Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores. Porto Alegre: ArtMed, 2011.

JOHNSON, Steven. Cultura da interface: como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

APLICAÇÃO ORIENTADA DE NOVAS TECNOLOGIAS NA ARTE-EDUCAÇÃO ARTXXX

EMENTA:

Esta prática associada visa orientar os/as discentes na aplicação pedagógica das questões desenvolvidas na disciplina Arte-Educação e Novas Tecnologias.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

1. O que são as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs)
2. Linguagem e construção de significados nas TICs
3. As TICs em sala de aula: seus potenciais e possíveis propostas
4. O uso de TICs para a Arte-Educação
5. Desenvolvimento de projetos de Arte-Educação com TICs

Bibliografia básica:

JOHNSON, Steven. Surpreendente!: a televisão e o videogame nos tornam mais inteligentes. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: 34, 3a. ed, 2010.

MURRAY, Janet H. Hamlet no holodeck. São Paulo: UNESP/Itaú Cultural, 2003.

SANTAELLA, Lucia. Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2a. ed., 2007.

Bibliografia complementar:

BOLTER, Jay David; GRUSIN, Richard. Remediation: understanding new media. Cambridge: The MIT Press, 2000.

GEE, James Paul. What Video Games Have to Teach Us about Learning and Literacy. London: Palgrave Macmillan, 2007.

IABELBERG, Rosa. Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores. Porto Alegre: ArtMed, 2011.

JOHNSON, Steven. Cultura da interface: como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

POÉTICAS VISUAIS NA ARTE-EDUCAÇÃO - 30h

ARTXXX

EMENTA:

Princípios norteadores para práticas de arte-educação na perspectiva das poéticas visuais. Desse modo, dá-se ênfase para o fazer artístico e suas metodologias de ensino, fruição estética e poética. Deve obrigatoriamente ser cursada concomitantemente à disciplina "Prática orientada de Poéticas visuais na arte-educação".

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

1. Poéticas visuais na arte-educação contemporânea.
2. Linguagens no ensino da arte.
3. Artistas e poéticas criativas voltadas para produção de obras de arte de natureza coletiva.
4. Espaços de criação e fruição artística contemporâneos.
5. O artista-professor-pesquisador.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

DERDYK, Edith. Disegno. Desenho. Desígnio. Edith Derdyk (organizadora). São Paulo

(SP). Ed. SENAC, 2007. 311 p.. In: Anais/III Fórum estadual O amor pela arte: os Museus de Arte na Europa e seu Público.

FREIRE, Cristina. Poéticas do processo: a arte conceitual no museu. São Paulo: Iluminaras,/MAC-SP, 1999.

DOMINGUES, Diana (Org.). A Arte no século XXI. São Paulo : Unesp, 1997

MATISSE, Henri. Escritos e reflexões sobre arte. São Paulo: Cosac Naify, 2007. 400p.

OSTROWER, Fayga. Universos da arte. Rio de Janeiro: Campus, 1996.

CANTON, Kátia. Mesa do artista. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

MAYER, Ralph. Manual do artista: de técnicas e materiais. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Nazareth. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 838 p.

OSTROWE R, Fayga. Criatividade e processos de criação. Petrópolis: Vozes, 2002. 187

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

BACHELARD, Gaston. A Poética do Espaço. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BOURRIAUD, Nicolas. Estética relacional. São Paulo: martins, 2009.

GENET, Jean. O atelie de Giacometti. Sao Paulo: Cosac & Naify, 2001.

HUIZINGA, Johan. Homo ludens. São Paulo: Perspectiva, 2008.

SYLVESTER, David; BACON, Francis. Entrevistas com Francis Bacon: a brutalidade do fato. 2.ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.

APLICAÇÃO ORIENTADA POÉTICAS VISUAIS NA ARTE-EDUCAÇÃO - 60h

ARTXXX

EMENTA:

Prática orientada referente à disciplina teórica "Poéticas Visuais na Arte-educação". Deve obrigatoriamente ser cursada concomitantemente à mesma. Nesta disciplina, o aluno poderá colocar em prática suas pesquisas no campo das poéticas visuais que envolvem procedimentos específicos das práticas docentes que investigar.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

Prática orientada.

Estudo de processos poéticos na arte-educação.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

DERDYK, Edith. Disegno. Desenho. Desígnio. Edith Derdyk (organizadora). São Paulo (SP). Ed. SENAC, 2007. 311 p.. In: Anais/III Fórum estadual O amor pela arte: os Museus de Arte na Europa e seu Público.

FREIRE, Cristina. Poéticas do processo: a arte conceitual no museu. São Paulo: Iluminárias,/MAC-SP 1999.

DOMINGUES, Diana (Org.). A Arte no século XXI. São Paulo : Unesp, 1997

MATISSE, Henri. Escritos e reflexões sobre arte. São Paulo: Cosac Naify, 2007. 400p.

OSTROWER, Fayga. Universos da arte. Rio de Janeiro: Campus, 1996.

CANTON, Kátia. Mesa do artista. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

MAYER, Ralph. Manual do artista: de técnicas e materiais. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Nazareth. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 838 p.

OSTROWE R, Fayga. Criatividade e processos de criação. Petrópolis: Vozes, 2002. 187

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

BACHELARD, Gaston. A Poética do Espaço. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BOURRIAUD, Nicolas. Estética relacional. São Paulo: martins, 2009.

GENET, Jean. O atelie de Giacometti. Sao Paulo: Cosac & Naify, 2001.

HUIZINGA, Johan. Homo ludens. São Paulo: Perspectiva, 2008.

SYLVESTER, David; BACON, Francis. Entrevistas com Francis Bacon: a brutalidade do fato. 2.ed. São

Paulo: Cosac & Naify, 2007.

TRABALHO DE FORMAÇÃO DOCENTE EM ARTES VISUAIS I - 60h

ARTXXX

EMENTA:

Iniciação do processo de produção do Trabalho de conclusão de curso que na Licenciatura constitui-se em Trabalho de Formação Docente (TFD). Desenvolvimento da proposta inicial do projeto e metodologia própria, de acordo com a particularidade de cada processo em arte e educação. Deve obrigatoriamente ser cursada concomitantemente à disciplina "PRÁTICA ORIENTADA DE TFD I".

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

1. Desenvolvimento de projeto de TFD. Metodologias de pesquisa em/sobre arte. Artografia.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- ECO, Umberto. Como se faz uma tese. São Paulo: Perspectiva, 1985.
FERRAZ, Maria Heloísa; FUSARI, Maria F. Metodologia do Ensino da Arte. São Paulo: Cortez, 1999.
DOMINGUES, Diana (Org.). A Arte no século XXI. São Paulo : Unesp, 1997
MATISSE, Henri. Escritos e reflexões sobre arte. São Paulo: Cosac Naify, 2007. 400p.
OSTROWER, Fayga. Criatividade e processos de criação. Petrópolis: Vozes, 2002. 187
REY, S. Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais. In: BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (orgs.). O meio como ponto zero: 140.
STUBS, Roberta. A/r/tografia de um corpo-experiência: arte contemporânea, feminismos e produção de subjetividade. 2015. Tese (Doutorado em Psicologia) Programa de PósGraduação em Psicologia, Universidade Estadual Paulista, Campus de Assis, São Paulo, Brasil.
ZAMBONI, Silvio. A pesquisa em Arte – um paralelo entre arte e ciência. Campinas : Autores Associados, 1998.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

- BACHELARD, Gaston. A Poética do Espaço. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
BOURRIAUD, Nicolas. Estética relacional. São Paulo: martins, 2009.
GENET, Jean. O atelier de Giacometti. Sao Paulo: Cosac & Naify, 2001.
HUIZINGA, Johan. Homo ludens. São Paulo: Perspectiva, 2008.
SYLVESTER, David; BACON, Francis. Entrevistas com Francis Bacon: a brutalidade do fato. 2.ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.

PRÁTICA ORIENTADA DE TFD I - 30h

ARTXXX

Prática orientada referente à disciplina teórica "TFD I". Deve obrigatoriamente ser cursada concomitantemente à mesma. Serão trabalhados conteúdos do projeto de TFD em seus aspectos práticos e processuais. Pode-se também aplicar os projetos desenvolvidos em diferentes espaços educativos.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

1. Metodologias de pesquisa em/sobre arte.
2. Artografia.
3. Apresentação do projetos individuais.
4. Pré-banca de TCC.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- ECO, Umberto. Como se faz uma tese. São Paulo: Perspectiva, 1985.

FERRAZ, Maria Heloísa; FUSARI, Maria F. Metodologia do Ensino da Arte. São Paulo: Cortez, 1999.

DOMINGUES, Diana (Org.). A Arte no século XXI. São Paulo : Unesp, 1997

MATISSE, Henri. Escritos e reflexões sobre arte. São Paulo: Cosac Naify, 2007. 400p.

OSTROWER, Fayga. Criatividade e processos de criação. Petrópolis: Vozes, 2002. 187

REY, S. Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais. In: BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (orgs.). O meio como ponto zero: 140.

STUBS, Roberta. A/r/tografia de um corpo-experiência: arte contemporânea, feminismo e produção de subjetividade. 2015. Tese (Doutorado em Psicologia) Programa de PósGraduação em Psicologia, Universidade Estadual Paulista, Campus de Assis, São Paulo, Brasil.

ZAMBONI, Silvio. A pesquisa em Arte – um paralelo entre arte e ciência. Campinas : Autores Associados, 1998.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

BACHELARD, Gaston. A Poética do Espaço. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BOURRIAUD, Nicolas. Estética relacional. São Paulo: martins, 2009.

GENET, Jean. O atelié de Giacometti. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.

HUIZINGA, Johan. Homo ludens. São Paulo: Perspectiva, 2008.

SYLVESTER, David; BACON, Francis. Entrevistas com Francis Bacon: a brutalidade do fato. 2.ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.

TRABALHO DE FORMAÇÃO DOCENTE EM ARTES VISUAIS II - 60h

ARTXXX

EMENTA:

Finalização do processo de produção do Trabalho de Formação Docente, que corresponde ao Trabalho de conclusão de curso. Apresentação final de TFD. Deve obrigatoriamente ser cursada concomitantemente à disciplina "PRÁTICA ORIENTADA DE TFD II".

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

1. Acompanhamento do projeto e defesa final de TFD.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

ECO, Umberto. Como se faz uma tese. São Paulo: Perspectiva, 1985.

FERRAZ, Maria Heloísa; FUSARI, Maria F. Metodologia do Ensino da Arte. São Paulo: Cortez, 1999.

DOMINGUES, Diana (Org.). A Arte no século XXI. São Paulo : Unesp, 1997

MATISSE, Henri. Escritos e reflexões sobre arte. São Paulo: Cosac Naify, 2007. 400p.

OSTROWER, Fayga. Criatividade e processos de criação. Petrópolis: Vozes, 2002. 187

REY, S. Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais. In: BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (orgs.). O meio como ponto zero: 140.
STUBS, Roberta. A/r/tografia de um corpo-experiência: arte contemporânea, feminismos e produção de subjetividade. 2015. Tese (Doutorado em Psicologia) Programa de PósGraduação em Psicologia, Universidade Estadual Paulista, Campus de Assis, São Paulo, Brasil.
ZAMBONI, Silvio. A pesquisa em Arte – um paralelo entre arte e ciência. Campinas : Autores Associados, 1998.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

BACHELARD, Gaston. A Poética do Espaço. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
BOURRIAUD, Nicolas. Estética relacional. São Paulo: martins, 2009.
GENET, Jean. O atelie de Giacometti. Sao Paulo: Cosac & Naify, 2001.
HUIZINGA, Johan. Homo ludens. São Paulo: Perspectiva, 2008.
SYLVESTER, David; BACON, Francis. Entrevistas com Francis Bacon: a brutalidade do fato. 2.ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.

Prática orientada referente à disciplina teórica "TRABALHO DE FORMAÇÃO DOCENTE EM ARTES VISUAIS II". Deve obrigatoriamente ser cursada concomitantemente à mesma. Nestas práticas o estudante poderá preparar e finalizar o seu projeto que será apresentado para integralização do curso em banca a ser realizada ao final do período, conforme orientação docente.

PRÁTICA ORIENTADA DE TFD II - 30h

ARTXXX

EMENTA:

Prática orientada referente à disciplina teórica "TRABALHO DE FORMAÇÃO DOCENTE EM ARTES VISUAIS II". Deve obrigatoriamente ser cursada concomitantemente à mesma. Nestas práticas o estudante poderá preparar e finalizar o seu projeto que será apresentado para integralização do curso em banca a ser realizada ao final do período, conforme orientação docente.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

Prática orientada.
Finalização do TFD.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

ECO, Umberto. Como se faz uma tese. São Paulo: Perspectiva, 1985.
FERRAZ, Maria Heloísa; FUSARI, Maria F. Metodologia do Ensino da Arte. São Paulo: Cortez, 1999.
DOMINGUES, Diana (Org.). A Arte no século XXI. São Paulo : Unesp, 1997
MATISSE, Henri. Escritos e reflexões sobre arte. São Paulo: Cosac Naify, 2007. 400p.

OSTROWER, Fayga. Criatividade e processos de criação. Petrópolis: Vozes, 2002. 187

REY, S. Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais. In: BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (orgs.). O meio como ponto zero: 140.

STUBS, Roberta. A/r/tografia de um corpo-experiência: arte contemporânea, feminismos e produção de subjetividade. 2015. Tese (Doutorado em Psicologia) Programa de PósGraduação em Psicologia, Universidade Estadual Paulista, Campus de Assis, São Paulo, Brasil.

ZAMBONI, Silvio. A pesquisa em Arte – um paralelo entre arte e ciência. Campinas : Autores Associados, 1998.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

BACHELARD, Gaston. A Poética do Espaço. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BOURRIAUD, Nicolas. Estética relacional. São Paulo: martins, 2009.

GENET, Jean. O atelie de Giacometti. Sao Paulo: Cosac & Naify, 2001.

HUIZINGA, Johan. Homo ludens. São Paulo: Perspectiva, 2008.

SYLVESTER, David; BACON, Francis. Entrevistas com Francis Bacon: a brutalidade do fato. 2.ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.

Eletivas

OFICINA DE JOGOS ANALÓGICOS - 30h

ART367

Ementa:

Esta oficina tem por objetivo experimentar diferentes tipos de jogos analógicos de modo que o/a licenciando/a se familiarize com repertórios lúdicos comuns entre estudantes do ensino básico e possa, a partir dessas experiências, idealizar jogos analógicos com finalidade pedagógica. Para estudantes de Licenciatura, esta disciplina deve ser obrigatoriamente cursada junto com a prática associada Aplicação Orientada de Jogos Analógicos ART372.

Conteúdo Programático:

Conceitos de Estudos sobre Jogos (Game Studies), Narratividade e Aprendizagem por Jogos (Game-Based Learning); experiência com diferentes tipos de jogos narrativos e narrativas lúdicas; projeto de concepção de um jogo narrativo ou narrativa lúdica com finalidade pedagógica.

APLICAÇÃO ORIENTADA DE OFICINA DE JOGOS ANALÓGICOS - 30h

ART372

EMENTA DA DISCIPLINA:

Esta disciplina diz respeito ao número de horas práticas cumpridas pelo/a discente em espaço educacional externo à Universidade. Estas horas serão computadas por meio de lista de

presença preenchida no local de atuação. A avaliação será dada na disciplina Oficina de Análise e Produção de Jogos Narrativos pela apresentação dos trabalhos realizados durante a prática.

PROGRAMA DA DISCIPLINA:

Aplicação prática de jogos e atividades lúdicas elaborados pelo/a discente na disciplina Oficina de Análise e Produção de Jogos Narrativos. Disciplina de horário livre, de acordo com os espaços educacionais onde o/a discente atuará.

OFICINA DE MATERIAL DIDÁTICO - 30h

ART362

Ementa: A oficina tem por objetivo mobilizar os diversos conteúdos teóricos formativos na idealização de material didático pelo/a licenciando/a partir de escolha de temas transversais, a saber: questões de gênero, étnico-raciais, ambientais, éticas e quaisquer outras que se julgue pertinentes e/ou que sejam trazidas pelos licenciandos a partir de suas práticas educacionais (inclusão, cidadania, violência etc), premissas pedagógicas, linguagens e materiais de seu interesse e da observação do seu ambiente de prática docente no decorrer do curso.

Para estudantes de Licenciatura, esta disciplina deve ser obrigatoriamente cursada junto com a prática associada Aplicação Orientada de Material Didático - ART374.

Conteúdo

- Delimitação de questões de interesse dos estudantes (para licenciandos em Artes, apresentadas no pré-projeto de TCC) envolvendo uma prática docente em curso (programa de iniciação à docência, projeto de extensão universitária, estágio e/ou observação em escola, museu, ateliê, galeria etc).
- Levantamento de questões poéticas e estéticas contemporâneas
- Estabelecimento de relações entre as questões individuais dos licenciandos e as questões poético-estéticas apresentadas, gerando conceitos próprios
- Concepções iniciais de objetos estéticos que sintetizem os conceitos gerados
- Aplicações didáticas experimentais dos objetos confeccionados em espaço escolhido para prática docente curricular.

Bibliografia básica:

BROSSEAU, Guy. Introdução ao estudo das situações didáticas. São Paulo: Editora Ática, 2008.

COUTO, Rita Maria de Souza & Jefferson, Alfredo O. (org). Formas do Design - por uma metodologia interdisciplinar. Rio de Janeiro: 2AB & PUC-Rio, 1999.

NOGUEIRA, Nilbo Ribeiro. Pedagogia dos Projetos: etapas, papéis e atores. São Paulo: Editora Érica, 2011.

Bibliografia complementar:

CANDAU, Vera. (org) A didática em questão. Petrópolis: Editora Vozes, (1983) 2007.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HERNÁNDEZ, Fernando. Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho. Trad. Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artmed, 1998.

APLICAÇÃO ORIENTADA DE OFICINA DE MATERIAL DIDÁTICO - 60h

ART374

Ementa: Aplicação, produção e experimentação prática dos projetos realizados na disciplina Oficina de Material Didático ART 362. Os projetos poderão ser desenvolvidos em diferentes espaços educacionais.

Conteúdo

- Delimitação de questões de interesse dos estudantes (para licenciandos em Artes, apresentadas no pré-projeto de TCC) envolvendo uma prática docente em curso (programa de iniciação à docência, projeto de extensão universitária, estágio e/ou observação em escola, museu, ateliê, galeria etc).
- Levantamento de questões poéticas e estéticas contemporâneas
- Estabelecimento de relações entre as questões individuais dos licenciandos e as questões poético-estéticas apresentadas, gerando conceitos próprios
- Concepções iniciais de objetos estéticos que sintetizem os conceitos gerados
- Aplicações didáticas experimentais dos objetos confeccionados em espaço escolhido para prática docente curricular.

Bibliografia básica:

BROSSEAU, Guy. Introdução ao estudo das situações didáticas. São Paulo: Editora Ática, 2008.

COUTO, Rita Maria de Souza & Jefferson, Alfredo O. (org). Formas do Design - por uma metodologia interdisciplinar. Rio de Janeiro: 2AB & PUC-Rio, 1999.

NOGUEIRA, Nilbo Ribeiro. Pedagogia dos Projetos: etapas, papéis e atores. São Paulo: Editora Érica, 2011.

Bibliografia complementar:

CANDAU, Vera. (org) A didática em questão. Petrópolis: Editora Vozes, (1983) 2007.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HERNÁNDEZ, Fernando. Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho. Trad. Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artmed, 1998.

OFICINA DE MATERIAL DIDÁTICO FASE BETA - 30h

ART363

Ementa: A oficina tem por objetivo orientar a materialização de um protótipo funcional de material didático idealizado previamente pelo/a licenciando/a. Para estudantes de Licenciatura, esta disciplina deve ser obrigatoriamente cursada junto com a prática associada Aplicação Orientada de Material Didático Fase Beta - ART375.

Conteúdo

- Levantamento de pesquisas atuais sobre temas transversais relevantes.
- Recontextualização, dentro de um ou mais temas transversais, dos conceitos dos objetos confeccionados pelos licenciandos bem como das suas práticas pedagógicas
- Reconfigurações e rematerialização dos objetos
- Aplicações didáticas transversais dos objetos em espaço escolhido para prática docente e/ou estágio curricular.

Bibliografia básica:

COELHO, Luiz Antônio L.; FARBIARZ, Jacqueline Lima; FARBIARZ, Alexandre (org.). Os lugares do design na leitura. Rio de Janeiro: Editora Novas Idéias, 2008.

PLAZA, Júlio. Tradução Intersemiótica. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1987.

NOGUEIRA, Nilbo Ribeiro. Pedagogia dos Projetos: etapas, papéis e atores. São Paulo: Editora Érica, 2011.

Bibliografia complementar:

FARBIARZ, Jacqueline Lima; FARBIARZ, Alexandre (org.). EaD Online: suportes e leituras. Rio de Janeiro: Rio Books, 2011.

PADILHA, H. Mestre maestro - a sala de aula como orquestra. Rio de Janeiro: Linha Mestra, 2003.

SILVA, Marcos. Sala de aula interativa. Rio de Janeiro: Quartet, 2002, 3a. ed.

PRÁTICA ORIENTADA DE OFICINA DE MATERIAL DIDÁTICO FASE BETA - 60h

ART375

Ementa: Experimentação e finalização dos projetos desenvolvidos na disciplina Oficina de material didático fase beta. Esta disciplina deve ser obrigatoriamente cursada junto com disciplina Oficina de Material Didático Fase Beta - ART363.

Conteúdo

- Levantamento de pesquisas atuais sobre temas transversais relevantes.
- Recontextualização, dentro de um ou mais temas transversais, dos conceitos dos objetos confeccionados pelos licenciandos bem como das suas práticas pedagógicas
- Reconfigurações e rematerialização dos objetos
- Aplicações didáticas transversais dos objetos em espaço escolhido para prática docente e/ou estágio curricular.

Bibliografia básica:

COELHO, Luiz Antônio L.; FARBIARZ, Jacqueline Lima; FARBIARZ, Alexandre (org.). Os lugares do design na leitura. Rio de Janeiro: Editora Novas Idéias, 2008.

PLAZA, Júlio. Tradução Intersemiótica. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1987.

NOGUEIRA, Nilbo Ribeiro. Pedagogia dos Projetos: etapas, papéis e atores. São Paulo: Editora Érica, 2011.

Bibliografia complementar:

FARBIARZ, Jacqueline Lima; FARBIARZ, Alexandre (org.). EaD Online: suportes e leituras. Rio de Janeiro: Rio Books, 2011.

PADILHA, H. Mestre maestro - a sala de aula como orquestra. Rio de Janeiro: Linha Mestra, 2003.

SILVA, Marcos. Sala de aula interativa. Rio de Janeiro: Quartet, 2002, 3a. ed.

**LABORATÓRIO DE ARTE: LINGUAGENS ARTÍSTICAS E METODOLOGIAS DE ENSINO
- 30h**

ARTXXX

EMENTA:

Prática de laboratório de arte voltado à experimentação das linguagens artísticas na perspectiva do ensino das mesmas e suas possíveis metodologias, visando tanto a educação formal como a não-formal. O ateliê/laboratório com espaço de ensino.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

1. Prática de ensino de desenho
2. Prática de ensino de escultura
3. Prática de ensino de gravura.
4. Prática de ensino de pintura.
5. Prática de ensino de gravura.
6. Prática de ensino em linguagens contemporâneas e tecnológicas.
7. O ateliê como espaço de ensino.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

DOMINGUES, D. (org.) A arte no Século XXI. A Humanização das tecnologias. UNESP, 1997

PARRAMON, Materiais e Técnicas: Guia completo. Editora WMF MARTINS FONTES, 2013.

PIYASENA, SAM. PINTE! Editora: GG BRASIL. São Paulo, 2015

ROIG, MARTÍN GABRIEL. Fundamentos do desenho artístico. Editora WMF MARTINS FONTES, 2015.

SILVA, O. A Arte maior da gravura. Ed. Espade, 1976

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

MAYER, Ralph. Manual do artista: de técnicas e materiais. Tradução Christine Nazareth. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 838 p.

OSTROWER, Fayga. Criatividade e processos de criação. Petrópolis: Vozes, 2002.

DERDYK, Edith. Disegno. Desenho. Desígnio. Edith Derdyk (organizadora). São Paulo (SP). Ed. SENAC, 2007. 311 p.

_____. Formas de pensar o desenho. São Paulo – SP, ed. Scipione, 1994.

MIDGLEY, Barry. Guia Completo de Escultura, Modelado y Cerâmica. Técnicas e Materiais. Barcelona: Herman Blume, 1982.

PRÁTICA ORIENTADA EM LABORATÓRIO DE ARTE: LINGUAGENS ARTÍSTICAS E METODOLOGIAS DE ENSINO - 60h

ARTXXX

EMENTA:

Prática orientada referente à disciplina teórica “Laboratório de Arte: Linguagens Artísticas e Metodologias de Ensino”. Deve obrigatoriamente ser cursada concomitantemente à mesma. Nesta disciplina, o estudante poderá realizar um processo de investigação das linguagens artísticas e possibilidades de ensino na educação formal e não formal, a partir da realização de oficinas artísticas.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

Prática orientada

Prática de ateliê e oficinas.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

DOMINGUES, D. (org.) A arte no Século XXI. A Humanização das tecnologias. UNESP, 1997

PARRAMON, Materiais e Técnicas: Guia completo. Editora WMF MARTINS FONTES, 2013.

PIYASENA, SAM. PINTE! Editora: GG BRASIL. São Paulo, 2015

ROIG, MARTÍN GABRIEL. Fundamentos do desenho artístico. Editora WMF MARTINS FONTES, 2015.

SILVA, O. A Arte maior da gravura. Ed. Espade, 1976

MIDGLEY, Barry. Guia Completo de Escultura, Modelado y Cerâmica. Técnicas e Materiais. Barcelona: Herman Blume, 1982.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

MAYER, Ralph. Manual do artista: de técnicas e materiais. Tradução Christine Nazareth. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 838 p. OSTROWER, Fayga.

Criatividade e processos de criação. Petrópolis: Vozes, 2002.

DERDYK, Edith. Disegno. Desenho. Desígnio. Edith Derdyk (organizadora). São Paulo

(SP). Ed. SENAC, 2007. 311 p.

_____. Formas de pensar o desenho. São Paulo – SP, ed. Scipione, 1994.

LÚDICO NA ARTE-EDUCAÇÃO - 30h

ARTXXX

Ementa: Compreensão do lúdico como forma de expressão artístico-cultural. Estudo da presença da lúdico na história da humanidade. As proposições estéticas e de linguagem do lúdico. As relações entre lúdico e educação. Exploração de formatos lúdicos para a Arte-Educação. Para estudantes de Licenciatura, esta disciplina deve ser obrigatoriamente cursada junto com a prática associada Aplicação Orientada de Lúdico na Arte-Educação, a ser criada.

Conteúdo

1. História dos Estudos do lúdico
2. Lúdico, sua linguagem e suas expressões estéticas
3. Lúdico e educação
4. O lúdico na Arte-Educação
5. Formatos lúdicos para a Arte-Educação

Bibliografia básica:

- FLUSSER, Vilém. Filosofia da caixa preta. São Paulo: Annablume, 2011.
- HUIZINGA, Johan. Homo ludens: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 5a. ed., 2001.
- JOHNSON, Steven. Surpreendente!: a televisão e o videogame nos tornam mais inteligentes. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.
- MACEDO, Lino de; PETTY, Ana Lúcia Sícoli; PASSOS, Norimar Christe. Os jogos e o lúdico na aprendizagem escolar. Porto Alegre: ArtMed, 2011.
- MURRAY, Janet H. Hamlet no holodeck. São Paulo: UNESP/Itaú Cultural, 2003.

Bibliografia complementar:

- ÁVILA, Affonso. O lúdico e as projeções do mundo barroco 1: uma linguagem a dos cortes, uma consciência a dos lucos. São Paulo: Perspectiva, 3a. ed., 1994.
- BROUGÈRE, Gilles. Jogo e educação. Porto Alegre: ArtMed, 1998.
- CHATEAU, Jean. O jogo e a criança. São Paulo: Summus, 2a. ed., 1987.
- GEE, James Paul. What Video Games Have to Teach Us about Learning and Literacy. London: Palgrave Macmillan, 2007.
- SCHILLER, Friedrich. A educação estética do homem. São Paulo: Iluminuras, 4a. ed. 2002.

Aplicação Orientada de Lúdico na Arte-Educação - 60h

ARTXXX

Ementa: Esta prática associada visa orientar os/as discentes na aplicação pedagógica das questões apresentadas na disciplina Lúdico na Arte-Educação.

Conteúdo Programático:

1. História dos Estudos do lúdico

2. Lúdico, sua linguagem e suas expressões estéticas
3. Lúdico e educação
4. O lúdico na Arte-Educação
5. Formatos lúdicos para a Arte-Educação

Bibliografia básica:

- FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta*. São Paulo: Annablume, 2011.
- HUIZINGA, Johan. *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva, 5a. ed., 2001.
- JOHNSON, Steven. *Surpreendente!: a televisão e o videogame nos tornam mais inteligentes*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.
- MACEDO, Lino de; PETTY, Ana Lúcia Sícoli; PASSOS, Norimar Christe. *Os jogos e o lúdico na aprendizagem escolar*. Porto Alegre: ArtMed, 2011.
- MURRAY, Janet H. *Hamlet no holodeck*. São Paulo: UNESP/Itaú Cultural, 2003.

Bibliografia complementar:

- ÁVILA, Affonso. *O lúdico e as projeções do mundo barroco 1: uma linguagem a dos cortes, uma consciência a dos lucos*. São Paulo: Perspectiva, 3a. ed., 1994.
- BROUGÈRE, Gilles. *Jogo e educação*. Porto Alegre: ArtMed, 1998.
- CHATEAU, Jean. *O jogo e a criança*. São Paulo: Summus, 2a. ed., 1987.
- GEE, James Paul. *What Video Games Have to Teach Us about Learning and Literacy*. London: Palgrave Macmillan, 2007.
- SCHILLER, Friedrich. *A educação estética do homem*. São Paulo: Iluminuras, 4a. ed. 2002.

OFICINA DE JOGOS ANALÓGICOS FASE BETA - 30h

ARTXXX

Ementa: Esta oficina tem por objetivo confeccionar um protótipo funcional de jogo analógico com finalidade pedagógica, idealizado previamente. Para estudantes de Licenciatura, esta disciplina deve ser obrigatoriamente cursada junto com a prática associada Aplicação Orientada de Jogos Analógicos Fase Beta, a ser criada.

NARRATIVAS VISUAIS E CONCEPT ART - 30h

ARTXXX

Ementa: Esta oficina visa construir narrativas por meio da imagem e sua associação com outras linguagens, utilizando-se diferentes técnicas e estilos e partindo da definição de um conceito ou tema que atravesse toda uma produção e/ou conjunto de mídias narrativas analógicas e/ou digitais (filme, quadrinhos, séries, jogos etc). Para alunos de Licenciatura, a disciplina deve ser cursada junto com a prática associada Aplicação orientada de Narrativas Visuais e Concept Art.

Conteúdo

Conceituação de tema e objetivos da narrativa visual

Levantamento de referências e pesquisa de similares
Elaboração de elementos narrativos (personagens, cenários, eventos) e suas interfaces (identidade visual, iconografia e outras linguagens)
Escolha de materiais
Elaboração de protótipo funcional
Teste e Avaliação
Relatório de resultados e conclusões

Bibliografia básica:

HALL, Andrew. Fundamentos essenciais da ilustração. Trad. Marcos Capano. São Paulo: Edições Rosari, 2011.

MEGGS, Phillip B. História do Design Gráfico. São Paulo: Cosac & Naify, 2009.

OLIVEIRA, Ieda de (Org.). O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra, o ilustrador. São Paulo: DCL, 2008, pp 93-122.

Bibliografia complementar:

Narrativas visuais diversas

EDITORAÇÃO PARA ARTES - 30h

ARTXXX

Ementa: Experimentações gráficas em suportes impressos e digitais para elaboração de livros, livros de artista, material didático, portfólios, catálogos, panfletos, cartazes, incluindo expressões populares e contemporâneas como lambes, cordéis, grafitti, pop ups etc. Deve ser cursada junto com a prática associada Prática em Editoração para Artes.

Conteúdo

Conceituação de tema e objetivos do suporte

Levantamento de referências e pesquisa de similares

Elaboração de identidade visual, iconografia e outras linguagens

Exercícios de diagramação e organização das linguagens em manchas gráficas

Elaboração de protótipo funcional

Teste e Avaliação

Relatório de resultados e conclusões

Bibliografia Básica

MEGGS, Phillip B. História do Design Gráfico. São Paulo: Cosac & Naify, 2009.

COLLARO, Antonio Celso. **Projeto gráfico:** teoria e prática da diagramação. 4. ed. São Paulo: Summus, c2006. 181p.

WILLIAMS, Robin; AGUIAR, Silvio. **Design para quem não é designer:** noções básicas de planejamento visual. 2. ed. São Paulo: Callis, 2006.

Bibliografia Complementar

Suportes impressos diversos

ENSINO DE HISTÓRIA DA ARTE E CRÍTICA - 30h

ARTXXX

EMENTA:

Investigação de processos, metodologias e conceitos basilares que envolvem o ensino de História da arte e crítica, tanto em contextos de educação formal como na educação não-formal. Investigação de metodologias de ensino que contemplem a diversidade de produções e expressões culturais. Deve obrigatoriamente ser cursada concomitantemente à disciplina "Prática orientada de Ensino de história da arte e crítica".

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

1. Modelos hegemônicos de uma história da arte dita "universal".
2. A invenção da História da arte.
3. A crítica de arte na formação de sujeitos agentes.
4. Metodologias de ensino na educação formal e não-formal.
5. Autores e autoras que apresentam modelos de estudo da arte não-hegemônicos.
6. Concepções pedagógicas contra-hegemônicas

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- ARNOLD, Dana. Introdução a História da Arte - Série Essencial. 2008.
- BAZIN, Germain. História da história da arte. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- BELTING, Hans. O fim da história da arte: uma revisão dez anos depois. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- BURKE, Peter. Cultura popular na idade moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1989
- ALVES, A. R. C. O conceito de hegemonia: de Gramsci a Laclau e Mouffe. Lua Nova, São Paulo, 80: 71-96, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ln/n80/04.pdf>.
- HOOKS, Bell; Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.
- NAVES, Rodrigo. A forma difícil: ensaios sobre e a arte brasileira. São Paulo: Editora Ática, 1996. New York, Museum of Modern Art, 1999.
- SILVA, Dilma de Melo; CALAÇA, Maria Cecília Felix. Arte afro-brasileira. São Paulo: Terceira Margem, 2006.
- SIMIONI, A. P. C. Bordado e transgressão: questões de gênero na arte de Rosana Paulino e Rosana Palazyan. IN: Proa – Revista de Antropologia e Arte [on-line]. Ano 02, vol.01, n. 02, nov. 2010. Disponível em: <<http://www.ifch.unicamp.br/proa/ArtigosII/anasimioni.html>>.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

- CAUQUELIN, Anne. Arte contemporânea. Uma introdução. 1ª edição. Editora Martins. 2005.
- HAUSER, A. A História social da literatura e da arte. São Paulo: Mestre Jou, 1982.
- STUBS, Roberta. A/r/tografia de um corpo-experiência: arte contemporânea, feminismos e produção de subjetividade. 2015. Tese (Doutorado em Psicologia) Programa de PósGraduação em Psicologia, Universidade Estadual Paulista, Campus de Assis, São Paulo, Brasil.

THOMPSON, Robert Farris. Flash of the spirit: Arte e filosofia Africana e afro-americana.

PRÁTICA ORIENTADA DE ENSINO DE HISTÓRIA DA ARTE E CRÍTICA - 60h
ARTXXX

EMENTA:

Prática orientada referente à disciplina teórica "Ensino de História da Arte e Crítica". Deve obrigatoriamente ser cursada concomitantemente à mesma. Nesta disciplina o estudante poderá pensar e aplicar estratégias de ensino de história da arte e crítica que trabalhem na perspectiva das identidades e da diversidade, lançando mão de autores e autoras, bem como metodologias, que não reproduzam discursos hegemônicos.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

Prática orientada.

Experimentação de metodologias e modelos de ensino de história da arte e crítica.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- ARNOLD, Dana. Introdução a História da Arte - Série Essencial. 2008.
- BAZIN, Germain. História da história da arte. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- BELTING, Hans. O fim da história da arte: uma revisão dez anos depois. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- BURKE, Peter. Cultura popular na idade moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1989
- ALVES, A. R. C. O conceito de hegemonia: de Gramsci a Laclau e Mouffe. Lua Nova, São Paulo, 80: 71-96, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ln/n80/04.pdf>.
- HOOKS, Bell; Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.
- NAVES, Rodrigo. A forma difícil: ensaios sobre e a arte brasileira. São Paulo: Editora Ática, 1996. New York, Museum of Modern Art, 1999.
- SILVA, Dilma de Melo; CALAÇA, Maria Cecília Felix. Arte afro-brasileira. São Paulo: Terceira Margem, 2006.
- SIMIONI, A. P. C. Bordado e transgressão: questões de gênero na arte de Rosana Paulino e Rosana Palazyan. IN: Proa – Revista de Antropologia e Arte [on-line]. Ano 02, vol.01, n. 02, nov. 2010. Disponível em: <<http://www.ifch.unicamp.br/proa/ArtigosII/anasimioni.html>>.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

- CAUQUELIN, Anne. Arte contemporânea. Uma introdução. 1ª edição. Editora Martins. 2005.
- HAUSER, A. A História social da literatura e da arte. São Paulo: Mestre Jou, 1982.
- STUBS, Roberta. A/r/tografia de um corpo-experiência: arte contemporânea, feminismos e produção de subjetividade. 2015. Tese (Doutorado em Psicologia) Programa de PósGraduação em Psicologia, Universidade Estadual Paulista, Campus de Assis, São Paulo, Brasil.

THOMPSON, Robert Farris. Flash of the spirit: Arte e filosofia Africana e afro-americana.

MUSEOLOGIA - 30h

ARTXXX

EMENTA:

Definições de museu. Historiografia dos museus modernos e contemporâneos. Aspectos da criação de diferentes tipos de museus e suas tipologias. Museu como espaço educativo. Patrimônio e conservação. Deve obrigatoriamente ser cursada concomitantemente à disciplina “Prática orientada de Museologia”.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

1. História dos museus
2. Tipos de museu.
3. Introdução à conservação e restauro.
4. Introdução ao conceito de patrimônio.
5. Educação em museu.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

BOURDIEU, Pierre e DARBEL, Alain. O amor pela arte: os Museus de Arte na Europa e seu Público. Paris, Minuit, 1966 de Museus – RS Santa Maria: UFSM, 1992:17-25.

BRUNO, Maria Cristina (Org.). O Icom-Brasil e o pensamento Museológico brasileiro: documentos selecionados (Volumes 1 e 2). São Paulo: Pinacoteca, Governo do Estado São Paulo, 2010.

CERAVOLO, S. M. Delineamentos para uma teoria da Museologia. In: Anais do Museu Paulista, v.12, 2004:237-268.

CHOAY, F. A alegoria do patrimônio. São Paulo: UNESP, 2002.

FERNANDES, Maria Luiza Pacheco (trad.). Educação em Museus / Museums and Galleries Commission; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fundação Vitae, 2001. – (Série Museologia, 3). Disponível em http://www.usp.br/cpc/v1/imagem/download_arquivo/roteiro3.pdf Editora da Universidade de São Paulo; Fundação Vitae, 2001.

MENESES, Ulpiano B. Identidade cultural e museus: uma relação problemática. In: Anais/III Fórum estadual O amor pela arte: os Museus de Arte na Europa e seu Público

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

CÓDIGO de Ética do Profissional Museólogo. Documento em versão virtual, disponível em:

<http://www.revistamuseu.com.br/legislacao/museologia/eticacofem.htm>

CÓDIGO DE ÉTICA PARA MUSEUS – ICOM <http://www.icom.org.br/codigoeticalCOM2006.pdf> CÓDIGO DE ÉTICA PARA MUSEUS (American Association of Museums)

<http://www.aamus.org/museumresources/ethics/coe.cfm>

CHAGAS, Mário. A imaginação museal: museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro. Rio de Janeiro: MinC/IBRAM, 2009.
Diana Gonçalves (Org.). Museus: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna. Belo Horizonte: Argumentum, 2005. p. 113-136.

APLICAÇÃO ORIENTADA DE MUSEOLOGIA - 60h

ARTXXX

EMENTA:

Prática orientada referente à disciplina teórica "Museologia". Deve obrigatoriamente ser cursada concomitantemente à mesma. Nesta disciplina prática o discente poderá exercitar processos de mediação em museus, seja como educador ou produtor de materiais próprios de mediação específicos da museologia. A disciplina deve obrigatoriamente ser cursada concomitantemente à "Museologia".

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

Aplicação Orientada.
Projeto de mediação em museu.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

BOURDIEU, Pierre e DARBEL, Alain. O amor pela arte: os Museus de Arte na Europa e seu Público. Paris, Minuit, 1966 de Museus – RS Santa Maria: UFSM, 1992:17-25.

BRUNO, Maria Cristina (Org.). O Icom-Brasil e o pensamento Museológico brasileiro: documentos selecionados (Volumes 1 e 2). São Paulo: Pinacoteca, Governo do Estado São Paulo, 2010.

CERAVOLO, S. M. Delineamentos para uma teoria da Museologia. In: Anais do Museu Paulista, v.12, 2004:237-268.

CHOAY, F. A alegoria do patrimônio. São Paulo: UNESP, 2002.

FERNANDES, Maria Luiza Pacheco (trad.). Educação em Museus / Museums and Galleries Commission; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fundação Vitae, 2001. – (Série Museologia, 3). Disponível em http://www.usp.br/cpc/v1/imagem/download_arquivo/roteiro3.pdf
Editora da Universidade de São Paulo; Fundação Vitae, 2001.

MENESES, Ulpiano B. Identidade cultural e museus: uma relação problemática. In: Anais/III Fórum estadual O amor pela arte: os Museus de Arte na Europa e seu Público

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

CÓDIGO de Ética do Profissional Museólogo. Documento em versão virtual, disponível em:

<http://www.revistamuseu.com.br/legislacao/museologia/eticacofem.htm>

CÓDIGO DE ÉTICA PARA MUSEUS – ICOM
<http://www.icom.org.br/codigoeticalCOM2006.pdf> CÓDIGO DE ÉTICA PARA MUSEUS (American Association of Museums)

<http://www.aamus.org/museumresources/ethics/coe.cfm>

CHAGAS, Mário. A imaginação museal: museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro. Rio de Janeiro: MinC/IBRAM, 2009.

Diana Gonçalves (Org.). *Museus: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna*. Belo Horizonte: Argumentum, 2005. p. 113-136.

C – NÚCLEO PROFISSIONALIZANTE FORMAÇÃO GERAL OBRIGATÓRIA EDUCAÇÃO (FACED):

SABERES ARTÍSTICOS ESCOLARES - 60h

EDU140

Ementa: Introdução às questões relacionadas aos processos de transposição dos saberes do universo da Arte para a Escola. O arte-educador e a mediação entre arte, cultura e educação.

Conteúdo

- A Educação: contextos, tendências e perspectivas.
- Arte como área de conhecimento. Diferentes modos de conhecer arte: os saberes cotidianos, os saberes acadêmicos e os saberes escolares.
- A Escola e o ensino de arte: a sala de aula, as linguagens artísticas e o aprendiz da arte. Verificação in loco dessas aproximações.
- O arte-educador: professor pesquisador e mediador entre arte, cultura e público.

Bibliografia básica:

BARBOSA, Ana Mae (org.). *Arte/Educação Contemporânea*. São Paulo: Cortez, 2006.

BARBOSA, Ana Mae. *Interterritorialidade: mídias, contextos e educação*. São Paulo: Senac, 2008.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GONÇALVES, Maria Gorete Dadalto. REBOUÇAS, Moema Martins (orgs.). *Educação em arte na contemporaneidade* -Vitória: EDUFES, 2015. Disponível: <http://www.edufes.ufes.br/items/show/347>, acesso 02fev2018.

HERNANDEZ, Fernando. *Catadores da Cultura Visual: proposta para uma nova narrativa educacional*. Porto Alegre: Mediação, 2007.

LAGROU, Els. *Arte ou artefato? Agência e significado nas artes indígenas*, Revista Proa, nº02, vol.01,2010.<http://www.ifch.unicamp.br/proa> Disponível: <http://www.ifch.unicamp.br/proa/DebatesII/pdfs/elslagrou.pdf>, acesso 02fev2018.

MARTINS, Miriam Celeste. PICOSQUE, Gisa. *Mediação Cultural para professores andarilhos na cultura*. São Paulo: Intermeios, 2012.

MOREIRA, Ana Angélica Albano. *O espaço do Desenho. A Educação do Educador*. São Paulo: Loyola. 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Alienígenas na sala de aula*. Petrópolis: Vozes, 2012.

TRINDADE, Azoilda Loretto (Org.). Africanidades brasileiras e educação [livro eletrônico]: Salto para o Futuro / Rio de Janeiro: ACERP; Brasília : TV Escola, 2013. Disponível: <http://cdnbi.tvescola.org.br/resources/VMSResources/contents/document/publicationsSeries/1426109893818.pdf> , acesso 02fev2018.

Bibliografia complementar:

ARAÚJO, Emanuel. A mão afro-brasileira: significado da construção artística e histórica. São Paulo: Tenete, 2010.

COSTA, Luiz Cláudio. A gravidade da imagem: arte e memória na contemporaneidade. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2014.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. Por que arte-educação? – Campinas: Papyrus, 2014.

FERRAZ, Maria Heloisa. FUSARI, Maria F de Rezende. Arte na educação Escolar. São Paulo: Cortez, 2009.

HELGUERA, Pablo. HOFF, Mônica (Org.). Pedagogia no campo expandido. Porto Alegre: Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul, 2011.

LÉVY, Pierre. A inteligência coletiva. São Paulo: Folha de São Paulo, 2015.

PERRENOUD, Philippe. (org) As Competências para Ensinar no Século XXI. A Formação dos Professores e o Desafio da Avaliação. Porto Alegre: Artmed, 2002.

RAUSCH, Rita Buzzi. Professor-pesquisador: concepções e práticas de mestres que atuam na educação básica. Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 12, n. 37, p. 701-717, set./dez. 2012 Disponível: <http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/dialogo?dd1=7198&dd99=view&dd98=pb>, acesso 02fev2018.

SILVA, Armando. Atmosferas urbanas: grafite, arte pública, nichos estéticos. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2014.

SODRÉ, Muniz. Reinventando a educação: Diversidade, descolonização e redes. RJ: Editora Vozes, 2012.

PRÁTICA EM SABERES ARTÍSTICOS ESCOLARES - 30h

EDUXXX

EMENTA:

Vivência prática dos processos de transposição dos saberes do universo da Arte para a Escola e da mediação entre arte, cultura e educação.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

- A Escola e o ensino de arte: a sala de aula, as linguagens artísticas e o aprendiz da arte. Verificação in loco dessas aproximações.

- O arte-educador: professor pesquisador e mediador entre arte, cultura e público.

- Visitas às instituições escolares, ONGs, museus e espaços culturais da cidade e região
- Trabalhos práticos e teóricos, individuais e/ou coletivos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

BARBOSA, Ana Mae (org.). Arte/Educação Contemporânea. São Paulo: Cortez, 2006.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

HOLM, Anna Marie. Fazer e Pensar Arte. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2005.

MOREIRA, Ana Angélica Albano. O espaço do Desenho. A Educação do Educador. São Paulo: Loyola. 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Alienígenas na sala de aula. Petrópolis: Vozes, 2012.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. Por que arte-educação? – Campinas: Papirus, 2014.

FERRAZ, Maria Heloisa. FUSARI, Maria F de Rezende. Arte na educação Escolar. São Paulo: Cortez, 2009.

IABELBERG, Rosa. Para gostar de aprender arte. Sala de aula e formação de professores. Porto Alegre: Artmed, 2003.

KASTRUP, Virginia. A invenção de si e do mundo: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição. Campinas, SP: Papirus, 1999.

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Editora Cortez, 2011.

PERRENOUD, Philippe. (org) As Competências para Ensinar no Século XXI. A Formação dos Professores e o Desafio da Avaliação. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ESTADO, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO - 60h

EDU034

Ementa

Conceitos fundamentais sobre Estado Moderno e Nação. Estado e Sociedade Civil. Estado e laicidade. Políticas Sociais e Políticas Educacionais. Liberalismo e neoliberalismo. A nova ordem mundial. A política Educacional e o debate contemporâneo: o contexto sócio-político e econômico – final de século XX e início do séc. XXI. Política educacional: demanda social x demanda de mercado. Políticas educacionais atuais-discussão e análise.

Conteúdo

Racionalização e gestão da sociedade (Estado Moderno, Nação e Laicidade); perspectiva sócio histórica;

Conceitos sócio históricos de globalização e de educação;
Política educacional: demanda social X demanda de mercado;
Debate contemporâneo das políticas educacionais.

Bibliografia básica:

ADORNO, Theodor. Educação e emancipação. Tradução Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1995, p. 168-185.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. Estado, Estado-Nação e formas de intermediação política. In: Lua Nova, São Paulo, 100. 2017, p. 155-185.

BROOKE, Nigel (org.). Marcos Históricos na Reforma da Educação. 1ª ed. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2012. P. 201-209; 231-260.

CHARLOT, Bernard. Educação e Globalização: uma tentativa de colocar ordem no debate. Disponível em: https://moodle.fct.unl.pt/pluginfile.php/32501/mod_glossary/.../Bernard_r_charlot.pdf

D'AVILA-LEVY, Claudia Masini. CUNHA, Luiz Antônio (Orgs.) Embates em torno do Estado Laico. São Paulo: SBPC, 2018.

HÖFLING, Eloisa de Mattos Estado e políticas (públicas) sociais. In: Cadernos Cedes, ano XXI, nº 55, novembro/2001, p.30-41. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v21n55/5539>.

LIBÂNEO, José Carlos. OLIVEIRA, João Ferreira de, TOSCHI, Mirza Seabra (orgs). Educação Escolar: políticas, Estrutura e Organização. 10ª edição revista e ampliada. São Paulo: Editora Cortez, 2010. p.87-140; 143-171.

KRITSCH, Raquel. Estado e sociedade civil na teoria política: alguns paradigmas, muitas trajetórias. In: Revista Política e Sociedade. Florianópolis. Vo. 13- n. 28. Set/dez de 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-7984.2014v13n28p225>

WAIZBORT, Leopoldo Formação, especialização, diplomação: da universidade à instituição de ensino superior. In: Tempo Social. Revista de Sociologia da USP, v. 27, n.2. p. 45-74, 2015

MALASKA, Marcos Augusto. Max Weber e o Estado racional moderno. In; Revista Eletrônica do CEJUR v. 1, n. 1 (2006), p.15-28. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/cejur/article/view/14830/9954>

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização. Do pensamento único à consciência universal. 6ª Edição. Rio de Janeiro- São Paulo: Editora Record, 2001. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/sugestao_leitura/sociologia/outra_globalizacao.pdf

TONET, Ivo. Do conceito de sociedade civil, 2014. Disponível em: ivotonet.xpg.uol.com.br/arquivos/do_conceito_de_sociedade_civil.pdf

Ementa

Metodologias de ensino e aprendizagem em arte. Relações entre arte, experiência estética e atividade pedagógica.

Conteúdo

- Metodologias de ensino e aprendizagem em arte: discussões teórico-práticas sobre metodologias.

- A história do ensino de arte no Brasil e as concepções de ensino e aprendizagem: ressonâncias no ensino e aprendizagem da arte, currículos e práticas do ensino.

- Arte como experiência; saber arte e saber ser professor de arte; aula de arte como espaço de encontro e construção de significados;

Bibliografia básica:

BARBOSA, Ana Mae. CUNHA, Fernanda Pereira da. Abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais. São Paulo: Cortez, 2010.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação nº 19, Rio de Janeiro: ANPED, 2002, pp. 20-28.

FERRAZ, Maria Heloisa. FUSARI, Maria F De Rezende. Metodologia do Ensino de Arte. São Paulo: Cortez, 2009.

MARTINS, Mirian Celeste et al. Teoria e Prática do Ensino de Arte: A língua do mundo. São Paulo: FTD, 2010.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (orgs.). Educação da cultura visual: narrativas de ensino e pesquisa. Santa Maria: EDUFMS, 2009.

OSINSKI, Dulce R. Arte, história e ensino: uma trajetória. São Paulo: Cortez, 2001.

IABELBERG, Rosa. Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores. Porto Alegre: Artmed, 2003.

Bibliografia complementar:

BARBOSA, Ana Mae. Arte educação no Brasil: das origens ao modernismo. São Paulo: Perspectiva, 2012.

BARBOSA, Ana Mae (org) Ensino da arte: memória e história. São Paulo, Perspectiva, 2ª reimpressão, 2011.

BARBOSA, Ana Mae. A imagem no ensino da Arte: anos oitenta e novos tempos. São Paulo: Perspectiva, 2010.

BARBOSA, Ana Mae. John Dewey e o ensino de arte no Brasil. São Paulo: Cortez, 2001.

DEWEY, J. Arte como Experiência. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

PARSONS, Michael J. Compreender a arte: uma abordagem à experiência estética do ponto de vista do desenvolvimento cognitivo. Lisboa: Editorial Presença, 1992.

PIMENTEL, Lucia G., Limites em expansão: licenciatura em artes visuais. Belo Horizonte: C/Arte, 1999.

RIZZI, Maria Christina. Caminhos Metodológicos. In: Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte. BARBOSA, Ana Mae(Org.). São Paulo: Cortez, 2012. p.63-70.

POLÍTICAS PÚBLICAS E GESTÃO DO ESPAÇO ESCOLAR - 60h

ADE103

Ementa

Análise da produção, implantação e consolidação das políticas públicas em Educação na sociedade brasileira. Abordagem das políticas públicas frente a realidade da educação brasileira e suas implicações na gestão escolar.

Conteúdo

Unidade I: Estado e políticas públicas educacionais

- 1.1. A Educação como política pública e social
- 1.2. A perspectiva liberal
- 1.3. A perspectiva marxista
- 1.4. Neoliberalismo, Reforma do Estado e políticas educacionais

Unidade II: Políticas Educacionais no Brasil recente: da ditadura empresarial-militar ao cinismo neoliberal

- 2.1. A educação na ditadura empresarial-militar
- 2.2. Os processos de democratização e educação brasileira
- 2.3. Hegemonia neoliberal e educação brasileira
- 2.4. Neoliberalismo e educação no século XXI

Unidade III: Estado e política educacional: a hegemonia neoliberal na organização e gestão do sistema educacional brasileiro

- 3.1. Pedagogia da democracia mínima: os significados da privatização na política educacional
- 3.2. O modelo gerencial da escola: flexibilização da gestão e controle de resultados
- 3.3. Organização do trabalho como transferência de responsabilidade
- 3.4. O sentido da qualidade: fazer mais tarefas com menos recursos

Unidade IV: Democratização da educação escolar: desafios e perspectivas

- 4.1. A perspectiva de autonomia escolar
- 4.2. A escola como integrante do Sistema de Ensino
- 4.3. Participação popular nas decisões educacionais
- 4.4. Qualidade social e gestão da educação escolar

Bibliografia:

- AZEVEDO, J. M. L. A educação como política pública. Campinas: Editora Autores Associados, 2001.
- NEVES, Lúcia Maria Wanderley. Educação e política no Brasil de hoje. SP: Cortez, 1999.
- RODRIGUES, Rubens Luiz (org.) Educação escolar no século XXI. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2013.

EDU147 - PRÁTICA ESCOLAR EM POLÍTICAS PÚBLICAS E GESTÃO DO ESPAÇO ESCOLAR - 30h

Ementa

Refletir sobre as bases das políticas públicas e da gestão de ensino que permeiam o âmbito escolar

Conteúdo 1- Vivenciar os desafios e possibilidades da gestão escolar, distinguindo modelos de condução do processo de administração e suas ênfases (dimensões administrativa, financeira e pedagógica);

2- Vivenciar a realidade escolar e os diferentes processos que perpassam a implementação das políticas públicas educacionais;

3- Observar e coletar dados sobre um tema relativo ao impacto das políticas públicas educacionais no âmbito da escola;

4- Realizar uma análise a partir da observação e dos dados coletados à luz das contribuições teóricas de diferentes estudiosos na área de política e gestão educacional;

5- Socializar com a turma as observações e as análises desenvolvidas por meio da produção de um relatório.

Bibliografia

AZEVEDO, J. M. L. A educação como política pública. Campinas: Editora Autores Associados, 2001.

NEVES, Lúcia Maria Wanderley. Educação e política no Brasil de hoje. SP: Cortez, 1999.

RODRIGUES, Rubens Luiz (org.) Educação escolar no século XXI. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2013.

PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM - 60h

PEO039

Ementa

A Psicologia científica. Aproximações da Psicologia com a Educação. Contribuições das teorias de Piaget e Vigotski. Relações Psicanálise-Educação. Adolescência e cultura.

Conteúdo

A Psicologia científica.

Relações da Psicologia com a Educação

Contribuições da Teoria de Jean Piaget à Educação.

Implicações da teoria de Piaget na Educação

Contribuições da teoria de Vigotski à Educação.

Implicações da teoria de Vigotski na Educação

Relações Psicanálise-Educação

Adolescência e cultura

Bibliografia básica:

BECKER, Fernando. Aprendizagem: reprodução, destino ou construção? In: Piaget no século XXI, p. 209-229.

FREITAS, M.T.A. Vygotsky e Bakhtin: Psicologia e Educação um intertexto. São Paulo: Editora Ática, 1994.

FREUD, S. Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar. In: Obras Completas. Vol. XII. Rio de Janeiro. Imago.

PALANGANA, Isilda C. Desenvolvimento e aprendizagem em Vigotski e Piaget: a relevância do social. São Paulo: Sumus Editorial.

PIAGET, Jean. A tomada de consciência. São Paulo: Melhoramentos/EDUSP, 1974.

VIGOTSKI, L.S. Imaginação e criação na infância. São Paulo: Ática, 2009.

VIGOTSKI, L.S. Quarta aula: a questão do meio na pedagogia. In: PSICOLOGIA USP, São Paulo, 2010, 21 (4), 681-701.

Vídeos:

VYGOTSKY - Prof^a Marta Khol (Vygotsky - Coleção Grandes Educadores) disponível no youtube.

PIAGET – Prof^o Yves de LaTaille (Piaget - Coleção Grandes Educadores) disponível no youtube.

FREUD. – Prof^o Leandro de Lajonquière (Freud – Coleção Grandes Educadores) disponível no youtube.

Bibliografia complementar:

BECKER, F.; MARQUES, T.B.I. (Orgs.) Ser professor é ser pesquisador. Porto Alegre: Mediação, 2010, p. 11-20.

CARVALHO, A; SALLES, F. GUIMARÃES, M. (orgs.). Adolescência. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, Proex.

PIAGET, Jean. Estudos Sociológicos. Rio de Janeiro: Companhia Editora Forense, 1973.

VIGOTSKI, L.S. Formação Social da Mente. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VOLTOLINI, R. A Psicanálise implica a educação. In: Psicanálise implicada. Curitiba: Juruá, 2016.

LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS) - 60h

EDU088

Ementa

Desenvolvimento, em nível básico, das habilidades de compreensão e expressão necessárias à comunicação com surdos usuários da Língua de Sinais Brasileira - Libras. Introdução ao estudo das visões sobre a surdez e sobre a educação de surdos. Conhecimentos básicos sobre os fundamentos linguísticos da Libras. Estudo de aspectos culturais dos surdos brasileiros e suas implicações educacionais.

Conteúdo

UNIDADE I

1- Fundamentos da educação de surdos:

1.1- História da educação de surdos e filosofias educacionais: oralismo, comunicação total e bilinguismo.

1.2- A legislação brasileira e os documentos (nacionais e internacionais) relacionados à educação de surdos.

1.3- Visões da Surdez: visão clínico-terapêutica versus visão sócio-antropológica.

- 1.4- Conceitos básicos: linguagem, língua, surdez, pessoa surda, pessoa com deficiência auditiva (D.A.), dentre outros.
- 1.5- Perspectivas atuais da educação bilíngue de surdos.
- 1.6- Aspectos culturais e identidade(s) da Comunidade Surda.

UNIDADE II

2- Fundamentos linguísticos da Libras:

- 2.1- Diferenças e semelhanças entre as línguas orais e as de sinais.
- 2.2- O Plano Fonológico da Libras: os cinco parâmetros (CM, L, M, Or, ENM).
- 2.3- Morfossintaxe da Libras.
- 2.4- Aspectos semânticos e pragmáticos da Libras.
- 2.5- Corporeidade: consciência corporal e expressões físicas e sua importância na interação em Libras.
- 2.6- Classificadores em Língua de Sinais.
- 2.7- Vocabulário Básico da Libras/ interação em Libras.

Bibliografia básica:

1. CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira. São Paulo: EDUSP, 2001. v.1, v.2.
2. GESSER, A. Libras? Que Língua é essa? São Paulo: Parábola, 2009.
3. KARNOPP, L. B.; QUADROS, R. M. de. Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.
4. SACKS, O. Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010.
5. SKLIAR, C. (Org). Atualidade da educação bilíngue para surdos. v.1, v.2. Porto Alegre: Mediação, 1999.
6. BRITO, L. F. Integração social & educação de surdos. Rio de Janeiro: Babel, 1993.
7. BRITO, L. F. Por uma gramática de língua de sinais. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
8. FERNANDES, E. Problemas Lingüísticos e Cognitivos do Surdo. Rio de Janeiro: Agir, 1990.
9. FERNANDES, E. Surdez e Bilingüismo. Porto Alegre: Mediação, 2005.
10. GOLDFELD, M. A criança surda: linguagem e cognição numa abordagem sócio-interacionista. São Paulo: Plexus, 1997.
11. LACERDA, C. B. F. Intérprete de Libras: em atuação na educação infantil e no Ensino Fundamental. Porto Alegre: Mediação: 2009.
12. MOURA, M. C.; ARENA, S. A.; CAMPOS, S. R. L. Educação de Surdos: práticas e perspectivas. v.1. São Paulo: Santos, 2008.
13. MOURA, M. C.; ARENA, S. A.; CAMPOS, S. R. L. Educação de Surdos: práticas e perspectivas II. v.2. São Paulo: Santos, 2011.
14. PEREIRA, R. C. Surdez: aquisição de linguagem e inclusão social. Rio de Janeiro: Revinter, 2008.
15. QUADROS, R. M. Educação de surdos: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas. 1997.
16. SKLIAR, C. (Org). A Surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

17. SKLIAR, C. (Org). Educação e exclusão: abordagens sócio-antropológicas em educação especial. Porto Alegre: Mediação, 1997.

Bibliografia complementar

1. ALMEIDA, E. C. Atividades Ilustradas em Sinais da Libras. Rio de Janeiro: Revinter, 2004.
2. BERNARDINO, E. L. Absurdo ou lógica: os surdos e a sua produção lingüística. Belo Horizonte: Profetizando Vida, 2000.
3. BERGAMASCHI, R.; MARTINS, R. Discursos atuais sobre a surdez. Canoas: La Salle, 1999.
4. BOTELHO, P. Linguagem e Letramento na Educação de Surdos: ideologias e práticas pedagógicas. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
5. BOTELHO, P. Segredos e Silêncios na Educação dos Surdos. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
6. CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. Enciclopédia da Língua de Sinais Brasileira: mundo dos surdos em Libras. São Paulo: EDUSP, 2004. v.1, v.2. v.3, v.4, v.8.
7. CARVALHO, I. S.; CASTRO, A. R. Comunicação por Língua Brasileira de Sinais. Distrito Federal: SENAC, 2005.
8. CICCONE, M. Comunicação total: introdução, estratégias, a pessoa surda. 2ª ed. Rio de Janeiro: Cultura Médica, 1996.
9. COSTA, J. P. B. A educação de surdos ontem e hoje: posição, sujeito e identidade. Campinas: Mercado das Letras, 2010.
10. FERNANDES, E. Linguagem e Surdez. Porto Alegre: Artmed, 2003.
11. FRIZANCO, M. L. E.; HONORA, M. Livro Ilustrado de Língua de Sinais Brasileira: desvendando a comunicação usada pelas pessoas surdas. v.1. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.
12. FRIZANCO, M. L. E.; HONORA, M. Livro Ilustrado de Língua de Sinais Brasileira: desvendando a comunicação usada pelas pessoas surdas. v.2. São Paulo: Ciranda Cultural, 2010.
13. LACERDA, C. B. F. Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos. Cadernos Cedes, Campinas, XIX, n. 46, p.68-80. Set. 1998.
14. LACERDA, C. B. F. A prática pedagógica mediada (também) pela língua de sinais: trabalhando com sujeitos surdos. Cadernos Cedes, Campinas, XX, n. 50, p. 70-83. Abr. 2000.
15. LACERDA, C. B. F.; LODI, A. C. B. Uma escola, duas línguas: letramento em língua portuguesa e em língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização. Porto Alegre: Mediação, 2009.
16. LANE, H. A máscara da benevolência: a comunidade surda amordaçada. Lisboa: Instituto Piaget, 1992.
17. LEITE, E. M. C. Os papéis dos intérpretes de LIBRAS na sala de aula inclusiva. Petrópolis: Arara Azul, 2005.
18. LODI, A. C. B. Plurilingüismo e surdez: uma leitura bakhtiniana da história da educação dos surdos. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p.409-424. Set.-Dez. 2005.
19. LODI, A. C. B. Letramento e Minorias. Porto Alegre: Mediação, 2009.

20. MONTEIRO, M. S. História dos movimentos dos surdos e o reconhecimento da Libras no Brasil. Educação Telemática Digital, Campinas, v.7, n.2, p.279-289, Jun. 2006
21. MOURA, M. C. O surdo: caminhos para uma nova identidade. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.
22. NASCIMENTO, S. P. F. Português como língua segunda para surdos I. Brasília: Universidade Católica, 2010.
23. NOVAES, E. C. Surdos: educação, direito e cidadania. Rio de Janeiro: Wak, 2010.
24. PEREIRA, M. C. C. Libras: conhecimento além dos sinais. São Paulo: Pearson Brasil, 2011.
25. QUADROS, R. M.; CRUZ, C. R. Língua de Sinais: instrumentos de avaliação. Porto Alegre: Artmed, 2010.
26. SÁ, N. R. L. Cultura, Poder e Educação de Surdos. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2002.
27. SANTANA, A. P. Surdez e Linguagem: aspectos e implicações neurolinguísticas. São Paulo: Summus, 2007.
28. SILVA, I. R.; KAUCHAKJE, S.; GESUELI, Z. M. Cidadania, surdez e linguagem: desafios e realidades. São Paulo: Plexus, 2003.
29. SLOMSKI, V. G. Educação Bilíngue para surdos: concepções. Curitiba: Juruá, 2010.
30. SOUZA, R. M. Que palavra que te falta? lingüística, educação e surdez. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
31. SOUZA, R. M.; SILVESTRE, N. Educação de Surdos. São Paulo: Summus, 2007.
32. WILCOX, S.; WILCOX, P. P. Aprender a ver. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2005.

QUESTÕES FILOSÓFICAS APLICADAS À EDUCAÇÃO - 60h

EDU054

Ementa

As relações entre Filosofia, Ciência, Retórica, Poética e Educação. Questões filosóficas relacionadas às diferentes áreas das licenciaturas. Perspectivas pedagógicas e suas fundamentações filosóficas. Questões atuais da sociedade e suas interfaces com a educação – uma abordagem filosófica.

Conteúdo

Homem, Cultura, Educação e Filosofia

O homem e sua cultura.

A educação como componente essencial da cultura.

A transformação do conhecimento humano na História.

As características da reflexão filosófica.

As relações entre Filosofia, Ciência, Retórica, Poética e Educação.

Perspectivas pedagógicas e suas fundamentações filosóficas.

Questões filosóficas e suas interfaces com a Educação.

A questão gnosiológica e epistemológica.
A questão da linguagem.
A questão ético-política.
A questão estética.

Bibliografia básica:

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio. Brasília: Ministério da Educação, 1999.

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos Temas Transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRANDÃO, Carlos Henrique. O que é Educação? São Paulo: Brasiliense. (Coleção Primeiros Passos)

CAMBI, F. História da Pedagogia. São Paulo: UNESP, 1999.

CHAUI, Marilena de Souza. Convite à Filosofia. 15ª edição. São Paulo: Ática, 2010.

DELEUZE, G. e GUATARI, F. O que é a Filosofia? São Paulo: Editora 34, 1992.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia – saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2007 (35ª edição).

GADOTTI, Moacir. Pensamento Pedagógico Brasileiro. São Paulo: Ática, 2006.

JAEGER, W. Paideia – a formação do homem grego. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010

MARCONDES, Danilo. Iniciação à História da Filosofia. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

_____. Textos básicos de Ética. Rio de Janeiro: Zahar. 2007.

_____. Textos básicos de Filosofia. Rio de Janeiro: Zahar. 2007.

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. 12ª edição. São Paulo: Cortez, Brasília, DF: UNESCO, 2007

OLIVEIRA, Paulo Eduardo de (org.). Filosofia e Educação – aproximações e convergências. Curitiba: Círculo de Estudos Bandeirantes, 2012.

PERISÉE, Gabriel. Introdução à Filosofia da Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SÁNCHEZ VÁZQUEZ, Adolfo. Ética. Tradução de João Dell' Anna. 25ª Edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

SAVIANI, Demerval. Educação: do senso comum à consciência filosófica. 10ª edição. São Paulo: Cortez Editora; Autores Associados, 1991.

VERNANT, J. P. Mito e pensamento entre os gregos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural. (Várias edições).

Coleção Pensadores & Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2009 e ss.

Bibliografia complementar

ADORNO, Theodor. Educação após Auschwitz. Tradução Wolfgang Leo Maar. www.educacaoonline.pro.br

DEWEY, John. Democracia e educação: introdução à filosofia da educação. Tradução Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. 3. Edição. São Paulo: Nacional, 1959b.

- DEWEY, John. Democracy and education: an introduction to the philosophy of education. New York: The Free Press, 1997.
- DEWEY, John. Experiência e Educação. Tradução Renata Gaspar. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- DUTRA, Luiz Henrique de Araújo. Oposições filosóficas: a epistemologia e suas polêmicas. Florianópolis: UFSC, 2005.
- KANT, Immanuel. Sobre a Pedagogia. Tradução Francisco Cock Fontanella. 2. Edição. Piracicaba: Editora Unimep, 1999.
- LYOTARD, Jean-François. Por que filosofar? Tradução Marcos Marcionilo. 1.ed. São Paulo: Parábola, 2013.
- MÉZÁROS, István. A educação para além do capital. São Paulo: Boitempo, 2008.
- PORTO, Leonardo Sartori Porto Filosofia da Educação. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
- TEIXEIRA, Anísio. Filosofia e Educação. In: Revista "Educação e Ciência Sociais", Vol. 6, N. 12, 1960.
- WHITEHEAD, Alfred North. Os fins da Educação e outros ensaios. São Paulo: Editora Nacional, 1969.

REFLEXÕES SOBRE A ATUAÇÃO EM ESPAÇOS EDUCACIONAIS I - 60h

EDU130

Ementa

Articulação dos conhecimentos teórico-práticos sobre a arte e o ensino da arte adquiridos ao longo da graduação. Formação crítica do educador a partir do exercício da docência em artes visuais. Conteúdo- Análise das situações observadas no cotidiano do ensino de Arte na Educação Básica: discussão das situações vivenciadas durante o estágio; articulação entre teoria e prática; a docência em arte; planejamento de curso/aulas; realização de estudos- Supervisão do estágio de observação e participação: registros e documentação; planejamento de atividades a serem executadas na escola; atividades de docência; elaboração do relatório de experiência; avaliação do estágio.

Bibliografia básica:

- ARSLAN, Luciana Mourão. IAVELBERG, Rosa. Ensino de Arte. São Paulo: Thomson Learning, 2006.
- BARBOSA, Ana Mae (org.). Arte/Educação contemporânea. São Paulo: Cortês, 2006.
- LARA, Rosângela de Souza Bittencourt. Avaliação do ensino e aprendizagem em arte: o lugar do aluno como sujeito da avaliação. – SP: SESI-SP Editora, 2012.
- MARTINS, Miriam Celeste. PICOSQUE, Gisa. GUERRA, M. Terezinha Telles. Teoria e Prática do Ensino de Arte. São Paulo: FTD, 2010.
- MARTINS, Raimundo. TOURINHO, Irene (orgs). Educação na cultura visual: narrativas de ensino e pesquisa. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2009.

MATTAR, Sumaya. Sobre arte e educação: entre a oficina artesanal e a sala de aula. Campinas: Papirus, 2010.

OLIVEIRA, Marilda; HERNÁNDEZ, Fernando (Orgs.). A Formação do Professor e o Ensino das Artes Visuais. Santa Maria: UFSM, 2005.

RICHTER, Ivone Mendes. Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino de artes visuais. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

Bibliografia complementar:

BRASIL. Lei nº 9394 de 20/12/96. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf>, acesso 25.08.2016.

BRASIL. Resoluções CNE/CP nº 01 e 02/2002. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica. Disponível: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_02.pdf, acesso 25.08.2016.

BRASIL. MINISTERIO DA EDUCACAO E CULTURA. Referencial Curricular Nacional Para a Educação Infantil: Conhecimento de Mundo. Vol. 3. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume3.pdf>, acesso 25.08.2016.

BRASIL. SECRETARIA DA EDUCACAO FUNDAMENTAL. Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte – 1ª a 4ª série. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf>, acesso 25.08.2016.

BRASIL. SECRETARIA DA EDUCACAO FUNDAMENTAL. Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte – 5ª a 8ª série. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/arte.pdf>, acesso 25.08.2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretária Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília, 2004. Disponível: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/DCN-s-Educacao-das-Relacoes-Etnico-Raciais.pdf>, acesso 25.08.2016.

BRASIL. Lei 11.645, de 10 de março de 2008. Disponível: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm, acesso 25.08.2016.

CANEVACCI, Massimo. Sincrétika: explorações etnográficas sobre artes contemporâneas. São Paulo: Studio Nobel, 2013.

JUIZ DE FORA (MG). SECRETARIA DE EDUCACÃO. Proposta Curricular – Arte. 2012. Disponível: https://www.pjf.mg.gov.br/secretarias/se/rede_municipal/arquivos/miolo_artes.pdf, acesso 25.08.2016.

MOSSI, Cristian Poletti. Escritas, leituras, visualidades: povoamentos para pensar a aula (ou a docência) como zona de pesquisa. Revista Digital do LAV – Santa Maria – vol. 9, n. 2, p. 61 - 74. – mai./ago. 2016 ISSN 1983 – 7348 Disponível: <http://dx.doi.org/10.5902/1983734823513>, acesso 25.08.2016.

RAUSCH, Rita Buzzi. Professor-pesquisador: concepções e práticas de mestres que atuam na educação básica. Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 12, n. 37, p. 701-717, set./dez. 2012 Disponível:

<http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/dialogo?dd1=7198&dd99=view&dd98=pb>, acesso 25.08.2016.

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DE MINAS GERAIS. Proposta Curricular – Arte – Educação Básica. Série Cadernos Pedagógicos. Belo Horizonte: SEMG, 2005. Disponível: http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema_crv/banco_objetos_crv/%7BCEB4D9DE-12A3-4E3D-8337-375BA21D6E94%7D_CBC%20Arte%20EF.pdf, acesso 25.08.2016.

REFLEXOES SOBRE A ATUAÇÃO EM ESPAÇOS EDUCACIONAIS II - 60h

EDU131

Ementa:

Caracterização do ambiente escolar e seu entorno relativos à ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO. Identificação dos processos educacionais no contexto observado. Planejamento da ação didática. Elaboração de recursos didáticos. Inter-relação do conteúdo específico com as demais áreas do conhecimento. Atividades práticas e atividades avaliativas. Planejamento e desenvolvimento de projetos pedagógicos. Identificação de desafios educacionais e a postura investigativa do professor. Apresentação de proposições articuladas ao processo educacional. Reflexões sobre o exercício profissional.

Conteúdo

Elaboração de mapeamento interpretativo sobre o contexto escolar (aspectos físicos, pedagógicos e sociais da escola e seu entorno).

- Seleção de conteúdos para o ensino de Filosofia e sua articulação com os objetivos de ensino.
- Elaboração de recursos didáticos e desenvolvimento de atividades práticas com seu devido uso.
- Elaboração e desenvolvimento de atividades práticas.
- Ética profissional do professor

OBJETIVO

Possibilitar ao licenciando de Filosofia a imersão em ambientes escolares formais de ensino fundamental e/ou médio, nos níveis de ensino regular de Educação de Jovens e Adultos (EJA), para planejar e desenvolver atividades docentes comprometidas com o contexto escolar considerando a especificidade do ensino de Filosofia. Observar e participar das atividades escolares analisando as relações construídas entre os elementos teóricos e as ações desenvolvidas nas instituições de ensino fundamental e médio.

Bibliografia básica:

ARAÚJO, U. Temas Transversais e a Estratégia de Projetos. São Paulo: Moderna, 2003.

BRASIL, MEC. SEMTEC. Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília, 1998.

CACHAPUZ, A.; GIL-PEREZ, D.; CARVALHO, A. P.; PRAIA, J.; VILCHES, A. (orgs). A Necessária Renovação do Ensino de Ciências. São Paulo: Cortez, 2005.

DELIZOICOV, D. ANGOTTI, J. A. PERNAMBUCO, M. M. Ensino de Ciências: Fundamentos e Métodos. São Paulo: Cortez, 2002.

KRASILCHIK, M.; MARANDINO, M. Ensino de Ciências e Cidadania. São Paulo: Moderna, 2004.
LEMGRUBER, M. S. Um Panorama da Educação em Ciências. In: Revista Educação em Foco, Juiz de Fora, MG, vol.5, n.1,mar/set 2000.
ROSA, I. P.; LAPORTA, M. Z.; GOUVEA, M. E. Humanizando o Ensino de Ciências com Jogos. São Paulo: Vetor, 2006.

Bibliografia complementar:
Em aberto

ESTÁGIO SUPERVISIONADO I - 140h

MTE188

Ementa

Verificação e mapeamento in loco das práticas educativas em Arte, com ênfase nas atividades de docência e das abordagens pedagógicas em escolas de Educação Infantil e Educação Fundamental.

Conteúdo

- Observação do campo de atuação docente e da realidade escolar.
- Identificação e reconhecimento das diferentes abordagens da prática do ensino da Arte na cidade de Juiz de Fora ou região.
- Elaboração de documentação e registros; planejamento de atividades; execução e reflexão das atividades de docência.

Bibliografia básica:

BARBOSA, Ana Mae. A Imagem no Ensino da Arte: anos oitenta e novos tempos. São Paulo: Perspectiva, 2005.
GONÇALVES, Maria Gorete Dadalto. REBOUÇAS, Moema Martins (orgs.). Educação em arte na contemporaneidade -Vitória: EDUFES, 2015. Disponível: <http://www.edufes.ufes.br/items/show/347> , acesso 25.08.2016.
HERNANDEZ, Fernando. Catadores da Cultura Visual: proposta para uma nova narrativa educacional. Porto Alegre: Mediação, 2007.
MOSSI, Cristian Poletti. Escritas, leituras, visualidades: povoamentos para pensar a aula (ou a docência) como zona de pesquisa. Revista Digital do LAV – Santa Maria – vol. 9, n. 2, p. 61 - 74. – mai./ago. 2016 ISSN 1983 – 7348 Disponível:<http://dx.doi.org/10.5902/1983734823513>, acesso 25.08.2016.
OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. A formação do professor e o ensino das Artes Visuais: o estágio curricular como campo de conhecimento. In: A Formação do Professor e o Ensino das Artes Visuais. Oliveira, Marilda Oliveira de. Hernandez, Fernando (orgs.). –Santa Maria, Ed. UFSM, 2005.
RAUSCH, Rita Buzzi. Professor-pesquisador: concepções e práticas de mestres que atuam na educação básica. Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 12, n. 37, p. 701-717, set./dez. 2012 Disponível:

<http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/dialogo?dd1=7198&dd99=view&dd98=pb>, acesso 25.08.2016.

SILVA, Tomaz Tadeu da Silva. Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

Bibliografia complementar:

BRASIL. Lei nº 9394 de 20/12/96. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível:<http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf>, acesso 25.08.2016.

BRASIL. Resoluções CNE/CP nº 01 e 02/2002. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica. Disponível: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_02.pdf, acesso 25.08.2016.

BRASIL. MINISTERIO DA EDUCACAO E CULTURA. Referencial Curricular Nacional Para a Educação Infantil:Conhecimento de Mundo. Vol. 3. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível:<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume3.pdf>, acesso 25.08.2016.

BRASIL. SECRETARIA DA EDUCACAO FUNDAMENTAL. Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte – 1ª a 4ª série. Brasília:MEC/SEF, 1998. Disponível: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf>, acesso 25.08.2016.

BRASIL. SECRETARIA DA EDUCACAO FUNDAMENTAL. Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte – 5ª a 8ª série. Brasília:MEC/SEF, 1998. Disponível: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/arte.pdf>, acesso 25.08.2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília, 2004. Disponível: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/DCN-s-Educacao-das-Relacoes-Etnico-Raciais.pdf>, acesso 25.08.2016.

BRASIL. Lei 11.645, de 10 de março de 2008. Disponível: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11645.htm, acesso 25.08.2016.

JUIZ DE FORA (MG). SECRETARIA DE EDUCAÇÃO. Proposta Curricular – Arte. 2012. Disponível: https://www.pjf.mg.gov.br/secretarias/se/rede_municipal/arquivos/miolo_artes.pdf, acesso 25.08.2016.

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DE MINAS GERAIS. Proposta Curricular – Arte – Educação Básica. Série Cadernos Pedagógicos. Belo Horizonte: SEMG, 2005. Disponível: http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema_crv/banco_objetos_crv/%7BCEB4D9DE-12A3-4E3D-8337-375BA21D6E94%7D_CBC%20Arte%20EF.pdf, acesso 25.08.2016.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO II - 140h

MTE191

Ementa:

Verificação in loco e atividades de docência em Arte nas escolas de Ensino Médio e EJA.

Conteúdo:

- Observação do campo de atuação docente; e da realidade escolar no Ensino Médio e EJA.
- Elaboração de documentação e registros; planejamento de atividades; execução das atividades de docência.

O Estágio Supervisionado no Ensino de Arte II compreende etapas de observação, participação e docência totalizando 140 horas, realizadas em escolas públicas e/ou particulares de Educação Básica em Juiz de Fora e região, preferencialmente no Ensino Médio e EJA ou ainda em Instituições Culturais e Espaços Educativos não formais.

Metodologia:

- Observação in loco na escola
- Trabalhos práticos e teóricos, individuais e/ou coletivos

Avaliação:

A avaliação do aluno considerará os seguintes aspectos: assiduidade e pontualidade; participação e cumprimento integral do estágio; realização dos trabalhos propostos; entrega da documentação completa referente ao estágio.

Dada a natureza prático-reflexiva da disciplina, não há possibilidade de recuperação.

Bibliografia

IABELBERG, Rosa. Para gostar de aprender arte. Porto Alegre: Artmed, 2003.

MOREIRA, Antonio Flavio; THOMAZ, Tadeu (orgs). Currículo, Cultura e Sociedade. São Paulo: Cortez, 2011.

NAKASHATO, Guilherme. A educação não formal como campo de estágio: contribuições na formação inicial do arte educador. São Paulo: SESI-SP Editora, 2012.

SHÖN, D. A. Educando o profissional reflexivo. Um novo design para o ensino e a aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2000.

Bibliografia complementar

BRASIL. Lei nº 9394 de 20/12/96. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

BRASIL. Resoluções CNE/CP nº 01 e 02/2002. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica.

BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino Médio. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Brasília: MEC/SEF, 2000.

BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. PCN+ Ensino Médio. Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Brasília: MEC/SEF, 2002.

BRASIL . Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Proposta Curricular para a Educação de Jovens e Adultos: primeiro segmento do ensino fundamental: 1ª a 4ª série: introdução/ Secretaria de Educação Fundamental, 2001.

BRASIL . Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Proposta Curricular para a Educação de Jovens e Adultos: segundo segmento do ensino fundamental: 5ª a 8ª série/ Secretaria de Educação Fundamental, 2002. Vol 1- Introdução e Vol 3 - Arte.

MACEDO, Elizabeth. LOPES, Alice Casimiro. (org). Currículo: debates contemporâneos. SP: Cortez, 2010.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE MINAS GERAIS. Proposta Curricular – Arte – Educação Básica. Série Cadernos Pedagógicos. Belo Horizonte: SEMG, 2005.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. Estágio e docência. São Paulo: Cortez, 2012.

ARTE E CULTURA AFRO-BRASILEIRA - 60h

EDU3019

Ementa:

A disciplina propõe discutir o conceito de cultura afro-brasileira e sua relação tanto com a ancestralidade e os valores civilizatórios de matriz africana a partir do conceito de corporeidade, como também quanto às questões étnico-raciais brasileiras. Objetiva ainda valorizar e problematizar a presença negra no Brasil a partir de suas riquezas culturais, artísticas e filosóficas, dando destaque para as produções contemporâneas de diversas áreas, com destaque para as artes visuais e as artes cênicas. Pretende contribuir para a consolidação da Lei 10.639/03 que determina a inclusão no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira" ao mesmo tempo em que acessar e gerar a produção de novos conhecimentos sobre a temática investigada.

Conteúdo:

Valores civilizatórios africanos: De que África falamos?

Tráfico negreiro e a constituição de uma cultura da diáspora;

Elementos para se pensar uma cultura afro-brasileira;

Corporeidades e religiosidades negras: música, dança e teatro

Representações da identidade negra nas artes produzidos no Brasil;
Construções sobre o conceito de arte afrodescendente;
Visualidades contemporâneas e negritude
Arte e Cultura negra na escola: abordagens pedagógicas

Metodologia:

Leituras e discussões de textos, imagens e obras cinematográficas; experiências corporais; trabalhos práticos e teóricos, individuais e/ou coletivos; saídas para estudos de campo; rodas de conversas e análises de produções artísticas produzidas tanto no cenário nacional como dos matriculados na disciplina.

Avaliação:

A avaliação de todo o processo será processual, contínua e cumulativa, considerando-se os seguintes aspectos: assiduidade e pontualidade; participação nas discussões, experiências e atividades; cumprimento das leituras e trabalhos propostos; abertura para o trabalho colaborativo.

Bibliografia

AGUILAR, Nelson (Org.). Mostra do Redescobrimto: arte afro-brasileira. São Paulo: Associação Brasil 500 anos Artes Visuais, 2000.

ALMEIDA, Djaimilia Pereira de. Esse cabelo: a tragicomédia de um cabelo crespo que cruza fronteiras. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

AMARAL, Rita. Xirê! O modo de crer e de viver no candomblé. RJ: Pallas; SP: EDUC, 2002.

ANJOS, Moacir dos. Local/global: arte em trânsito. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005.

ALEXANDRE, Marco Antonio. O Teatro Negro em Perspectiva: Dramaturgia e Cena Negra no Brasil e em Cuba. RJ: Editora Malê, 2017.

ARAÚJO, Emanuel. A mão afro-brasileira: significado da construção artística e histórica. São Paulo: Tenege, 2010.

ARAÚJO, Emanuel (Org.) Textos de negros e sobre negros. São Paulo: Imprensa Oficial/ Museu Afro Brasil, 2011.

Museu Afro Brasil: um conceito em perspectiva. SP: Instituto Florestan Fernandes/ Museu Afro Brasil, 2006.

D'SALETE, Marcelo. Cumbe. SP: Editora Veneta, 2014.

CARNEIRO, Sueli. Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CARVALHO, Francione O. O conceito de interculturalidade e a mediação cultural na escola. In MARTIS, Mirian C. (Org.). Pensar juntos mediação cultural: [entre]laçando experiências e conceitos. São Paulo: Terracota, 2014.

CARVALHO, Francione Oliveira. TEODORO, Thalita de Cassia Reis. Apartado – sala 23: memórias, afetos e corporeidade negra na formação de professores. Revista Cocar, n. 04, 2017. <https://paginas.uepa.br/seer/index.php/cocar/article/view/1549>

CHIARELLI, Tadeu. SILVA, Claudinei Roberto da. LOPES, Fabiana. Catálogo Territórios: artistas afrodescendentes no acervo da Pinacoteca. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2016.

CONDURU, Roberto. Arte Afro-Brasileira. Belo Horizonte: C/ Arte, 2007.

Pérolas Negras Primeiros Fios: Experiências artísticas e culturais nos fluxos entre África e Brasil. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013.

EVARISTO, Conceição. Ponciá Vicêncio. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003.

FELINTO, Renata. Abdias Nascimento e sua pintura da escola do inominável. São Paulo: Ocupação Abdias do Nascimento/Itaú Cultural, 2016.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Literatura negra, literatura afro-brasileira: como responder à polêmica? In SOUZA, Florentina. LIMA, Maria Nazaré Lima. Literatura afro-brasileira. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006. Disponível: http://www.clacso.org.ar/libreria-latinoamericana-cm/contador/sumar_pdf.php?id_libro=257

GOMES. Nilma Lino. Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

HOOKS, Bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

JESUS, Carolina Maria de. Quarto de despejo: diário de uma favelada. SP: Abril Educação, 2013.

LIMA, Dulcilei C. Desvendando Luiza Mahin: um mito libertário no cerne do Feminismo Negro. RJ: Editora Multifoco, 2014.

LODY, Raul. Cabelos de axé: identidade e resistência. Rio de Janeiro: Ed. Senac, 2004.

LOPES, Nei. Enciclopédia brasileira da Diáspora africana. São Paulo: Selo Negro, 2004.

Bantos, malês e identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MARCONDES, Mariana Mazzini et al. (Org.). Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil. Brasília: Ipea, 2013.

Disponível: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=20978

MONTEIRO, Adriano Domingos. A Emergência de um (Novo) Cinema Negro Brasileiro: Representação, Identidades e Negritudes. Anais Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – São Paulo, 2016. Disponível em: portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-0554-1.pdf

MUNAGA, Kabengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MUNAGA, Kabengele. GOMES, Nilma Lino. Para entender o negro no Brasil de hoje: História, Realidades, Problemas e Caminhos. São Paulo: Global/Ação Educativa. , 2006.

NASCIMENTO, Abdias. Teatro Experimental do Negro: trajetória e reflexões. Revista ESTUDOS AVANÇADOS 18, 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100019

OLIVEIRA, Julvan Moreira de. Causos do imaginário e da memória negra: contribuições para uma antropologia educacional. Revista Educação em Foco, v. 21, n. 3, 2016. Disponível em: <https://educacaoemfoco.ufjf.emnuvens.com.br/edufoco/article/view/3196>

PAULINO, Rosana. Arte e cultura afrodescendente na contemporaneidade. In SANTIAGO, Rosemary Ap. UTUARI, Solange (Orgs.). Educação, arte e cidadania: educação para a diversidade na contemporaneidade. São Paulo: Terracota, 2013.

PRANDI, Reginaldo. Segredos guardados: orixás na alma brasileira. SP: Companhia das Letras, 2005.

O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso. In Revista Estudos Avançados 52: Dossiê Religiões no Brasil, 2004.

RAMOS, Lázaro. Na minha pele. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017.

ROMÃO, Jeruse (org.). História das Educação do Negro e outras histórias. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SABINO, Jorge. LODY, Raul. Danças de Matriz Africana: antropologia do movimento. RJ: Pallas, 2011.

SAMARA, Eni de Mesquita (Org.). Racismo & Racistas: trajetória do pensamento racista no Brasil. SP: Humanitas/FFLCH-USP, 2001.

SCHWARCZ, Lília Moritz. Retrato em Branco e Negro: Jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

Lima Barreto: triste visionário. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SCHWARCZ, Lília Moritz. PEDROSA, Adriano (Orgs.). Histórias mestiças: antologia de textos. Rio de Janeiro: Cobogó, 2014.

Histórias mestiças: catálogo. Rio de Janeiro: Cobogó, 2015.

SEVCENKO, Nicolau. Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SOUZA, Marina de Mello e. África e Brasil africano. 2. ed. São Paulo: Ática, 2010.

SILVA, Cidinha da. Sobreviventes! Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o subalterno falar? Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

THOMPSON, Robert Farris. Flash of the spirit: arte e filosofia africana e afro-americana. São Paulo: Museu Afro Brasil, 2011.

VIDAL, Julia. O africano que existe em nós, brasileiros: moda e design afro-brasileiro. Rio de Janeiro: Editora Babilônia, 2015.

XAVIER, Giovana (Org.). Catálogo Intelectuais Negras Visíveis. Rio de Janeiro: Grupo de Estudos e Pesquisas Intelectuais Negras UFRJ/ Editora Malê, 2017.

TEATRO E EDUCAÇÃO - 60h

EDU317

Departamento de Educação

Ementa:

A disciplina pretende discutir e explorar na prática conceitos fundamentais para a aprendizagem teatral e seus desdobramentos pedagógicos, tais como o movimento, o corpo, o gesto, a comunicabilidade, os recursos cênicos, os jogos teatrais, o texto dramático e a improvisação com foco em processos de criação e compreensão da linguagem cênica.

Conteúdo:

- Elementos básicos do teatro (intérprete, público e texto);
- Contação de histórias e oralidade;
- Expressão vocal e corporal;
- Jogos dramáticos e improvisação teatral;
- O teatro na educação de crianças, jovens e adultos;
- Teatro negro brasileiro;
- Linguagens cênicas;
- Encenação teatral.

Metodologia:

Aulas práticas e oficinas teatrais baseadas nos elementos básicos do teatro, improvisações e jogos dramáticos em grupo. Contação de histórias e dramatização tanto individual quanto coletiva.

Avaliação:

A avaliação de todo o processo será processual, contínua e cumulativa, considerando-se os seguintes aspectos: assiduidade e pontualidade; participação nas discussões, experiências e atividades; cumprimento das leituras e trabalhos propostos; abertura para o trabalho colaborativo e participação na apresentação pública final.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

BOAL, Augusto. Jogos para Atores e Não-atores. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

BOAL, Augusto. Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
SPOLIN, Viola. Improvisação para o Teatro. São Paulo: Perspectiva, 2005.
STAAL, Ana Helena Camargo. O jogo teatral no livro do professor. São Paulo: Perspectiva, 1999.
JAPIASSU, Ricardo. Metodologia do ensino de teatro. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

ALEXANDRE, Marco Antonio. O Teatro Negro em Perspectiva: Dramaturgia e Cena Negra no Brasil e em Cuba. RJ: Editora Malê, 2017.
KOUDELA, Ingrid Dormien. Jogos Teatrais. São Paulo: Perspectiva, 1998. Texto e Jogo. São Paulo: Perspectiva, 1999.
MAGALDI, Sábato. Iniciação ao Teatro. São Paulo: Editora Ática, 2004.
NASCIMENTO, Abdias. Teatro Experimental do Negro: trajetória e reflexões. Revista ESTUDOS AVANÇADOS 18, 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100019
RUGNA, Betina. Teatro em sala de aula: guia prático para o professor. São Paulo: Alaúde Editorial, 2009.
ROUBINE, Jean-Jacques. A Linguagem da Encenação Teatral (1880-1980). Rio de Janeiro: Zahar